

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

*A influência de situações de risco na construção de
conhecimentos cotidianos*

Vândiner Ribeiro

*São Leopoldo/RS
Fevereiro de 2007*

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

R484i Ribeiro, Vândiner
A influência de situações de risco na construção de
conhecimentos cotidianos / por Vândiner Ribeiro. --2007.
126 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Vale do Rio
dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.
"Orientação: Prof. Dr. Attico Inácio Chassot, Ciências
Humanas".

1. Educação informal. 2. Construção do conhecimento
cotidiano. 3. Conhecimento escolar - Currículo. 4. Educação
ambiental. I. Título.

CDU 374

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

VÂNDINER RIBEIRO

A influência de situações de risco na construção de conhecimentos cotidianos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/RS como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Currículo, Cultura e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Attico Inácio Chassot

São Leopoldo/RS
Fevereiro de 2007

*À Maria, minha mãe por ser um lindo
exemplo de força e coragem.*

*A Mario, por ser mi cómplice, por su
amor.*

Agradeço...

Ao CNPq que me beneficiou com a concessão da bolsa desde o quarto mês do curso de mestrado. Sair de Belo Horizonte e vir para São Leopoldo a fim de fazer o curso numa instituição paga foi quase uma aventura, pois deixei para trás as fontes de renda que tinha. Sem esta bolsa provavelmente as dificuldades seriam muitas.

A minha mãe Maria, pelas muitas horas de trabalho na máquina de costura para que eu e meus irmãos nos tornássemos pessoas de bem. Pelo exemplo de coragem que serviu para que eu me constituísse em uma mulher de fibra, capaz de correr atrás do que desejo e de enfrentar os obstáculos que a vida pode apresentar. É bom saber que posso contar sempre com seu apoio, com seu amor.

Ao Mario, *mi amor*, pelo incentivo incondicional para o meu ingresso no curso de mestrado e pelos incentivos constantes. Pela paciência em me ouvir ler páginas e mais páginas do que havia escrito, pelos momentos de estudo juntos, por todas as contribuições intelectuais e pelo seu amor.

Ao Attico Chassot, meu orientador, por ter aceitado ser meu parceiro na elaboração deste trabalho. Parceiro, esta é a palavra. Obrigada por acreditar em meu trabalho, dividir comigo as aflições e também as alegrias. Seu entusiasmo diante da pesquisa sempre me serviu de combustível para continuar. Obrigada pelos vários momentos de *shabath* violados para me responder a uma pergunta, ou apenas para me contar uma novidade. Minha caminhada como pesquisadora tem uma marca *chassotiana* de ser, que me permitiu ver o cotidiano como um espaço de construção de conhecimentos e a ciência como menos esotérica e mais exotérica.

Aos moradores da Vila Palmeira, em especial, que colaboraram com a pesquisa empírica desta dissertação, abrindo suas casas para dividir momentos de suas vidas comigo. Obrigada pelo aprendizado que me proporcionaram ao compartilhar suas experiências de vida.

A Wânier, minha irmã querida, que sempre esteve ao meu lado, mesmo distante 1.500 Km, incentivando a minha caminhada acadêmica, pronta para colaborar no fosse preciso.

A Jeh, ao Leo e ao Du, que, junto com a Waninha foram me ver em São

Leopoldo, dando aquela força.

A Maura Corcini Lopes, pelas várias horas de estudo e contribuições intelectuais, pelas *miniaulas* a que se dedicou com entusiasmo contagiante, por me proporcionar contato com teóricos até então não estudados, pela amizade e companheirismo. E, sobretudo, pela colaboração na proposta deste trabalho, dada após leitura atenta junto ao Aloísio Ruscheinsky, permitindo-me rever teóricos e interpretações. As sugestões foram preciosas, pois me fizeram estudar com mais profundidade sobretudo a noção de risco, que hoje me move a outras pesquisas.

A Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca que foi minha professora na graduação na UFMG e que no meu retorno a BH me acolheu no grupo das “Geniais” de maneira tão afável, permitindo-me compartilhar minha pesquisa e receber contribuições do grupo. Agradeço pela atenção e carinho, por ter aceitado ler o texto final desta dissertação e fazer parte da banca.

Às gurias do GEPCE, amigas que dividiram momentos de angústia e alegria durante o curso, pela parceria intelectual. Obrigada pelas discussões teóricas, sugestões e amizade.

Aos professores e professoras do PPGEdU, pelo incentivo e momentos de estudo e discussão tão gratificantes durante o curso.

A Loi e a Saionara, pela dedicação na secretaria do PPGEdU, sempre resolvendo todos os problemas com agilidade e competência.

Aos colegas chassotianos pela troca de idéias e carinho, pela amizade e parceria. Cléria, obrigada pela presença e incentivo.

A Morgana, a Matilde, a Vânia, a Luciane e a Mara, obrigada por serem minhas amigas e dividirem tantos momentos intelectuais e pessoais. Obrigada pelas muitas leituras dos meus textos, pelas sugestões valiosas, pelas rodadas de chimarrão com Foucault, pelas mãos dadas nesta trajetória. Gurias, foi *tri* bom tê-las por perto e poder contar com essa amizade mesmo agora à distância. Dedico minha gratidão e carinho a vocês.

A todos aqueles que fizeram parte de mais este momento de minha vida.

Resumo

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a construção de conhecimentos elaborados sem a contribuição de saberes escolares, aqui denominados conhecimentos cotidianos. Tem-se como foco verificar as situações que podem estimular a construção desses conhecimentos por pessoas com pouca ou nenhuma escolarização formal e que vivem em um lugar onde “fatores de risco” podem ser identificados, seja pela comunidade ou por expertos. Os colaboradores na parte empírica da investigação são os moradores da Vila Palmeira situada na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Há um empreendimento para se conhecer a história da constituição da Vila, para junto às observações do cotidiano, avaliar as situações que possam ter impulsionado a construção de conhecimentos. Analisam-se como os moradores interpretam as situações do dia-a-dia e que estratégias criam para resolvê-las, ou para diminuir os danos que podem apresentar alguma forma de risco. Essas estratégias, que têm como objetivo melhorar a qualidade de vida das pessoas, são entendidas como formadoras de conhecimentos cotidianos. As ações que visam às melhorias do meio – humano e não humano – compreendem o que aqui caracteriza um fazer Educação Ambiental (EA), ainda que, a intencionalidade primeira, não seja esta. Reflete-se sobre as relações estabelecidas na instituição escolar quando se elege os conhecimentos que farão parte do currículo. A posição ocupada pelos conhecimentos cotidianos no currículo é problematizada, analisando-se os interesses que envolvem a escolha dos conteúdos a serem trabalhados na escola. O currículo como resultado de uma construção social, seja ele escolar ou cotidiano, é compreendido como atuante em (re)significações culturais, interessadas e endereçadas. Não se está elegendo um currículo como melhor ou pior, mas acredita-se na possibilidade de um possível “borramento” de fronteiras entre as várias formas de conhecimento.

Palavras-chave: Conhecimento cotidiano//Conhecimento escolar//Currículo//Risco//Educação Ambiental

ABSTRACT

This dissertation presents a research on the knowledge construction without the contribution of the scholar wisdom, called here daily knowledges. The focus is to verify the situations that can stimulate the construction of this knowledges by people with little or no formal scholar instruction, which live in a local where “risk factors” can be identified by the community or by experts. The collaborators in the empiric work of this research are the inhabitants of the Vila Palmeira, located in the city of Novo Hamburgo, in Rio Grande do Sul State, Brazil. There is an effort to know the Vila's development history to assess, along with observation of the daily life, situations that can promote the knowledge construction. The way the residents interpret the daily situations and the strategies they create to resolve or minimize those of them that can be source of risk are analyzed. The goal of these strategies is to improve the people's life quality and they are understood as daily knowledges constructors. Actions that focus on improvement of human and non-human environment include what here is defined “to make” Environmental Education, even if this was not the first intention. There are considerations about the relationships established in the scholar institution at the time the knowledges that will be part of the curriculum are chosen. The daily knowledges position in the curriculum is analyzed along with the interests involved in the content election to be developed in the school. The curriculum, as a result of a social construction, being it scholar or daily, is here understood as acting in cultural (re)significations, with interests and location. There is not a choose of a curriculum as better or worst, but a believe that it is possible to delete borders between the several ways of knowledge.

Keywords: Daily knowledge//Scholar knowledge//Curriculum//Risk//Environmental Education

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
Parte I - DE GARATUJAS A TRAÇADOS - UM CAMINHO SE DESENHA	14
Capítulo 1 - Atravessamentos – um pouco de história	15
1.1 A minha história...	15
1.2 Caminhos que me levaram à Vila	20
1.3 Construindo uma vila, constituindo sujeitos	25
Capítulo 2 - Traçando alguns esboços	33
2.1 Esboços do problema de pesquisa	33
2.2 Esboços de figuras da pesquisadora e da pesquisa	39
2.3 Esboços das unidades de análise	45
Parte II – COM CORES E SOMBRAS – ABSTRAÇÕES TOMAM FORMAS	51
Capítulo 3 – Risco	52
3.1 Tecendo algumas discussões	53
3.2 Olhares sobre “riscos e perigos”	58
3.3 “Para mim... não vejo problema nenhum!”	63
3.4 Na Vila...	69
Capítulo 4 - Um novo olhar sobre o currículo	87
4.1 Um conhecimento à margem do currículo	88
4.2 Currículo, aqui alicerces... logo podem ficar mais escondidos	91
4.3 Relações poder-saber	95
Parte III – COM O PINCEL NA MÃO	100
Capítulo 5 - Um quebra-cabeça no qual podem sobrar ou faltar peças	101
5.1 “Quem culpa suas ferramentas é mau carpinteiro”	101
5.2 Para finalizar, ao menos por ora	112
REFERÊNCIAS	120
REFERÊNCIAS DA WEB	122
ANEXOS	123

Apresentação

Cheguei à minha verdade por diferentes caminhos e de muitas maneiras; não subi por uma escada só à altura donde os meus olhos olham ao longe. E nunca perguntei o caminho sem me contrariar. – Sempre fui contrário a isso. - Sempre preferi interrogar e submeter à prova os próprios caminhos. Provando e interrogando, foi assim que caminhei, e naturalmente é mister aprender também a responder semelhantes perguntas. Eis o meu gosto: não é um bom gosto nem mau; mas é o meu gosto, e não preciso ocultá-lo nem dele me envergonhar. “Este é agora o meu caminho; onde está o vosso?” Era o que eu respondia aos que perguntavam “o caminho”. Que o caminho... o caminho não existe.

Friedrich Nietzsche¹

Escrever a apresentação é algo curioso. É como percorrer os caminhos já trilhados por mais uma vez, agora, talvez com uma vista panorâmica. Enveredei por caminhos que não sabia aonde me levariam; até me perguntei algumas vezes por onde iria passar, mas seguindo as orientações de Nietzsche, percebi que seria preciso percorrê-los para depois conhecê-los. Convido os leitores desta dissertação a caminharem pelos mesmos caminhos que passei, traçados por entre becos, ruelas e trilhas que permitem novos outros, que não estão marcados em um mapa com superfície plana e linhas definidas, caracterizando-se mais pela possibilidade de outros desenhos e novos trajetos. Com este convite vai o desejo de que dividam comigo e até divaguem por esta investigação que traduz meus olhares, minhas interpretações e, também, incertezas sobre o meu objeto de estudo que é o conhecimento cotidiano. O conhecimento é entendido aqui como um artefato social, resultado de atividades humanas. Adoto a idéia de que o “conhecimento não é uma coisa que as pessoas *possuem* em suas cabeças, e sim algo que constroem juntas” (SPINK, 2004, p. 27).

As interrogações que movem esta investigação terão a construção desses saberes que chamo de cotidianos como um conjunto de práticas e não somente

1 *Assim falou Zaratustra..* 2002. p. 152-153

como um objeto de pesquisa. Os sujeitos que constituem e são constituídos por essas práticas serão meus colaboradores numa trajetória que mistura as respostas aos interrogantes de pesquisa a novas perguntas que foram surgindo no decorrer do trabalho. Como característica principal, estes sujeitos serão homens e mulheres que nunca ou pouco freqüentaram a instituição escolar.

Minhas aproximações com o objeto de pesquisa têm fios que o ligam a trabalhos desenvolvidos em lugares que apresentavam situações que colocam em risco a qualidade de vida das pessoas. A maneira como as pessoas encaravam as dificuldades e as estratégias criadas para burlá-las ou resolvê-las me inquietou. Percebi que essas pessoas construía conhecimentos com o objetivo de tornar a vida melhor, e que estes conhecimentos tinham sido constituídos sem o auxílio dos conteúdos escolares, já que maioria de seus construtores pouco tinha freqüentado a escola.

Passei então a rever as minhas experiências como professora para tentar encontrar no currículo das escolas a presença desses conhecimentos cotidianos que me pareciam tão úteis às pessoas. Encontrei alguns em meus “arquivos”, mas a forma como estes eram tratados me incomodava. Foi quando me vi em meio às discussões e reflexões sobre a presença do conhecimento cotidiano no currículo escolar.

A minha história profissional teve atravessamentos na área de meio ambiente, desenvolvendo atividades de Educação Ambiental. Minha aproximação com essas questões estava ligada à idéia de que a busca por melhores condições de vida entrelaçava a construção de conhecimentos cotidianos com o fazer Educação Ambiental. Assumo que toda educação é necessariamente ambiental, por isso, ainda que não seja a centralidade deste trabalho, as questões sobre meio ambiente permeiam esta investigação e, sobretudo a minha forma de encarar as coisas do mundo. Alio-me à Sato e Carvalho, acreditando que

o desafio é o de aceitar que uma pesquisa pode não resolver os dilemas ambientais, bem como reconhecer que a EA situa-se mais em areias movediças do que em litorais ensolarados. Mas, por isso mesmo, a EA pode ser uma preciosa oportunidade na construção de novas formas de ser, pensar e conhecer que constituem um novo campo de possibilidades de saber (2005, p. 12).

A Educação Ambiental assume nesta investigação, parte desse desafio

que tem por objetivo problematizar as ações cotidianas como uma forma de se fazer educação.

Ao enveredar-me pelos caminhos investigativos, precisei avizinhar-me de elementos teóricos que pudessem subsidiar o trabalho que estava disposta a fazer. Um “mosaico” teórico foi sendo elaborado à medida que fui formando os desenhos com os autores que me apresentavam as ferramentas necessárias à pesquisa. Esse “mosaico” se difere dos outros que exigem uma superfície fixa, pois se caracteriza pela flexibilidade de criação de variadas imagens que poderiam ser (re)compostas de acordo com o surgimento das conveniências. Teoria e prática não assumem aqui, posições opostas, sendo partes deste mesmo “mosaico”.

Contando com a contribuição teórica que exponho ao longo do texto e com a pesquisa empírica fui delineando o problema de pesquisa, que, ao contrário do que pensei a princípio, não emerge, não surge, apenas da minha vontade de elaborá-lo. Conhecer primeiro o local da pesquisa – a Vila Palmeira –, bem como começar a (re)mexer os materiais de pesquisa, foi fundamental para que o problema fosse sendo construído e reconstruído a cada nova forma de interpretar as coisas e à medida que acontecia o amadurecimento investigativo. Com o objetivo, até pretensioso, de saber o que poderia influenciar na construção dos conhecimentos cotidianos dei início à investigação que apresento.

O texto desta dissertação foi dividido em três partes: Na primeira, DE GARATUJAS A TRAÇADOS – UM CAMINHO SE DESENHA, faço um esboço do que me moveu à pesquisa, traçando os caminhos e escolhas que me conduziram ao local de investigação. Compõem esta parte o capítulo 1, *Atravessamentos – um pouco de história*, no qual procuro descrever a trajetória que me conduziu ao tema desta investigação, as minhas hipóteses e a escolha do local da pesquisa. Valho-me da história da constituição da Vila Palmeira contada pelos moradores e pela mídia, para conhecer as práticas da comunidade que envolviam a construção de conhecimentos cotidianos, e o capítulo 2 – *Traçando alguns esboços*, no qual faço um retrato de como será estrutura a investigação. Apresento o problema de pesquisa, falo sobre meus encontros e desencontros ao me fazer pesquisadora, delinheiro o *corpus* da pesquisa e, por fim, exponho as

unidades de análise.

Na segunda parte, COM CORES E SOMBRAS – ABSTRAÇÕES TOMAM FORMAS, vejo um esboço se tornar desenho à medida que discuto mais intensamente sobre risco, conhecimento e currículo. Esta parte é constituída por dois capítulos.

O capítulo 3, intitulado *Risco*, é bastante denso. Na busca para entender as estratégias utilizadas na construção dos conhecimentos cotidianos, percebi que estas eram influenciadas pelo risco. Assim, estudar e discutir sobre a noção de risco tornou-se inevitável e primordial. Procuo mostrar neste capítulo a diferença entre risco e perigo, as tramas que envolvem as questões sobre risco, refletindo sobre as interpretações acerca deste, sob o olhar da *expertise* e o olhar da comunidade afetada, bem como a identificação do risco como risco. Para isso, observo o repertório interpretativo dos moradores da Vila Palmeira. Discuto também a influência do risco nas estratégias utilizadas pelos moradores para a melhoria da qualidade de suas vidas.

No capítulo 4, *Um novo olhar sobre o currículo*, problematizo a forma como o conhecimento cotidiano é tratado na escola, ocupando uma posição marginal. As discussões sobre saber e verdade que envolvem o currículo são levantadas, atentando às relações poder-saber que envolvem a eleição do que é e do que não é trabalhado na escola. As seleções para o currículo são entendidas como estratégias que reforçam a constituição de campos de saber, que compõem relações de poder.

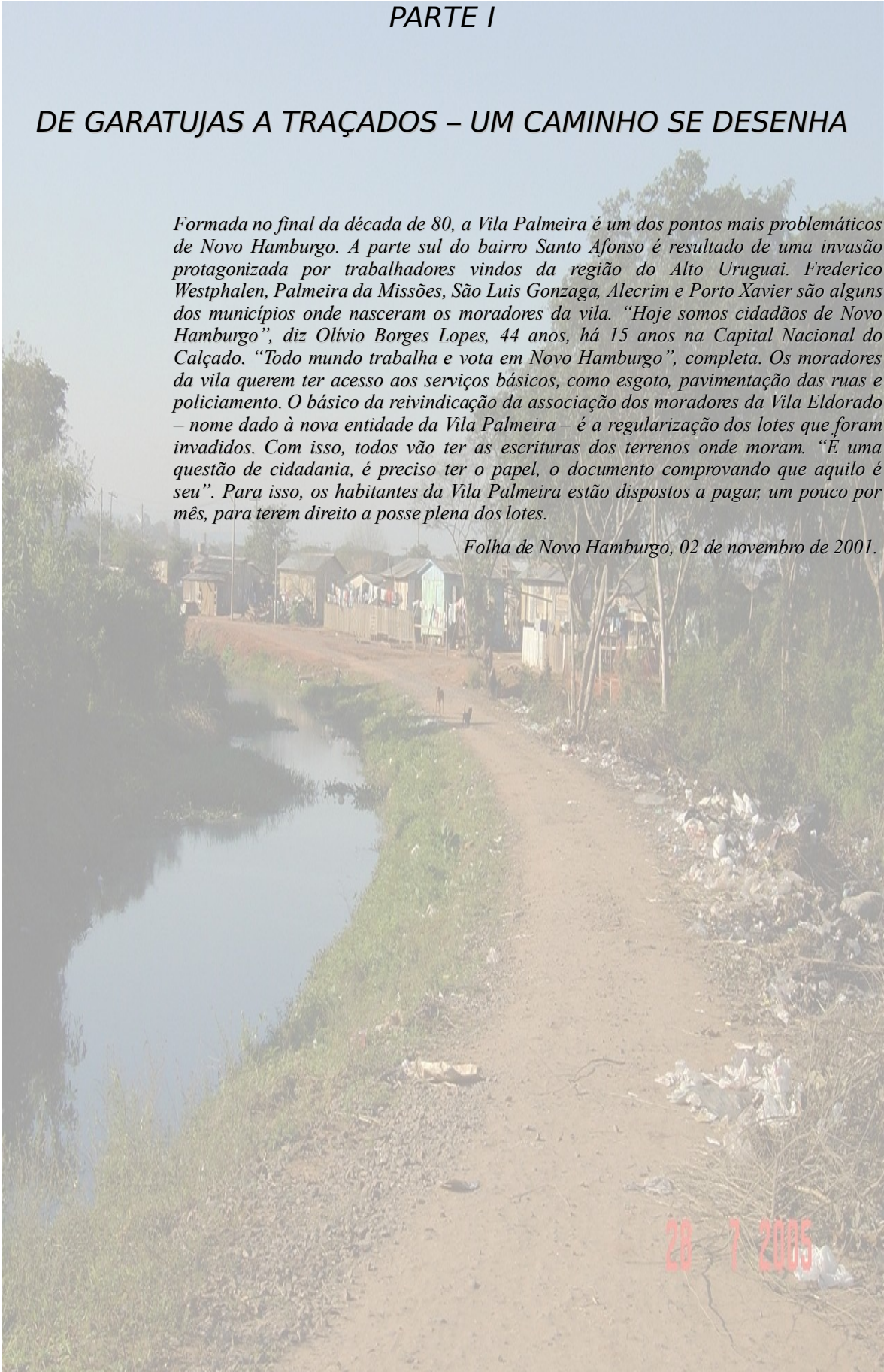
Na terceira e última parte - COM O PINCEL NA MÃO, formada pelo capítulo 5, *Um quebra-cabeça no qual podem faltar ou sobrar peças*, procuro desenvolver as unidades de análise apresentadas no capítulo 2, esmiuçando como foram constituídas e quais análises foram desenvolvidos dentro de cada uma delas. Invisto na análise das questões levantadas no decorrer da investigação, sem a pretensão de fazer conclusões definitivas ou apresentar soluções, pelo contrário, procuro deixar claro que busquei problematizar, levantando as dificuldades que me instigaram na pesquisa e que deixam brechas para muitas outras interpretações.

PARTE I

DE GARATUJAS A TRAÇADOS – UM CAMINHO SE DESENHA

Formada no final da década de 80, a Vila Palmeira é um dos pontos mais problemáticos de Novo Hamburgo. A parte sul do bairro Santo Afonso é resultado de uma invasão protagonizada por trabalhadores vindos da região do Alto Uruguai. Frederico Westphalen, Palmeira da Missões, São Luis Gonzaga, Alecrim e Porto Xavier são alguns dos municípios onde nasceram os moradores da vila. “Hoje somos cidadãos de Novo Hamburgo”, diz Olívio Borges Lopes, 44 anos, há 15 anos na Capital Nacional do Calçado. “Todo mundo trabalha e vota em Novo Hamburgo”, completa. Os moradores da vila querem ter acesso aos serviços básicos, como esgoto, pavimentação das ruas e policiamento. O básico da reivindicação da associação dos moradores da Vila Eldorado – nome dado à nova entidade da Vila Palmeira – é a regularização dos lotes que foram invadidos. Com isso, todos vão ter as escrituras dos terrenos onde moram. “É uma questão de cidadania, é preciso ter o papel, o documento comprovando que aquilo é seu”. Para isso, os habitantes da Vila Palmeira estão dispostos a pagar, um pouco por mês, para terem direito a posse plena dos lotes.

Folha de Novo Hamburgo, 02 de novembro de 2001.



Capítulo 1

Atravessamentos – um pouco de história

Como a vida muda. Como a vida é muda. Como a vida é nula. Como a vida é nada. Como a vida é tudo.

Carlos Drummond de Andrade

1.1 A minha história...

Apesar de este capítulo ser aquele que o leitor² conhecerá por primeiro, foi o que mais demorei a começar, e depois de começado, foi refeito várias vezes, terminando por ser o que recebe sua versão final depois dos capítulos que seguem. Não só para vencer tela por desvirginar, me preocupava ao pensar nos muitos textos iniciais de dissertações e teses que serviriam a bons estudos psicanalíticos, ou bons enredos para escrever dramas. Então, tomei esses textos como anti-referências. Meu intuito aqui é pontuar alguns acontecimentos que me aproximaram das questões que investigo e não tecer uma conversa de divã. *Como a vida muda*, a linearidade não será a marca deste trabalho. O *nulo*, o *nada* e o *tudo* se misturam, formando traçados não previstos.

Faço-me memorista de acontecimentos que atravessaram a minha história e foram desenhando trajetos que misturam algumas escolhas que me guiaram até esta pesquisa. Um aglomerado de temas que se transformaram em interesses de investigação – a Educação Ambiental, o conhecimento cotidiano, o currículo e o risco *socioambiental*³ - foram constituindo este trabalho ao (re)pensar algumas experiências. Não sou capaz de hierarquizar estes interesses na investigação, pois os percebo numa conexão em movimento. Conto, a partir deste momento, sobre as condições que me aproximaram da pesquisa desenvolvida.

Logo que concluí a graduação em Pedagogia, mudei-me, por razões

- 2 Na língua portuguesa usual, quando se escreve uma palavra no gênero masculino, está-se referindo aos homens e às mulheres e não exclusivamente aos primeiros. Com a expansão das discussões sobre gênero, surgiu uma forma “politicamente correta” de se falar e de escrever fazendo inclusões (homens e mulheres, professoras e professores, alunas e alunos etc.), que, infelizmente, não garante a cessação das discriminações de gênero. Acreditando que movimentos neste sentido são válidos e necessários, mas também muitas outras ações são importantes, aclaro que não utilizarei esta forma de escrita, que pode aos olhares de alguns ser entendida como uma exaltação à discriminação.
- 3 Optei por utilizar a palavra *socioambiental*, mesmo fugindo às minhas convicções, pois acredito que deveria utilizar apenas a palavra *ambiental*, concordando com Michèle Sato (2005), quando diz que esta palavra composta é um pleonasma, já que não existe ambiente sem as relações sociais. Porém, pensando que nem todos ainda entendam assim, serei sabida e modestamente redundante com a intenção de reafirmar a idéia de unidade.

profissionais, de Belo Horizonte, Minas Gerais, para uma cidadezinha (aqui o diminutivo é usado como definidor espacial) chamada Costa Marques, no interior de Rondônia, no Vale do Guaporé, na divisa com a Bolívia. Até aquele momento tinha atuado como professora no ensino infantil, fundamental e médio. Queria novas experiências que me permitissem atuar como pedagoga, num ambiente diferente dos já experimentados. A Amazônia enchia-me os olhos.

Fui convidada a elaborar o Projeto Político-Pedagógico de uma escola que estava sendo construída no município de Costa Marques. Esta escola, nomeada de Pólo, destinava-se a receber os alunos de 23 pequenas escolas espalhadas pelo município. Resolvi então conhecer as escolas de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação. Algumas ficavam até 300 km da sede municipal, só atingíveis por barco, e algumas haviam sido visitadas por uma pedagoga ou pessoa ligada à Secretaria de Educação apenas quando foram inauguradas ou durante campanhas políticas. Essas escolas eram multiseriadas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, com mais ou menos 10 alunos cada uma. Normalmente funcionavam num barraco de madeira coberto por sapé, com mesas e bancos construídos pelos pais dos alunos com troncos aproveitados da selva. Eu só havia visto algo parecido pela televisão.

As minhas visitas às escolas se tornaram rotina. A demora da construção da escola Pólo me permitiu aproximar cada vez mais do cotidiano das pessoas que moravam nas comunidades onde estavam as escolas tributárias da nova escola. A maioria da população das comunidades era formada, em grande parte, por ribeirinhos e seringueiros, alguns migrantes da região sul do país e alguns poucos índios saídos de aldeias. Meus contatos com aquelas pessoas foram estreitados quando me filiei à ONG ECOPORÉ (Organização Não-Governamental Ação Ecológica do Vale do Guaporé), que defendia interesses ambientais do Vale do Guaporé, que por sua vez tinha contato constante com uma Associação chamada AGUAPÉ, situada em Costa Marques, que atende aos interesses dos seringueiros. Vi e participei por alguns dias do cotidiano das comunidades (já que em algumas escolas percebia necessidade de passar uma temporada, ou o retorno no mesmo dia era impossibilitado devido às distâncias ou por dificuldade de acesso), e muito cedo comecei a me incomodar com os problemas enfrentados por aqueles homens, mulheres e muitas crianças. Os problemas quase sempre eram de ordem socioambiental, e, usualmente, por consequência

do descaso governamental. Como membro da ONG, associada ao trabalho na prefeitura, ao Governo do Estado (pouco depois) e a trabalhos voluntários no IBAMA, estava cada vez mais envolvida com as comunidades e, conseqüentemente, a trabalhos de EA, elaborando e/ou participando de projetos que pretendiam colaborar com a melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas.

Muitas inquietações presentes nesta investigação derivam de experiências em Rondônia; destas, uma é muito marcante: a percepção de como as pessoas construía conhecimentos para viverem melhor independentes da escola. A dificuldade de acesso às suas casas obrigava-as a viver sem os recursos mínimos oferecidos pelo comércio, tecnologias e inclusive aqueles de assistência médica. Não vou listar os inúmeros conhecimentos advindos desta minha vivência de então, pois estas comunidades não fazem parte desta pesquisa. Apenas como ilustração, relato que mais da metade das professoras de 1ª à 4ª série do ensino fundamental tinham como formação mais elevada a 4ª série do mesmo nível que lecionavam. As professoras buscavam inclusive na floresta, materiais que pudessem ser usados em sala de aula para contribuir com a “transmissão” e elaboração dos conhecimentos escolares. O que mais me chamou a atenção é que muitos dos conhecimentos desenvolvidos em sala de aula não estavam nos livros didáticos, mesmo sendo estes ferramentas muito valorizadas pelas professoras. Estes saberes cotidianos, que naturalmente se faziam saberes escolares, eram trabalhados, muitas vezes, sem o planejamento ou a percepção do valor deles pelas professoras. Estes dificilmente fariam parte da lista de conteúdos de uma escola localizada num centro urbano.

A minha constituição como pesquisadora tem uma marca bastante forte nos interesses voltados às discussões ambientais, que foram instigados neste período em Rondônia. Em meio às atividades que vinha trabalhando, muitos problemas socioambientais eram-me relatados pelas pessoas e outros vivenciados por mim. Esses problemas me pareceram indicadores de possíveis riscos à qualidade de vida. As situações que acredito serem de risco eram muito próximas do cotidiano das comunidades onde estavam as escolas, e isso me afrontava com freqüência. Os projetos e estudos com os quais me envolvi em Rondônia por três anos estavam direcionados à tentativa de pelo menos reduzir os problemas enfrentados por essas pessoas. Após o período em Rondônia, volto

à Belo Horizonte, onde comecei a trabalhar em escolas dentro de vilas/favelas⁴, que apresentavam situações de possíveis riscos muito semelhantes às conhecidas em Rondônia. Agora numa zona urbana, percebia que em comunidades separadas por mais de 3.000 km, os problemas pouco diferiam. As minhas inquietações na área ambiental estavam muito ligadas às questões que podem colocar em risco a vida das pessoas. Mesmo deixando de desenvolver atividades específicas nessa temática, não me desvinculei dela, até mesmo porque ela estava presente no dia-a-dia. O que havia sido um tema profissional e uma vivência pessoal, agora se transforma em parte importante do tema de pesquisa desta dissertação.

As aproximações de minhas experiências com esta investigação foram muitas. Ao pensar sobre as estratégias de sobrevivência num local muitas vezes impróprio à moradia ou com privações impensáveis para muitos, fiz conexões entre os conhecimentos produzidos pelas pessoas e os problemas que enfrentavam no dia-a-dia – muitos dos problemas eu entendia como uma forma de risco. Esta conexão foi percebida quando ainda trabalhava e participava da cotidianidade de comunidades costamarquenses.

Ao ingressar no curso de mestrado, agora no Rio Grande do Sul, estava disposta a pesquisar sobre as inquietações despertadas durante o período em que vivi em Rondônia e nas favelas na região metropolitana de Belo Horizonte. Diante da relação que estabeleci entre conhecimento cotidiano e situações de risco, vislumbrei meu tema de pesquisa: *a construção de conhecimentos cotidianos numa área que pode ser considerada como de risco*, do qual afloram duas hipóteses de investigação:

- a) *situações de risco impulsionam a construção de conhecimentos cotidianos direcionados a melhorar a qualidade de vida;*
- b) *algumas situações-problema podem ser reconhecidas como risco ainda que sejam nomeadas de outra maneira.*

O tema dessa investigação, bem como as hipóteses levantadas, me

4 As palavras vila e favela possuem acepções que as aproximam - aglomerado de casas. Porém, para favela, muitas vezes, as acepções são ligadas a um lugar de mau aspecto, desorganizado, desprovido de higiene e bons hábitos. Já para a palavra vila limita-se a qualquer conjunto de casas agrupadas. Numa leitura mais abrangente, percebo que muitas favelas começaram a ser chamadas de vilas na tentativa de afastar o sentido pejorativo da palavra favela. No Sul, particularmente no Rio Grande do Sul, a palavra favela parece-me ser menos utilizada que no Sudeste. Darei preferência a utilização da palavra vila, também por consideração ao vocabulário utilizado pelas pessoas do local da pesquisa.

conduziu a duas reflexões que também são parte desta dissertação: o currículo como passível a muitas significações e as questões ambientais como parte do nosso cotidiano.

Faço uma pequena digressão para esclarecer sobre a presença da EA nesta dissertação. Desse modo, considero importante tecer considerações sobre a concepção de meio ambiente e EA, que acredito.

A meu ver meio ambiente - também atenta às discussões de possível redundância presente na expressão - é um conjunto de relações culturais e físicas constituído por pessoas, conhecimentos, problemas, transformações... E EA, pode ser compreendida como toda e qualquer educação que atenta à existência do meio humano e do meio não humano, ao qual ela também é integrante. Neste trabalho, não pretendo elaborar uma proposta de EA, mas permitir interpretações que apontem que pesquisas das mais diversas áreas do saber e cultura podem procurar entender as questões ambientais como parte de nossas vidas, que nossas ações podem estar trabalhando a favor ou contra o meio de que somos parte. Não vejo como discutir o tema que apresento sem dar atenção ao envolvimento intrínseco do meio ambiente, sobretudo quando busco entender as relações das pessoas no meio onde vivem. O viés que amarra a EA à construção de conhecimentos cotidianos e às possíveis situações de risco está na relação existente entre as pessoas e o meio não humano, sendo este um espaço passível a mudanças também para melhor - acredita-se que o ser humano não apenas destrói, mas também constrói sem degradar. É relevante pensar que, cotidiana e localmente, está-se fazendo Educação Ambiental, desde o momento em que se procuram soluções para problemas diários, melhorando a qualidade de vida das pessoas sem agredir o meio. Acredito que a busca de melhorias, transformando o meio, com base na construção de conhecimentos cotidianos está constituindo "educadores ambientais", mesmo que os principais envolvidos não se dêem conta da importância de suas práticas. A EA assume caráter de processo permanente nesta pesquisa, o que não a faz tomar uma centralidade, mas uma constância nas discussões.

Feitos os esclarecimentos, retorno à história que me levou às escolhas desta investigação. Diante do tema de investigação, percebi que o risco assumiu centralidade. Com isso, o que me mobilizou e definiu a busca do espaço para a

investigação foi a presença de “fatores de risco”, que circulam nos diversos discursos⁵ expertos e que também a maioria da população leiga considera como de *risco* à qualidade de vida humana. Tomei alguns desses fatores como balizas – moradias inadequadas, ambiente insalubre, ausência de saneamento básico, desemprego, subemprego de risco, higiene precária que põe em risco a saúde, criminalidade etc. Não me interessava se no local eleito estaria uma comunidade “tradicional” (ribeirinha, índia, seringueira), como as de Rondônia, ou uma comunidade urbana, mas as condições nas quais esta comunidade vivia.

Assim, feita a seleção dos fatores citados, comecei a procurar um lugar que apresentasse algumas dessas características. O detalhamento desta busca apresento na próxima seção.

1.2 Caminhos que me levaram à Vila

Elegi como local para a investigação, a Vila Palmeira, situada no bairro Santo Afonso, na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. A Vila Palmeira é parte de um aglomerado de vilas situadas no bairro Santo Afonso. Por este aglomerado não apresentar as subdivisões das vilas em mapa oficial, há dificuldade em mostrar exatamente o espaço físico onde desenvolvo a investigação. Não vi problemas em emaranhar-me um pouco por aquelas ruas e becos sem fazer uma distinção precisa de limites, pois as características de todas são muito semelhantes. Porém, como maior parte dos moradores que entrevistei e que são meus colaboradores nessa investigação se autodenominam moradores da Vila Palmeira, opto por utilizar este nome, para localizar meus leitores.

Neste ponto, considero importante lembrar que a escolha de uma vila, numa zona urbana, não foi uma escolha aleatória. Ter morado em uma vila, em bairros periféricos de grandes cidades e trabalhado em escolas localizadas em favelas também influenciou nessa escolha, pois alguns fatores considerados de risco já tinham sido vivenciados, ainda que não entendidos como hoje. Apesar de parecer algo bastante próximo a mim, escolher uma vila não foi uma decisão

5 Dentre as muitas formas de se entender o conceito de discurso apresentadas por Foucault em *A Arqueologia do saber*, tomo a seguinte: “um conjunto de enunciados na medida em que apóie na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e exemplificar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (2005, p. 132-133).

fácil, pois era preciso uma certa audácia para nomear e enquadrar situações como de risco, segundo minha leitura sobre aquele lugar e não a dos moradores.

Mas por que escolher a Vila Palmeira e não outro lugar? Como havia recém-chegado ao Estado do Rio Grande do Sul, não me sentia habilitada para escolher o local da pesquisa. Comecei então a perguntar a vizinhos e colegas do curso se conheciam algum lugar dentro do perfil que descrevia. Dentre os muitos aspectos desejados, selecionei a localização – que fosse na região geo-educacional da UNISINOS, onde estudei e residi, para facilitar minha locomoção até o local; o tempo de existência – que já tivesse alguns anos, para que os moradores cultivassem raízes no local; a presença de córregos ou rios na região - característica que normalmente atrai povoados; a fragilidade ou ausência de infra-estrutura básica, como o saneamento, energia e transporte, e as características culturais, como histórico de migrações, pobreza, violência, desemprego etc.

Uma colega, ante minha descrição, disse ter uma sugestão e se propôs a me acompanhar à Vila Palmeira, pois havia trabalhado numa escola nas proximidades. Comecei os contatos com a colaboração dela. Imaginei que, se houvesse um líder comunitário, facilitaria o acesso aos demais moradores. Saímos então, literalmente, de casa em casa, em busca de um possível líder. Este foi o início da caminhada dentro da Vila. Localizamos a casa do presidente da Associação Comunitária. Conversei com sua esposa, expondo rapidamente meu interesse. Na noite do mesmo dia, falei com ele por telefone e marquei uma primeira conversa. Nessa conversa, tanto o presidente da associação (Borgueti) como a sua esposa (Eva), que também estava presente, mostraram tanta receptividade e interesse pela pesquisa que já não havia mais dúvida: aquele seria o lugar. Eles disseram que achavam muito importante ver a academia valorizando seus conhecimentos cotidianos e que muitas discriminações que eles e seus conhecidos sofriam, estavam, muitas vezes, ligadas à quase ausência de uma escolarização formal. A minha identificação com os moradores pareceu muito favorável ao propósito da pesquisa.

Depois deste primeiro contato, relembro as muitas voltas que realizei pela Vila e também as reviravoltas dadas por esta, os fatores decisivos para a escolha daquele lugar me passaram como um *flashback*, então me lembrei de

um texto da Sandra Mara Corazza, que diz que a pesquisa nasce do descontentamento do pesquisador com o que ele já conhece.

Para além das exigências cartoriais, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido. Pode parecer pouca coisa, uma banalidade, algo de menos-valia, atribuir a um sentimento o mote para que se investigue, mas não é. Simplesmente porque se alguém está insatisfeita/o com o que está dado, com as formas como avalia, julga, categoriza, pensa determinado aspecto da *realidade*, vai passar tanto trabalho para investigar o quê e para quê? Além disso, para alguém sentir e aceitar que está insatisfeita/o é necessário que, em outra esfera que não a dos dados ditos empíricos, sua experiência de pensamento engaje-se na criação de uma nova política das verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentidos há sentidos (2002, p. 111).

Pensar sobre meu tema de pesquisa exigiu-me a revisão de algumas formas e sentidos que dava às coisas do mundo. Com as minhas experiências, percebi que os muitos problemas enfrentados pelas pessoas, motivavam a busca de soluções criativas que nem sempre estavam vinculadas a saberes escolares ou acadêmicos. Esses problemas que, a meu ver, estavam de alguma forma vinculados a situações de risco e à diminuição da qualidade de vida, pareciam impulsionar a construção de conhecimentos que independiam da escola. As estratégias criadas para se viver melhor são uma constante que me fizeram repensar os sentidos que dava também às minhas insatisfações. Esses conhecimentos construídos sem o auxílio da escola, esses saberes não-institucionalizados, os *conhecimentos cotidianos*⁶, se caracterizam por ações isoladas ou um conjunto de ações realizadas por alguém ou por um grupo de pessoas no dia-a-dia, constituídos pela criação de estratégias para resolver situações que usualmente auxiliam na melhoria da qualidade de vida, muitas vezes tornando-se uma forma de sustento. Identifico os conhecimentos cotidianos como marginais⁷ na escola, podendo causar rupturas na estrutura desta instituição. Para pensar sobre esta ruptura foi preciso romper com a idéia linear de causa e consequência como o princípio gerador das coisas. As dispersões dos acontecimentos seriam então uma nova forma dada aos sentidos. Ao assumir uma nova maneira de ver o mundo, instauravam-se muitos

6 Lendo outras pesquisas e materiais que tratam da questão dos conhecimentos cotidianos, constatei que, usualmente, estes são denominados de conhecimentos populares. Porém, opto por denominá-los de cotidianos, pois um sentido pejorativo à palavra popular não é incomum, estando quase sempre com origem em questões econômicas, ligadas à parcela mais pobre da população.

7 Sobre denominar os conhecimentos cotidianos de marginais na escola, é assunto que será desenvolvido mais adiante quando discutir as questões do currículo.

desafios que me dispus a enfrentar, aprendendo, inclusive, a lidar com a incerteza e o devir. Muitas (des)construções⁸ foram necessárias nesse meu caminhar: a busca de uma *verdade verdadeira* cedeu espaço a possíveis verdades, a interpretação da realidade desvaneceu entre muitas interpretações e uma realidade construída, a linguagem passou a ser entendida como incapaz de esgotar o que se diz sobre as coisas. Enfim, as minhas “verdades” também começaram a ser (des)construídas.

Conhecer primeiro a história de constituição da Vila Palmeira foi o caminho que escolhi, para a partir daí, conhecer também um pouco da história de vida dos moradores daquela comunidade. Foi caro para mim saber os caminhos que foram trilhados por aquelas pessoas até hoje e como aqueles homens, mulheres e crianças foram se constituindo como sujeitos. As muitas conversas com estes é que me permitiram entender os sentidos que davam às coisas do mundo.



8 O termo desconstrução é utilizado, aqui, para se reportar à necessidade de rever conceitos e discursos que instituíram “determinadas verdades”, que acabam por criar empecilhos para outras construções (SPINK, 2004).

Antes de iniciar a próxima seção do capítulo, apresento imagem de satélite que permitem ter uma idéia da extensão da área ocupada pelas vilas do bairro Santo Afonso.

Utilizando a imagem acima, tento contribuir com a formação da “cenário” que montamos ao ouvir uma história. A área ocupada pelas vilas do bairro Santo Afonso possui vários proprietários: a Prefeitura de Novo Hamburgo, a Coobasa⁹ e a família Schmidt. Há ainda uma outra extensão perto do dique que é propriedade do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS. Ao leste, observa-se a planície de inundação do Rio dos Sinos e o arroio Luiz Rau que nele deságua. Um dique de contenção para águas de chuva foi construído a fim de diminuir o alagamento das vilas que estão na planície e também proteger áreas das cidades de Novo Hamburgo e São Leopoldo que alagavam nos períodos de chuva. O dique é esta linha contínua, quase ao centro da figura, que separa a área verde da área urbana. A extensão atrás do dique integra a Reserva Biológica Municipal Fito-Filo Ecossistema de Banhado. A oeste está a Vila Coobasa que comprou o terreno via cooperativa. Esta vila é mais bem estruturada, com os lotes medidos e regularizados, água encanada, energia elétrica, casas mais bem construídas e ruas asfaltadas. Nas outras vilas do bairro, sobretudo a que está próxima ao dique, a infra-estrutura é mais precária, com casas em más condições de uso, alagamentos freqüentes, muitos becos em vez de ruas, o esgoto corre a céu aberto, falta pavimentação, índices de criminalidade e pobreza maiores etc.

Como já mencionado, o aglomerado de vilas do bairro Santo Afonso não faz parte do mapa oficial da cidade. Com exceção da Vila Coobasa, que fez o mapa de suas ruas, as demais não possuem nenhum mapeamento. Segundo os moradores, as ruas e os becos receberam nomes, eleitos por eles, para que as correspondências pudessem ser entregues. Olívio, um dos entrevistados, desabafa dizendo que eles não são considerados cidadãos por não possuírem endereço.

Compartilho com os leitores, a partir de agora, as narrativas que contam

9 A Cooperativa de Consumo do bairro Santo Afonso foi fundada oficialmente em 16 de fevereiro de 1985 e aprovada pelo INCRA em julho de 1985. Seu trabalho de preparação começou em novembro de 1983. A fundação da Cooperativa teve o objetivo não apenas de criar formas de crédito para a aquisição dos lotes na Vila como também gerar condições de renda para as famílias. Assim, por exemplo, abriu-se um mercado para vender hortifrutigranjeiros, as mulheres se uniram para a fabricação e venda de sabão etc. (Jornal NH, 12 de julho de 1985).

acerca da formação da Vila Palmeira.

1.3 Construindo uma vila, constituindo sujeitos

A história de constituição da Vila Palmeira, ou melhor, das vilas do bairro Santo Afonso pode ser contada pelos moradores da vila, pela mídia, ou ainda, por algumas instituições, sobretudo a Prefeitura de Novo Hamburgo. Aqui, darei maior espaço aos protagonistas-moradores, para narrá-la. A história contada pela mídia também será considerada, pois documenta sobretudo as condições de moradia do local.

Fatores histórico-sociais e econômicos contribuíram com o surgimento da Vila. Uma das influências foi o crescimento da indústria calçadista que marcou a região sobretudo nos anos 70 e 80 do século passado. Contribuiu também para com a ocupação, o fato de a área da Vila Palmeira ser uma região “disponível”, sem interesse imobiliário, devido à ocorrência freqüente de alagamentos. A localização próxima às fábricas de calçados também foi fator relevante, pois facilitava a locomoção dos que pretendiam ali trabalhar. Hoje, a importação massiva de calçados e artefatos similares do mercado chinês, a preços bem menores do que os da indústria local, ocasiona graves crises em todo o Vale dos Sinos, desde os anos 90, determinando a expansão de moradores na Vila, sem que esta seja necessariamente acompanhada do aumento de residências e outras condições de habitabilidade. Isso tem levado a região a vivenciar sérios problemas de desemprego, com as conseqüências usuais (violência, miséria, moradias inadequadas etc.).

O êxodo rural tem sido outra razão que leva pessoas à Vila, aumentando a densidade populacional de toda a região. Este também caracteriza a origem da maioria dos moradores. Muitos deles foram pequenos agricultores advindos de regiões coloniais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que vieram tentar uma nova vida na “cidade grande”, buscando melhores condições, especialmente quando a agricultura quase migrou para a monocultura (da soja) com a expulsão de pequenos agricultores e a extinção do minifúndio, a partir dos anos 70.

O *boom* das ocupações do aglomerado do bairro Santo Afonso aconteceu no início da década de 80, numa área que recebeu o nome de Vila Coobasa. Foi

nesta Vila que teve início a constituição das vilas que hoje são cenário desta pesquisa. João, um dos líderes do movimento que buscou a regularização dos lotes da Vila Coobasa e presidente da Cooperativa, desde que esta existe, conta em entrevista um pouco da história.

João: Na área lá embaixo na Palmeira, eu não sou muito ligado, eu não tenho muita participação lá, né? Eles falam muito de Coobasa, que é uma área que tem um assentamento em número bastante grande, porque é uma área bastante grande também. E eu conheço muito bem o trabalho da Coobasa, que foi de onde nasceu os trabalhos a partir de 1981. A Cooperativa foi criada mesmo em 85. Nós viemos numa luta com referência a aquisição da terra e foi justamente quando, em 83, deu-se a construção do dique. Esse foi o motivo que nos chegamos a uma conquista da terra. Antes de 83, a área era desvalorizada, por causa da enchente que tomava conta. Até 85, a enchente chegava nessa rua aqui [o dique está a cerca de 2 km]. Quando construí o dique, o pessoal começou a invadir essa área que começou a valorizar: O que já impediu que as pessoas tomassem lugar no loteamento. Tem uma parte aqui que é de um loteamento de 1981. Nós só tivemos os outros terrenos marcados em 86. Tanto que não se usava, tinha área que era matagal. A gente não sabia quem era dono, quem não era. A área da Palmeira, que fica do lado da Coobasa, é inclusive uma área de preservação ecológica, uma área verde.

Vândiner: Existe algum documento que regulariza isso?

João: Na prefeitura deve ter alguma coisa. Inclusive as ruas que estão na área da Palmeira não consta. A prefeitura não tem nenhum mapa. Nós temos o mapa de toda a nossa área. Aqui em baixo tá a divisa com a Palmeira [mostra mapa feito pela Cooperativa]. A área mais famosa hoje da Palmeira, foi ocupada a partir de 91. Até 90, ela era respeitada, a área usada, era um área bem pequena lá.

Vândiner: A área da Vila Palmeira é uma área de alagamento?

João: Sim. Inclusive ali só tinha uma área que o pessoal jogava futebol. Tinha uma cerca que impedia passar. Não dava pra usar a área na verdade. De repente, depois da construção do dique, a área começou a ser mais adequada, né? Ali houve um movimento, campanha política, onde o prefeito que foi eleito na época desapropriou uma área lá, em julho de 1991.

Segundo o conhecimento que a gente tem, existiam três herdeiras da área. Uma delas rejeitou o valor oferecido pela prefeitura e não conseguiu a desapropriação da área. Mas houve um processo contra a prefeitura. Elas ganharam em todas as instâncias e inclusive está negociado por precatórias. Essa área da Palmeira é uma área de preservação, mas tá ocupada.

Vândiner: Disseram-me que as casas eram sob palafitas, construídas em cima de estacas, por causa dos alagamentos. Era assim mesmo?

João: Sim. Eles foram fazendo cupins de aterro. O lugar é plano... aí vai pondo terra pra colocar as casas em cima. Era uma área baixa mesmo. Foi depois do rompimento de parte da construção do dique que foi feita a constatação do risco. Até dois anos atrás eles tinham conseguido tirar todo aquele pessoal de lá, todos os moradores. Esses dias de chuva a prefeitura tava com os carros todos de plantão, mas não alagou, só ficou tudo úmido. Lá dá muito alagamento, mas dessa vez não deu¹⁰.

João fala acerca da origem das pessoas que vivem na vila.

Todo mundo é do interior; né? Todo mundo vem em busca do emprego. Chega aqui, às vezes não consegue, aí se coloca de qualquer jeito. Faz biscate: pedreiro, construtor, juntador de papel. Geralmente é gente do interior, tem gente da cidade, é um troca-troca,

¹⁰ Em todo o texto utilizo as transcrições literais das falas. Quando coloco reticências quero indicar que houve um momento de silêncio entre as falas. Os textos colocados entre colchetes têm o objetivo de facilitar a leitura, podendo ser explicações, informações, expressão de sentimentos etc.

mas pouca gente.

As ocupações da área foram aumentando com a chegada de amigos e parentes dos já então moradores. Entretanto, a conversa com pessoas que não tinham ninguém como referência do local e, mesmo assim, elegeram a vila como lugar de morada e não outro, despertou minha curiosidade. Esta foi satisfeita quando conversei com Leonida e Olívio, moradores da Vila, que contaram como eles e os vizinhos chegaram até lá e também falaram das condições do lugar. Os excertos das falas dos entrevistados contribuem para constituir outra parte da história.

Vândiner: Vocês poderiam me contar um pouquinho como era a Vila quando vocês se mudaram para cá?

Leonida: Aqui era só mato e banhado.

Olívio: Água não tinha. Era água de poço. A água tinha que ferver pra tomar.

Leonida: Era tudo um grude.

Olívio: Não tinha banheiro, nada. As patente... era patente [latrina] de um lado e poço do outro.

Leonida: Num dá pra dizer nem que a gente sobreviveu!!!

Olívio: A gente passou cada coisa... e às vezes acontece coisa boba.... Em 89, aconteceu a eleição, que se elegeu o prefeito, daí as próprias pessoa que tava trabalhando na campanha falaram que aqui na Vila Palmeira, onde era da família Schmidt, ninguém pagava imposto, e quem quisesse vir, podia vir, que ninguém tirava. Foi o cabo eleitoral deles que falava. Daí começou a invasão lá em cima. Daí começaram a derrubar tudo, colocar machado e motosserra. Cada um derrubava, marcava os lote e vendia. O espertalhão derrubava mais um pedaço, marcava e vendia de novo. Foram vendendo. As pessoas que moram ali, todos compraram dos espertalhão. Eles tão em outras ocupação por aí. Eu acho uma coisa errada dessas ocupações, porque eu acho que a prefeitura deveria ter um plano habitacional que todo mundo pagasse seu lote. Não dá de graça, não dá o peixe, mas dá a vara e ensinar a pescar. As pessoas invadem uma área, vende, planeja uma outra invasão, vai pra outro lugar e veve a vida assim. Vivendo de cambalacho.

Vândiner: E com vocês, como foi? Vocês também abriram o lugar pra morar? Ou compraram?

Olívio: Não, eu não sabia de nada, a habitação que colocou a gente aqui. Quando eu cheguei aqui, não sabia de nada, tinha um irmão que morava aqui. Eu morei com meu irmão e eu morava com a minha mãe. Morei quase um ano com meu irmão numa casa apertadinha. Daí eu fui na habitação e contei minha situação: que vinha de fora, não tinha condições. Daí eu disse que queria um lugar pra pôr uma casa e umas madeira pra eu começar a vida. Daí o Renato me disse, numa sala cheia de pessoas trabalhando: - Olha, rapaz, tu é uma rapaz novo, cheio de saúde. Tu tem que trabalhar pra conseguir as coisa trabalhando. Quando tu tiver condições pra montar uma casinha, tu vem aqui que o terreno nós damo pra ti. Daí eu fiquei numa vergonha!!... Daí eu levantei, pedi desculpas pra ele e saí. Daí eu trabalhava e morava em Canudos [bairro de Novo Hamburgo] com meu irmão. Daí eu trabalhei dez meses. Daí eu contei minha situação pro meu patrão e pedi ele pra me mandar embora. Daí ele entendeu meu lado e disse: - Mês que vem eu vou te dar o aviso. Mas aí eu disse: - Vou ter que trabalhar mais um mês? Ele disse: - Esse mês eu não posso porque é época de sítio. E eu não entendia nada dessas coisa... Mas disse: - Mês que vem eu te dou aviso vencido. Daí eles me pagaram tudo que eu tinha direito. Daí...

Vândiner: Você voltou lá?

Olívio: Não. Como ele tinha prometido, eu comprei a madeira. Comprei a madeira e pedi pra deixar 30 dia. Daí peguei a nota e fui lá. Daí falei com ele: - Eu quero só que dê o meu terreno. E ele disse: - Lote nós não temo, você continua morando lá, onde tu tá, quando nós tiver um local a gente te avisa. Eu disse: - Não, tu falou pra mim, eu venci. Tu me disse que quando eu tivesse a madeira pra montar minha casinha, o terreno tava na mão. Eu comprei as madeira, a nota tá aqui e eu nem tenho local pra deixar as madeira, lá eu posso deixá só 30 dia. E ele disse: - O terreno eu num tenho. Eu disse: - Então eu vou saí daqui e achar um local. E eu já tinha mais ou menos, eu já tinha olhado... era lá na faixinha... eu ia fazer por conta. Eu também ia invadir, todo mundo invadia. Daí eu disse pra ele: - Tô com a madeira comprada, não tenho onde deixá essa madeira, eu vô sair daqui agora, achar um lugar aí, esse fim de semana e eu vou montar minha casinha. Eu fui numa sexta feira. Daí ele: - Isso não pode, isso é crime. Roubar não crime? E quanto ladrão tem em Novo Hamburgo? Fazer uma casinha pra quem não tem onde sobreviver não é tão crime como roubar. Daí eu disse: - Eu vou fazer. E ele disse: Onde é que o senhor vai fazê? Daí eu num disse. - Eu vou sair agora, eu tô com a bicicleta, eu vou saí aí pelas vila e vou achar um terreno. Onde for área verde, eu vou levantar minha casinha. E ele disse: - Nós vamo lá e derrubemo. - Eu sei que ocê derruba, ocês têm a força. Mas daí ocês derruba e vão achar um lugar pra eu ir. Eu moro com a minha mãe e ela tem mais de 70 ano. Não é possível. Eu não posso ficar no meio da rua, dependendo de favor dos outro. Onde eu moro lá é muito apertado, não tem condição. Daí ele disse: - Eu posso arrumá um terreno lá em Santo Afonso. Daí eu disse: - Olha, a vila não interessa, eu vô te falá, eu vim lá de fora, eu vim pra trabalhá, num vim correndo da polícia. Num fundão onde não tem luz e água eu num quero. Daí ele disse: Água e luz lá num tem, mas tá indo lá. Em 30 dia a água tá lá. Hiiii, 30 dia foi grande [risos].

Vândiner: Quanto tempo eles levaram para colocara a água?

Olívio: Quase um ano. Credo! O que a gente passou aqui....

De acordo com Olívio e Leonida, o secretário municipal de habitação de Novo Hamburgo na época permitiu, ou melhor, indicou um local para que construíssem a casa numa área que pertence à família Schmidt (Olívio me mostrou documento que comprova tal propriedade). Outros vizinhos foram incentivados por políticos em momento de campanhas eleitorais, a construírem em local proibido, para depois utilizarem a ocupação imprópria como “moeda” de persuasão para conseguirem outro lugar. Mesmo que a prefeitura considerasse a área como ilegal e invadida, houve apoio institucional ou/e promessa eleitoreira para ocupação. Segundo Olívio, há como provar que tiveram permissão para se instalar naquele lugar, assim sendo, a adjetivação de “invasores” é injusta. A instalação de luz elétrica só poderia acontecer com a permissão da prefeitura para que a companhia de rede elétrica realizasse o trabalho, logo, se a casa possuía energia elétrica, a prefeitura sabia de sua existência, e mais, era conivente com a permanência. Olívio continua:

Olívio: Hoje em dia eles dizem que todo mundo é invasor. Não!!! ... Aqui na Eldorado [rua da Vila Palmeira], em torno de umas 500 casa, eles é que trazia as famílias e marcava o terreno e eu fui um desses. Pra cá foi invasão [aponta o local]. Aí tudo era mata, eu entrava aí pra tirar lenha. Foi a própria prefeitura que trouxe a gente. A rede de

luz nós que paguemo. A luz naquela época, o estado não tinha condições de botá, daí a gente se reuniu várias vezes e fizemo uma proposta pro pessoal pagar uma parte e a outra parte o estado pagava. Daí foi feito. Tanto que na época, até os anos 90 mais ou menos, pra ligá a luz, tinha que pegar uma ordem da habitação, depois que ficou tudo liberado. Num certo tempo eles tinha um controle, daí tinha que pegá uma ordem da habitação, levar na CEEE [Companhia Estadual de Energia Elétrica] pra fazê a ligação. Essa é uma prova que eu tenho, porque na época era controlado. Eles num tem como dizer que as pessoa invadiu. Eles é que querem tirá o corpo fora, pra num dizer que eles é que botaro as pessoas numa área de risco. Por Novo Hamburgo... o plano habitacional que saiu foi no começo dos anos 80, lá no São José, no Kefas, o Projeto João de Barro, não sei se você já ouviu falar? Era um projeto bão, barato, era 470 e.... não sei o que, mas eles podia ampliá pra outras pessoas. Mas fizeram aqui, ali, acho que era o velho Foscarini que era prefeito. Fizeram aqui, ali, e parô. Se eles tivesse expandido aquilo ali pras outras pessoa, tava todo mundo morando bem mesmo.

Vândiner: Por que você disse que aqui é uma área de risco?

Olívio: É uma área de risco por causa do dique, eles não arrumam...

Leonida: Teve gente que fez casa boa ali [nas margens do dique], né? Eles disseram que tinha que saí pra fazer estrutura, mexer ali, arrumar... Tinha roça.. Era bonito vê ali, até... O povo teve que sair:

Olívio: Tem rachaduras no dique...

Leonida: Na época de enchente, eu não durmo; se vem água de lá, num dá tempo nem de pensar. Mas, agora... na época de seca, eles esquecero. Quando começa chover, Deus o livre!!

Olívio: Esses pessoal daquela ocupação ali [na beira do dique], eles entraram ali em 96, na época da campanha do Ayrton, era o PMDB na época. Daí o Ayrton entrou com mil e quinhentas proposta, mas como na política tem muita sujeira, aquele advogado... Ele era candidato a vereador; mandô as pessoas invadi ali. Cê vê!!! Uma área de risco, um lugar perigoso. Botaram nas cabeças das pessoas pra fazer casa ali que forçava a prefeitura a arrumar lote pra eles. A maioria das pessoas que vieram pra cá foram indicadas por político, tudo político.

Vândiner: Então quase ninguém veio sozinho?

Olívio: Não, tudo indicado, tudo apadrinhado. Ninguém veio por conta. Daí as pessoas fizeram casa ali, daí o Olívio [tem o mesmo nome] como era advogado, como era uma área de risco, a prefeitura conseguiu uma liminar pras pessoas voltar pra onde vieram. O juiz deu a liminar aqui de tarde, pra fazer o despejo, daí trouxeram a intimação no mesmo dia. As pessoas tinham até o dia seguinte, até a manhã do dia seguinte, até as 8h pra desmanchar os barracos e voltar pro seu local. Ele [o advogado] foi pra Porto Alegre, de noite, daí ele foi pra lá e conseguiu uma liminar. Quando chegou aqui, ele chegou pelas 9h e pouco, e disse: - Consegui ser atendido, consegui pras pessoas continuarem morando aqui. A prefeitura já tinha ido na brigada [polícia militar], a brigada trancou lá nos fundos e a prefeitura começou a desmanchar os barracos. Aí ele chegou num carro de som., numa camioneta.

Vândiner: Isso em que ano?

Olívio: Em 96, na época da campanha, das eleições, daí ele leu a liminar e a brigada suspendeu os trabalhos. Daí era pras pessoas ficarem no máximo seis meses e a prefeitura tinha obrigação de arrumar um local pra colocar essa gente pra morar. Isso em 96 e até hoje tem gente ali.

Nós tinham uma associação aqui, daí nós... tinha umas pessoas muito acomodadas, daí eu tinha que fazer tudo, aí eu disse: - Vamos fazer eleição... Eles disseram: - Você tem compromisso. E eu disse: - Eu num quero, vou entregar pra outro. Daí eles num quiseram e ficou tudo parado.

Mesmo a prefeitura permitindo a presença das pessoas na Vila ou

compactuando com a situação, as condições de moradia eram e são muito precárias, sem o apoio governamental mínimo para infra-estruturas básicas. Esta situação precária motivou várias lutas por uma melhor qualidade para o local e, conseqüentemente, para a vida dos moradores. A luta pela legalização dos lotes e por infra-estruturas iniciou com a união dos moradores da atual Vila Coobasa. Eles sofreram os primeiros reveses da prefeitura e das herdeiras da área, que até então não utilizavam o local para nenhuma atividade, sendo, portanto, considerado como abandonado. Vale lembrar que a área ocupada mais próxima ao dique, é de propriedade pública (município e governo federal), o que contribuiu para o aumento das dificuldades para a legalização, pois as negociações são em instâncias diferentes. No início da década de 80, os jornais trouxeram várias notícias sobre o movimento que foi nomeado pela mídia de *Comando de resistência* e pelos moradores de *Movimento pelo direito de morar*. A seguir uma dessas reportagens; e outras podem ser vistas nos anexos 1, 2, 3, 4.

Santo Afonso

“Comando de resistência” ficou em vigília para impedir as expulsões

Um grupo de homens conversava embaixo de uma árvore, protegidos do sol quente da manhã de ontem. Na frente da maioria das casas podia-se localizar alguém em vigília constante. Às vezes sentado à porta, outras debruçado na janela ou cuidando das plantas do jardim. “O pessoal está esperando. Nenhuma família vai ser expulsa da vila”, afirmava conviêto um dos moradores, enquanto percorríamos as ruas estreitas da Santo Afonso, no carro do jornal NH.

O conflito já estava caracterizado e os moradores desde iniciado o movimento “Pelo Direito de Morar” vêm se mobilizando em busca de uma solução que beneficie todas as famílias residentes na vila Santo Afonso. Na semana passada, muitas delas receberam notificações do Fórum ou comunicados verbais dizendo que os despejos começariam segunda-feira (ontem). Ainda no sábado, abaixo de chuva, fizeram uma reunião com mais de 100 moradores e decidiram que “nenhuma família seria expulsa”. Para impedir a remoção das casas formaram uma espécie de “comando de resistência”, com desempregados, biscateiros, aposentados e donas de casa.

Na prática, contudo, até as crianças participavam. “Se em dez dias não sair da casa eles dizem que botam a gente na rua”, comentou uma senhora, também ameaçada da expulsão. Além das notificações do Fórum, muitas famílias receberam comunicados verbais.

A pressão, segundo eles, aumentou a partir da semana passada, quando surgiu um projeto de habitação popular elaborado pelos estudantes de arquitetura da Unisinos, com base em levantamento feito na Santo Afonso. Este projeto, aliás, foi apreciado e aprovado pelos moradores.

BOATOS

Por volta das 10h30min de ontem, correu um boato na vila dizendo que as expulsões começariam às 14h. “Quem falou foi um homem estranho que teve aqui de manhã. A gente não sabe se é verdade.” Garan-



Moradores formaram um “comando de resistência” que está em vigília diuturnamente na vila

tiam contudo, que a vigília iria continuar. Cerca de 20 famílias estão na mesma situação. A maioria delas havia assinado um primeiro contrato de compra e venda, mas não dos terrenos onde residem atualmente. “Ficam lá no banhado e a gente parou de pagar porque a prestação tava muito cara e porque não ia resolver o problema de toda a vila. Todos os moradores têm que ficar unidos”, explicou o presidente da Associação Comunitária, Edgar Klein.

Ontem à noite foi feita uma reunião com as famílias e hoje, durante o dia, prosseguiu a vigília. Para a noite, uma outra reunião está marcada com o advogado dos moradores e amanhã à noite, novamente, os estudantes de arquitetura da Unisinos darão esclarecimentos sobre o projeto habitacional que está sendo elaborado.

Jornal NH, 22 de novembro de 1983.

A precariedade da área foi divulgada pela mídia quase diariamente,

durante as primeiras negociações. Com isso alguns problemas foram solucionados ou reduzidos nos locais das primeiras ocupações. Novos moradores foram ocupando os espaços restantes da Vila, o que agravou os problemas não resolvidos, como o esgoto a céu aberto e o aumento de becos em áreas insalubres. Outros receberam novas roupagens, fazendo com que a Vila Palmeira permanecesse nos jornais, como a criminalidade por exemplo. A freqüência das reportagens reduziu e passou a povoar muito mais as páginas policiais, como se pode ver nos excertos apresentados ao longo do texto. Pelas entrevistas e recortes de jornal, sinto que os movimentos por melhorias perderam a força política que tinham. Agora, vejo esta luta mais concentrada junto aos moradores da região do dique, ainda que também enfraquecida. Eles criaram uma outra¹¹ associação de moradores que responde pela rua Eldorado. Olívio, meu colaborador, foi presidente desta nova agremiação.

Olívio: Na época que eu era presidente da associação, nós fomos na justiça pra eles forçar tirá as pessoa dali, ou ligar a água pra eles, porque as pessoas até hoje não têm água ali. A Comusa [Companhia Municipal de Saneamento - Novo Hamburgo/RS] traz a água de caminhão pipa ali pra eles. Desde 96... a situação acontece até hoje!!! Daí nós fomos pro ministério público pra eles tirá as pessoas dali e levar pra terreno digno pra eles morá com dignidade ou ligar a água ali. Eles não ligam porque é área de risco, eles não pode ligar a água. Daí a prefeitura intimô a habitação, o meio ambiente e o secretário de saúde porque é saúde pública! Eu faço parte do Conselho Municipal de Saúde, daí nos fizemos um termo de ajuste[anexos 5, 5a] que eles teriam 90 dias pra tirar as pessoas dali e um ano pra recuperar o valo de drenagem, porque este valo ali... quando eles fizeram o dique, eles fizeram o valo pra dreno do dique. Quando desse enchente... coisa assim... Ele era um dreno, era pra correr água limpa. Mas como tinha um valo pronto começaram a largar esgoto ali. Fica a céu aberto. É um crime ambiental que a prefeitura tá cometendo. E eu peguei tudo aquilo ali, nós descobrimo tudo aqui...ali..., através do Sindicato, falamos com os engenheiro, nós fomos até São Leopoldo, nós fizemos uma reunião com eles. Nós tinha o apoio dos engenheiro, que eles deram uma carta pra nós explicando como é que tinha que ser. Até ali, eles diziam que era proibido canalizar o esgoto e eles levam empurrando com a barriga, até que nós descobrimo. Já passou 5 ano. Esse documento eu tenho, vô te mostrar [anexo 6, 6a].

Vândiner: A prefeitura, tempos atrás, dizia que aqui era uma área de risco, porém, hoje afirmam não ser mais, porque construíram o dique. Você acha que aqui ainda é uma área de risco?

Olívio: E é. Agora deixou de ser depois que eles fizeram. Mas não tem infra-estrutura. Eles só prometem. Olha só a sacanagem deles (mostra jornal) "Município começa regularizar Vilas". Mostra foto da Vila Palmeira... como iria ficar isso aqui... Quem olha, quem de outro município tem acesso ao jornal, olha o jornal e acha que tão melhorando, mas é só no papel.

As melhorias que reivindicavam os primeiros ocupantes do bairro Santo Afonso persistem até hoje. As reportagens dos dois períodos colocadas ao longo do texto e nos anexos (7, 8, 9, 10, 11) mostram que os objetivos de luta do início

¹¹ Existe também a Associação Comunitária da Vila Palmeira da qual o Airton Borgueti é o presidente. Esta, teoricamente, deveria estar atenta aos interesses de toda Vila, inclusive da rua Eldorado. Percebi que, por questões político-partidárias, houve esta separação na comunidade.

da década de 80 não se diferenciam dos objetivos atuais.

A história da Vila Palmeira, bem como a das outras vilas do bairro Santo Afonso, sempre esteve muito ligada à luta pela legalização da área ocupada, independente da forma como esta ocupação ocorreu, e pelas condições mínimas de moradia digna naquele local.

Assim, à medida que ouvia as histórias de constituição das vilas e lia as reportagens que tratavam sobre ela, via meu problema de pesquisa se delinear. No capítulo seguinte, faço um esboço de alguns caminhos percorridos. Entrelaçam-se neste caminho a construção do problema de pesquisa, o meu fazer-me pesquisadora e a eleição das unidades de análise da pesquisa.

Capítulo 2

Traçando alguns esboços

*Alguns pintores transformam o sol em
mancha amarela. Outros transformam a
mancha amarela em sol.*

Pablo Picasso

2.1 Esboços do problema de pesquisa

Desenhar, pintar, muitas vezes apagar e repintar! Penso que é isso que fui fazendo ao longo desta pesquisa. Os temas de pesquisa podem ser os mesmos para muitos pesquisadores, os problemas podem ser semelhantes, mas a forma que se dá a “mancha amarela” é muito particular. Os sentidos que dou às coisas do mundo é que movimentam os traçados da pesquisa, permitindo-me desenhar o já sabido sob um novo ponto de vista.

Conhecer outros sentidos atribuídos ao tema pesquisado foi uma forma de reler meu trabalho, fazer novas conexões e descobertas e criar outras possibilidades para a minha pesquisa. Busquei por estudos e pesquisas que tivessem aproximações ao tema de investigação e nada encontrei que explorasse as mesmas junções. Assim sendo, procurei trabalhos que discutissem os assuntos, mesmo que dissociados, na Educação Ambiental, no risco, nos conhecimentos cotidianos e no currículo. Então descobri que esses assuntos se conectavam de alguma forma aos trabalhos que estava lendo.

Para a Educação Ambiental, usei como fonte a Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA) da Fundação Universidade de Rio Grande – FURG, que disponibiliza trabalhos de todo país desde 1999. Percebi algumas recorrências nesta revista: pesquisas de EA no ensino formal (aqui o currículo é bastante discutido), o risco associado ao uso inadequado dos recursos do meio ambiente, a necessidade de preservação e conservação do meio para evitar riscos à vida humana, a EA como uma forma de gestão dos riscos ambientais. Esses assuntos foram tratados nas mais diversas perspectivas teóricas e formas de entender a EA e o meio ambiente, ora se afastando, ora se aproximando da investigação aqui desenvolvida.

A temática risco, de maneira geral, faz parte dos mais variados discursos. Há certa freqüência nas associações com as questões da saúde, economia, direito e meio ambiente. A utilização da REMEA como referência levou-me a perceber que, diante das questões ambientais, o risco está quase sempre ligado à degradação ambiental, que tem como consequência os riscos à qualidade de vida das pessoas. Em outra fonte de pesquisa, o *site* do Caderno de Saúde Pública, encontrei artigos de Mary Spink (2001) e de Naomar Almeida Filho (2005), que se ocupam com pesquisas e estudos na temática risco. Por intermédio destes autores cheguei ao *site* da Fundação Oswaldo Cruz -FIOCRUZ, cujo portal apresenta e discute conceitos, construções e percepções envolvidas na divulgação de tópicos de saúde, especialmente sob a ótica do risco epidemiológico, ligados a propostas relacionadas à promoção de saúde. Elegi alguns textos para leitura, dentre eles, os de Spink e Almeida Filho. Dois foram mais caros. *Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como uma metáfora na modernidade tardia*, de Spink, que tem como objetivo situar as novas modalidades de uso dos repertórios interpretativos sobre risco, e *Anotações sobre o conceito epidemiológico de risco*, de Almeida Filho que traz uma compilação das reflexões já feitas pelo autor sobre o conceito de risco. As pesquisas e textos de Spink sobre risco me acompanharam por mais tempo, servindo de referencial teórico. As questões relacionadas ao tema risco têm uma grande relevância para pesquisa. O encontro com outros pesquisadores que estudam o tema, ainda que a maioria tratasse de questões distintas da minha, me possibilitou conhecer outras formas de interpretar a temática. No próximo capítulo, dedico-me mais ao assunto.

Na busca pelos assuntos que envolviam a temática desta dissertação, encontrei o currículo como tema muito discutido em dissertações e teses na área da Educação, ainda que as pesquisas não estivessem estritamente ligadas a ele. Assim sendo, optei por ver o currículo quando ligado à questão do conhecimento cotidiano. Na procura, primeiro por artigos e livros que tratassem do tema, percebi que o conhecimento cotidiano estava muitas vezes ligado à educação popular e adjetivado de conhecimento popular ou de senso-comum. Aqui não entro no mérito de fazer as distinções entre os últimos, informando apenas que opto por não utilizar nenhuma das duas adjetivações. Dentro das temáticas currículo e conhecimento cotidiano destaco algumas dissertações que

me serviram de inspiração. A de Antônio Valmor Campos (2006), relevante para as discussões que aqui fui tecendo, mostra que camponeses que cultivam milho crioulo no município de Anchieta-SC, dominam e produzem conhecimento e tecnologia, logo podem ser considerados como pesquisadores. Segundo o autor, homens e mulheres definem currículos próprios, com base na preocupação e no compromisso com o desenvolvimento realmente sustentável, com a preservação da biodiversidade do ambiente e com as tradições culturais, nas propriedades de onde retiram o sustento familiar. A de Denilson da Silva (2003) apresenta discussões que se centram no ensino de Física, anterior à Universidade, com foco na conservação de energia, com base nos saberes cotidianos presentes na transformação de energia quando se usa a roda-d'água. A de Inês Caroline Reichert (1998) aborda uma prática pedagógica no currículo que entende a diversidade cultural como uma questão ambiental. Os conhecimentos cotidianos de famílias de imigrantes que buscam enraizamento no bairro Santo Afonso (Novo Hamburgo – RS), passaram a fazer parte do currículo escolar. Nessas dissertações pude ver o conhecimento cotidiano como uma possibilidade no currículo escolar.

Além desses, outros trabalhos que direta ou indiretamente, estavam relacionados a minha investigação, também contribuíram com uma gama de estudos teóricos para subsidiar meu trabalho. Teoria e prática estiveram juntas desde as primeiras visitas à Vila Palmeira, quando pude ter contato mais estreito com os moradores, fazer entrevistas e colher outros materiais cedidos por eles. Com alguns materiais em mãos, o problema de pesquisa foi se delineando. A idéia de que o problema de pesquisa pudesse ser elaborado antes mesmo de conhecer os materiais com os quais trabalharia, foi abandonada diante das escolhas teóricas e metodológicas que tinha assumido. Em vez de fazer uma lista dos principais teóricos que utilizei como referências, optei por apresentá-los operando ao longo do texto.

Não assumo um enquadramento teórico que engesse minha forma de entender o mundo. Venho criando trilhas que me encaminham a direções que me fazem acreditar em algumas coisas e não em outras. Não creio, por exemplo, que o problema estava escondido em algum lugar da Vila Palmeira à espera de ser descoberto. Ele foi tomando forma à medida que meu contato com os materiais e as pessoas envolvidas na pesquisa se estreitava. Como diz

Veiga-Neto (2002, p. 30), “são os olhares que botamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo”. Acredito que os problemas de pesquisa também fazem parte dessa leva. Neste sentido, segundo o mesmo autor,

[...], não há problema em si – sejam de natureza científica, filosófica, estética, social etc. -, pairando numa exterioridade, inertes num grande depósito à sombra, à espera de serem, antes, encontrados pela luz que lançamos sobre eles e, depois, solucionamos pela razão (2002, p. 30).

A companhia dos teóricos foi indispensável para (re)significar as formas que me constituíam como pesquisadora diante de minhas insatisfações. Neste ponto, lembro Corazza (2002, p. 111) que afirma que “[...] somente nessa condição de insatisfação com as significações e verdades vigentes é que ousamos tomá-las pelo avesso, e nelas investigar e destacar outras redes de significações”.

Criar políticas para as “verdades” foi recorrente neste trabalho. As muitas interrogações que foram surgindo me destinaram a estradas com novos significados, novos questionamentos e novos sentidos às minhas insatisfações, dúvidas e questionamentos. O problema de pesquisa não se reduziu à função de buscar respostas, mas, muitas vezes, fez ferver dúvidas e perguntas que me soaram até mesmo como afrontas pessoais, abalando minhas supostas certezas. “Criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias” (CORAZZA, 2002, p. 118).

O problema de pesquisa me pareceu uma colcha de retalhos com várias possíveis combinações e arremates, sendo formulado e reformulado várias vezes. Os pequenos pedaços de tecido tinham sido escolhidos, com as possíveis combinações a serem feitas, porém faltava o trabalho de ordenar e costurar. Como filha de costureira que sou, tomei os instrumentos necessários ao trabalho - máquina, linhas, agulhas e uma tesoura. Esta última para fazer os devidos recortes, sempre necessários e indicados por meu orientador. Iniciei por juntar as partes, fazendo as combinações dos retalhos, mesmo que, muitas vezes, eu mesma as achasse um tanto exóticas. Alinhavei os pedaços antes de costurá-los definitivamente. Depois de unidas as partes, tomei o cuidado de virá-las pelo avesso, muitas vezes, para me certificar de que os arremates estavam seguros e os alinhavos poderiam ser retirados. A grande “colcha” a ser confeccionada já começava a tomar forma, melhor dizendo, o problema de minha pesquisa

estava sendo constituído em meio aos materiais de investigação.

Novos amarrados foram necessários ao longo da pesquisa, com o surgimento de outros retalhos, que tinham de ser alinhavados e recortados, para que o problema de pesquisa melhor se delineasse. Muitos retalhos podiam ser colocados em outros lugares, formando outras colchas. Houve ainda os retalhos que ficaram de fora, pois escolhas tiveram de ser feitas. Levanto questões com a intenção de gerar novas dúvidas, mostrando o inacabado e as possibilidades de várias respostas. Para entender as condições de possibilidade da construção de conhecimentos fora de um espaço institucionalizado, sobretudo numa área que pode ser considerada de risco, foi preciso investigar o ambiente onde os conhecimentos cotidianos estavam sendo construídos, os discursos que circulavam sobre a constituição do espaço de realização da pesquisa, o repertório interpretativo da comunidade e de expertos sobre risco e as estratégias criadas para a resolução de problemas diários. A seqüência de questões apresentadas me guiou no decorrer da investigação:

- a) Que recorrências discursivas enquadram a Vila Palmeira como uma área de risco?*
- b) Que influências esses discursos podem ter sobre a constituição dos conceitos de risco e perigo pelos moradores da Vila Palmeira?*
- c) Como situações de risco podem influenciar na construção de conhecimentos cotidianos?*
- d) Quais práticas mostram a construção de conhecimentos cotidianos?*
- e) Como os conhecimentos cotidianos aparecem nos enunciados das falas dos moradores da Vila e nos demais materiais?*
- f) Estes conhecimentos podem ser considerados como estratégias para (sobre)viver melhor?*

Com essas questões tenho a intenção de apontar como pessoas que vivem num local que pode ser considerado impróprio à moradia criam estratégias para viver melhor, que verdades são produzidas pela *expertise* e pela mídia sobre o que é risco, subjetivando a constituição de “sujeitos em risco”. As certezas são aqui problematizadas, “o caráter pragmático do pensamento pós-moderno: ele não busca a(s) verdade(s) sobre o mundo, mas

busca *insights*, quais ferramentas que possam ser úteis para o entendimento do mundo” (VEIGA-NETO, 2002, p. 35).

Aventuro-me nas tramas do problema de pesquisa, “ao modo do trabalho foucaultiano, desfocando os olhos das coisas vistas e elevando-os até as visibilidades de uma época; bem como, deslocando-nos da moradia confortável das palavras e das frases, para chegar aos enunciados” (CORAZZA, 2002, p. 119). Os textos analisados (entrevistas e demais) nesta pesquisa não possuem um significado pré-existente, mas são constituintes dos discursos quando enunciados¹². Trabalho aqui com o entendimento de Foucault (2005, p.31), que considera o enunciado “um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente”. Para ele,

trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente por que está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (2005, p. 31-32).

A minha preocupação como pesquisadora é ver a recorrência dos enunciados, acreditando que

o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas (como imagina o pensamento mágico), nem são uma representação das coisas (como imagina o pensamento moderno); ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos. [...] o que importa não é saber se existe uma realidade real, mas sim, saber como se passa essa realidade” (VEIGA-NETO, 2002, p. 31).

Essa dita “realidade” não é algo que possa ser descrito e analisado, de forma a responder “o que realmente é essa realidade”. “Não é possível encontrar a verdade na/da realidade, ou a realidade verdadeira; bem como, não existe a falsa realidade, vista e falada de determinado ângulo enganoso” (CORAZZA, 2002, p. 115).

A crença de que o olhar pode ser distorcido, que há uma realidade a ser desvelada além das aparências, foi se distanciando cada vez mais da pesquisa à

12 Foucault fala sobre o enunciado em vários momentos da *Arqueologia do saber*, em um deles coloca-o como “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço” (2005, p. 9).

medida que eu conseguia me aprofundar e até divagar pelas leituras teóricas. Não busco verdades indiscutíveis entendidas como “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar” (FOUCAULT, 1979, p. 13), busco verdades que acredito ser “o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1979, p. 13). Não acredito na existência de um

porto seguro, onde possamos ancorar nossa perspectiva de análise, para, a partir dali, conhecer a realidade. Em cada parada no máximo nós conseguimos amarrar às superfícies. E aí construímos uma nova maneira de ver o mundo e com ele nos relacionamos, nem melhor nem pior do que outras, nem mais correta nem mais incorreta do que as outras (VEIGA-NETO, 2002, p. 33).

“Novos mundos” podem ser inventados quando não acreditamos na existência de uma “realidade” engessada. Escolhas vão sendo feitas e constituindo a história. Assim pode ser a construção de uma pesquisa: repleta de escolhas.

2.2 Esboços de figuras da pesquisadora e da pesquisa

Exercitei, nesta investigação, um “diálogo” entre teoria e prática diante de uma “realidade” em constante movimento, que me obrigou a um “estranhamento” contínuo diante das “verdades” enunciadas. Lançar-me a um trabalho de cunho etnográfico fez parte deste exercício, no qual o observar, o fazer anotações e o descrever o meio e a cultura das pessoas me fizeram constituir uma “realidade”. Mesmo estando diante de solo “já pisado”, contando com experiências profissionais e pessoais em vilas, a Vila Palmeira é única, e hoje me distancio dessa “realidade” não apenas por uma distância física, mas também por ocupar outro lugar nas relações de poder-saber, me posicionando agora como pesquisadora. A sensação de ser uma “intrusa” foi inevitável, apesar da boa acolhida que me fez sentir um pouco “em casa”. A pesquisadora que se quis fazer etnógrafa utiliza a autorização de (des)escrever também sobre essa tentativa de “ser parte”, sem confundir-me com a idéia de render-me aos modos da comunidade.

Optar por um trabalho de cunho etnográfico como me dispus a fazer foi mais um desafio que enfrentei na minha constituição como pesquisadora. Tive de assumir uma atitude de “estranhamento” a fim de me despregar da tão arraigada concepção de que eu estava ali, na Vila Palmeira, para descobrir

coisas que estariam encobertas por uma palavra de dúbio sentido, ou por uma atitude velada, e que, estando cada dia mais perto das pessoas, poderia desvendar uma possível trama. Foi preciso me despir da idéia que encontraria uma verdade sobre uma realidade, e mais, entender que há mais de um sistema de referência sobre as coisas do mundo que não o meu próprio, que existem também outras formas de pensar, dar valor, classificar, organizar, definir e entender o cotidiano que estava disposta a pesquisar.

Para essa empreitada de pesquisa me equipei com um caderno que serviria de diário de campo, caneta, gravador e máquina fotográfica. Tinha também um “cartão de visitas” com o aval de Eva e seu marido que me facilitou os primeiros contatos dentro da Vila.

O meu (des)escrever foi um (re)compôr uma “realidade” com base nas fotos cedidas por João e nas tiradas por mim, do meu olhar, das minhas seleções, dos materiais de pesquisa: as notas do diário de campo que têm sobretudo minhas impressões do meio, as nove entrevistas com os moradores da Vila Palmeira, selecionadas entre outras, os recortes de jornal cedidos pelos moradores e as manchetes do *SINOSNET* disponíveis na Internet. As notas do diário de campo foram utilizadas sobretudo como suporte dos outros materiais, sendo raramente incorporadas no texto.

Transformei-me numa contadora de histórias com personagens, tempos e espaços reais, com uma “realidade” que tem muito de mim, do meu olhar constituindo as coisas. Assumo como pesquisadora um papel duplamente qualificado de autoria: um da que pronuncia e escreve um texto e outro, assim como afirma Foucault (2005a, p. 26), de autoria como “um princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”. O *corpus* da pesquisa é composto pelo conjunto de práticas que podem ser lidas nos enunciados desses materiais. Nesses enunciados interessa-me perceber as conexões estratégicas entre os conhecimentos cotidianos e as situações de risco, bem como as tramas que envolvem as questões do currículo escolar.

Passo a relatar o que foi desenvolvido na parte empírica desta dissertação, iniciando pelo dia em que fiz uma visita guiada por Eva. A partir desse dia, definições que eu ainda não tinha conseguido elaborar foram-se

desenhando. Considerações foram feitas para este trabalho: os critérios para a seleção dos participantes da entrevista, como as entrevistas foram elaboradas, a seleção dos materiais de pesquisa e como trabalhar com esses materiais.

Na primeira conversa com Eva, ela se ofereceu para uma caminhada pela Vila, a fim de que eu pudesse conhecer melhor o espaço onde desenvolveria a pesquisa. Digo melhor, porque havia dado várias voltas pela Vila quando estava em busca do local de pesquisa.

Imaginei que seria oportuno fazer um roteiro com temas e perguntas, o que pode ser chamado também de uma entrevista semi-estruturada, para desenvolver com Eva durante a caminhada. Pedi-lhe autorização para gravar nossa conversa e a obtive prontamente. Eu não queria uma entrevista repleta de perguntas e respostas objetivas. Minha proposta era estabelecer um diálogo que me permitisse formular novas questões de acordo com o desenvolvimento da conversa. Antes de sairmos, expliquei-lhe com mais detalhes, quais eram os objetivos da pesquisa e que, posteriormente, gostaria de entrevistar outros moradores¹³.

Durante a caminhada, ela contou histórias sobre a sua vida, a de sua família e a da Vila de um modo geral, sempre direcionando o assunto para os saberes cotidianos que constituíam as suas histórias. Isso, ainda antes que eu fizesse qualquer pergunta direta sobre o assunto. Como expõe Rosa Maria Hessel Silveira, lembrando Pertti Alassuutari:

entrevistados não respondem a perguntas sem possuírem alguma concepção sobre a situação em que estão se envolvendo, sobre quais objetivos da entrevista, uma vez que colaborar em uma situação de interação verbal implica, em princípio, algum entendimento da situação que ali se configura (ainda que este entendimento possa não coincidir com o do entrevistador) (2002, p. 126).

Decidimos que iniciaríamos a caminhada pela área do dique. Eva havia me dito que neste local moravam as pessoas mais pobres da Vila e que por muitas vezes os moradores, de um dos lados do valo (em frente ao dique), tinham sido desalojados, pois técnicos da prefeitura avaliaram os terrenos como de risco. Segundo ela, os técnicos associavam o risco à possibilidade de rompimento do dique, “que provocaria uma inundação enorme, incapaz de salvar alguém”. Ressalto que, provavelmente, toda a Vila seria inundada em

¹³ A técnica de entrevista e os procedimentos para a realização das entrevistas foram os mesmos com todos os participantes da pesquisa.

caso de rompimento do dique. Durante o percurso, encontramos muitos moradores conhecidos de Eva. Então ela parava, contava sobre a pesquisa que eu propunha desenvolver e me passava a palavra para que eu explicasse melhor. Em alguns casos sugeriu que entrevistasse essa ou aquela pessoa.

Até neste ponto, eu ainda não havia definido com clareza quais seriam os critérios para a seleção dos entrevistados. A conversa com essas pessoas fez com que os critérios fossem surgindo e se definindo: o maior tempo de moradia na Vila, o envolvimento político-social com a comunidade, o pouco ou nenhum tempo de frequência à escola e/ou os vários anos de moradia na Vila. Com base nos critérios estabelecidos, comecei a perceber, nesses encontros pela rua a importância de entrevistar determinadas pessoas; então já fiz os convites para a entrevista, que seria realizada em outro momento, anotei o endereço e/ou telefone.

Neste mesmo dia passei por uma situação inusitada: Eva era convidada ou se convidava a entrar nessa ou naquela casa, cujos moradores ela julgava importante eu conhecer. Aquele meu roteiro elaborado para conversar somente com Eva teve de sofrer várias adaptações, pois acabei me vendo em meio a entrevistas que não tinha programado. Ao final, as visitinhas “informais” se tornaram entrevistas gravadas que fizeram parte do material de pesquisa. Não podia perder aquela oportunidade, pois a aceitação numa comunidade, mesmo que momentaneamente, não é fácil, e eu me sentia aceita. Aproveitei a oportunidade, ainda que soubesse da necessidade de retomar algumas entrevistas em outro momento. As pessoas falavam com muita liberdade do seu dia-a-dia, da história da construção da Vila, das aflições cotidianas. Contaram sobre suas vidas até chegarem ali e como sobreviviam apesar de todas as mazelas, mas sem lamentações. Todos concordaram com a gravação das entrevistas e, em alguns casos, até se julgaram muito “importantes” por fazerem parte deste trabalho.

Eva e eu já havíamos caminhado por quase quatro horas, quando ela me disse que tinha deixado uns pães amassados crescendo. Apressamos o passo para que estes não desandassem, mas a uma quadra de sua casa fizemos mais uma daquelas paradinhas que durou quase uma hora. Terminei aquele dia com a sensação de uma boa colheita de frutos e agradecida a Eva pela presteza com

que me acompanhou, deixando seus afazeres de lado.

O registro sonoro das entrevistas e posterior transcrição foi o início da constituição física dos materiais da pesquisa. Enquanto conversava/entrevistava as pessoas na Vila, fiz anotações de percepção de sentimentos, gestos e silêncios expressos pelos entrevistados, pois o gravador deixa a desejar neste quesito. Muitas vezes, a união das falas a essas impressões respondeu perguntas não feitas ou completou idéias não expressas.

Utilizo como estratégia de escrita, incorporar excertos de falas ao longo do texto, não deixando para um *gran finale* todas as análises dos dados, apesar de apresentar no último capítulo certa compilação dos dados. Lidar com os materiais ao longo do texto significa mostrar por quais caminhos percorri, ao mesmo tempo em que apresento os enunciados, os discursos, os sentidos que nomeiam e constituem as noções de risco e de perigo e a construção de conhecimentos cotidianos.

Opto por mostrar as ferramentas teóricas operando com os materiais, sendo apresentadas à medida que forem úteis às problematizações levantadas na pesquisa. Vejo como fundamentais neste trabalho as noções de risco e conhecimento, sem deixar de lado a importância das noções de currículo, saber-poder, discurso, verdade. Essas ferramentas, dentre outras, contribuíram com o entendimento das questões levantadas desde o início da investigação, e ainda que não tenham sido colocadas à mostra, é possível perceber a presença delas no texto.

Apoio-me no argumento de Deleuze, em conversa com Foucault, de que uma teoria “é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significativo... É preciso que sirva, é preciso que funcione” (FOUCAULT, 1979, p. 71). O que terá serventia em minhas análises é a idéia da possibilidade de muitas interpretações, sendo a recorrência dos enunciados uma maneira de mostrar as minhas leituras sobre a construção dos conhecimentos. Pensar com flexibilidade permite-me ver nas dispersões da história as possíveis construções dos enunciados. Os métodos e teorias foram se constituindo numa trama que não foi pré-determinada. Como afirma Marisa Vorraber Costa (2002, p. 15), “não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou

outra maneira de conceber as relações entre saber e poder”.

Com base na análise dos enunciados obtidos nos excertos das falas dos moradores da Vila, dos jornais e outros materiais, busco problematizar a relação do risco com a construção dos conhecimentos cotidianos. Escolho os enunciados de acordo com as aproximações ao meu problema de pesquisa, direcionando-me aos “textos” ligados à construção de saberes cotidianos sem o auxílio de saberes escolares, à intencionalidade destes saberes para a melhoria da qualidade de vida, às relações de poder-saber circundantes ao nomear/identificar riscos e como riscos e perigos podem influenciar nas práticas da comunidade. Procurarei fazer leituras “pela exterioridade dos textos, sem entrar propriamente na lógica interna dos enunciados, mas procurando estabelecer as relações entre esses enunciados e aquilo que eles descrevem” (VEIGA-NETO, 1996, p. 185), na tentativa de responder ao meu problema de pesquisa.

Desse modo, assumindo os discursos como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2005, p. 55), os textos analisados nesta investigação não têm um sentido oculto. Atenho-me então, no nível das coisas ditas. Para isso, lanço-me a árdua tarefa de tentar desprender-me

de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de 'reais' intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos (FISCHER, 2001, p. 198).

As “próprias coisas” não se reportam a uma análise lingüística que dará significações. “Quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva e não se determina uma organização léxica nem as escansões de campo semântico” (FOUCAULT, 2005, p. 54). Daí a opção por ler e ouvir os discursos na forma de textos, que não são “como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e palavras: uma trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras” (FOUCAULT, 2005, p. 54). Os enunciados que pude ler e as relações que faço desde as narrativas dos moradores da Vila são colocadas em funcionamento pelo próprio discurso.

Assim, esta dissertação foi elaborada à medida que as idéias eram sistematizadas e (re)pensadas, os elementos surgiam e eram incorporados ou descartados. Os caminhos e os materiais que elegi poderiam ser outros, guiando-me a outras formas de pesquisar e outras respostas. Não tenho a pretensão de fazer um estudo histórico sobre a relação de riscos e conhecimentos cotidianos, mas de identificar as condições de possibilidade para a construção desses conhecimentos na Vila Palmeira, influenciados pelo risco, temática que constitui parte do *corpus* desta pesquisa.

Os óculos - usando uma metáfora kuhniana - que utilizo nas análises de meus dados me permitiram a possibilidade de ver nas arestas, procurar caminhos diferentes dos já conhecidos, sem a pretensão de resolver todos os problemas e apontar um caminho certo (KUHN, 2003). Aventurar por novos caminhos foi algo que me permiti fazer. As unidades de análise que foram sendo construídas apontam algumas das direções tomadas.

2.3 Esboços das unidades de análise

Para sistematizar as problematizações constituídas nesta pesquisa, apresento as unidades de análise cujo objetivo é apreender de alguma forma os discursos dos materiais analisados que estão relacionados à construção de conhecimentos cotidianos impulsionados pelo risco. Para isso seria necessário identificar nas tramas que estão envolvidos os materiais de pesquisa em acordo com as ferramentas de análise, os conhecimentos que são construídos pela comunidade e o repertório interpretativo a respeito de riscos e perigos, detectar as possíveis relações entre construção de conhecimentos e riscos. Para isso, subdivido em dois grupos de análises: *As estratégias de construção de conhecimentos* e *Nomeando riscos e perigos*.

Ainda antes de ter claro meu problema de pesquisa, a recorrência de enunciados que me permitiam fazer agrupamentos persistiam em aparecer no *corpus* da pesquisa. O primeiro, *As estratégias de construção de conhecimentos*, mostra como os moradores da Vila Palmeira criam formas de resolver seus problemas e situações cotidianas sem o auxílio de conhecimentos adquiridos na escola e apresenta outras formas de aprender. Vez ou outra os conhecimentos advindos da escola aparecem nos materiais sob suspeita ou como “dispensáveis” à vida cotidiana, sem ao mesmo tempo deixar de ser parte das

falas. O compartilhamento de saberes é algo que salta aos olhos nos materiais, como “eu aprendi com meu pai”, “aqui todo mundo se ajuda”, “uma mão lava a outra”.

O segundo grupo, *Nomeando riscos e perigos*, evidencia todo o cuidado para que eu, como pesquisadora, não tomasse a existência dos riscos e perigos apenas sob a minha interpretação¹⁴. De modo geral, as palavras risco e perigo foram pouco utilizadas nas falas dos moradores, mas logo percebi que estas eram substituídas pela palavra *problema*. Como também faz parte do cuidado tomado, não se objetivou introduzir novos termos ao vocabulário da comunidade, mas identificar a presença deles ainda que em outras acepções ou interpretações. Não percebi distinção na utilização das palavras risco e perigo pelos moradores. Quando utilizadas, estavam quase sempre ligadas à idéia de criminalidade. Dentro deste grupo é recorrente o discurso de expertos, que nomeiam e identificam riscos e perigos na Vila, sendo os muitos discursos reproduzidos nas falas dos moradores. A presença de instituições assistencialistas é uma maneira de identificar riscos e perigos, pois elas objetivam resolver ou minimizar situações consideradas de risco pela maioria da população – fome, doenças, orientação sexual etc.

Diante destes dois grupos de análise, percebi que seria necessário mais que mostrar os conhecimentos cotidianos constituídos em possíveis situações de risco, seria preciso mostrar como os riscos foram sendo constituídos na Vila e como a relação com eles também foi constituindo os sujeitos. Assim, muitas práticas começaram emergir dos materiais de análise, estreitando a relação com as ferramentas teóricas, respondendo as questões que foram surgindo ao longo da investigação.

De posse das muitas falas dos moradores da Vila e dos discursos que aparecem nos jornais a respeito da Vila, me confrontei com respostas que levavam a novas perguntas, que mostravam que as unidades de análise eleitas por mim eram não mais que algumas possibilidades. Foi marcante ver nos materiais a construção de conhecimentos cotidianos, guiando-me às duas

14 Tomaz Tadeu da Silva fala sobre a interpretação como forma de conhecer, de dar sentido e direção às coisas do mundo, podendo esta ser múltipla. Para ele, “verificar a existência de diferentes interpretações equivale a verificar a existência de diferentes estados das correlações entre forças. Se não houvesse diferenciais de força, a interpretação se fecharia sobre um único sentido e já não seria interpretação, mas ‘natureza’” (2002, p. 45-46).

unidades que comporiam o primeiro grupo: *Conhecimento solidário e Do manual ao "intellectual"*.

O mexer e o remexer do material de pesquisa delinearão uma unidade de análise, pois o conhecimento cotidiano aparece como solidário. O interesse comum, ou talvez as dificuldades comuns, mostraram o conhecimento cotidiano como fator de união entre os moradores da Vila, uma vez que compartilham saberes e se apóiam uns aos outros. A solidariedade é evidente nas construções em mutirão, nas trocas de receitas caseiras que podem curar enfermidades, nos trabalhos voluntários, na participação em reuniões para solicitar melhorias para a Vila. A criatividade é evidente na resolução dos problemas estruturais da Vila, fazendo parte da elaboração de conhecimentos que se materializam pelas ruas e becos.

Da unidade de análise anterior emergiu outra, *Do manual ao "intellectual"*, que foi ganhando espaço à medida que conversava com os moradores. A maioria dos entrevistados estava de alguma forma envolvida com os movimentos sociais do bairro. As minhas questões que antes estavam, talvez de forma preconceituosa, voltadas aos conhecimentos mais ligados aos trabalhos adjetivados de braçais¹⁵ ou manuais, começaram a tomar outros rumos, já que meus colaboradores na pesquisa tinham construído outras formas de conhecimento, ainda que não desprezassem as anteriores como fontes de renda e sobrevivência. Tomo como análise as estratégias criadas para buscar melhorias para a Vila, via mobilização comunitária junto aos órgãos públicos responsáveis. O conhecimento aqui construído, que chamo de "intellectual", é uma faceta dos conhecimentos cotidianos não dissociada da anterior, já que "do manual ao intellectual" não quer indicar uma passagem de um conhecimento ao outro, pelo contrário, indica a possibilidade da construção de um e outro. Um enunciado é bastante marcante nesta unidade de análise: o descaso e o preconceito com quem é pobre. Por várias vezes, os entrevistados reafirmam serem honestos e dignos de respeito. A seleção dessas unidades de análise foi trabalhosa, quando percebi a riqueza dos conhecimentos que eu poderia analisar nos materiais coletados.

15 A adjetivação de braçais aos conhecimentos não tem aqui uma conotação pejorativa, funcionando apenas como indicação de que estes estão relacionados à construção que se materializa com a feita pelas mãos. Os chamados de "intelectuais" também não estão sendo hierarquizados acima dos primeiros, pois estes estão aqui relacionados aos que se materializam, principalmente, por meio da utilização da retórica.

No segundo grupo, que chamei de *Nomeando riscos e perigos*, os trabalhos desenvolvidos por Spink (2001, 2004, 2004a) me serviram de inspiração. A eleição das unidades de análise desse grupo foi ainda mais difícil que do primeiro. A dificuldade maior estava em não priorizar a minha leitura sobre o que poderia ser risco ou não, em detrimento ou comparação com as interpretações dos moradores. Foi preciso também não partir da idéia de pré-existência de riscos e perigos que levassem em consideração as minhas experiências e valores, ainda que, para a escolha da Vila, eu tenha nomeado algumas situações como de possíveis riscos. Foi preciso apoiar-me no princípio de que o risco é uma construção e que ele pode ser nomeado de diferentes maneiras, podendo existir situações em que este é considerado como risco para uns e para outros não.

Dentro desse grupo foram eleitas outras duas unidades de análise. Iniciei a busca pela utilização das palavras risco ou perigo nas falas obtidas nas entrevistas, o que levou à unidade – *Problemas também são riscos*, na qual procuro recorrências de situações e eventos em que os moradores falam dos problemas que os afligem na Vila. A palavra problema é assumida em muitos momentos como o sinônimo da palavra risco. Os jornais são outra fonte rica em recorrências de discursos que indicam situações-problema, principalmente os voltados à pobreza ou à criminalidade.

A outra unidade de análise, *O risco mobiliza*, mostra como o risco impulsiona a criação de estratégias para a resolução dos problemas cotidianos. As práticas analisadas são consideradas uma maneira de buscar melhores condições de vida. Mas como saber se as situações consideradas de risco impulsionam a construção dos conhecimentos cotidianos? Em primeiro lugar, procurei identificar as práticas que indicavam construção de conhecimento. Depois, por meio das entrevistas e observações de campo, fiz as relações entre essas práticas com os problemas citados pelos moradores e pela mídia. Um conjunto de estratégias para resolver os problemas foi se desenhando e tomando forma.

Sobretudo neste último grupo de análise, diferentes formações discursivas, física e historicamente dispersas mostram a constituição dos sujeitos que vivem em áreas que possuem fatores considerados de risco, como

pobreza, desemprego, criminalidade, falta de infra-estrutura básica, baixo índice de escolaridade etc. (anexos 12, 12a, 13, 13a, 14). Os conhecimentos expertos aparecem aqui indicando o que é ou não risco e perigo à vida das pessoas, utilizando como balizas os “saberes científicos”. Por meio destes procuro mostrar o quanto esses discursos são constituintes das falas dos moradores da Vila ao nomear risco e perigo.

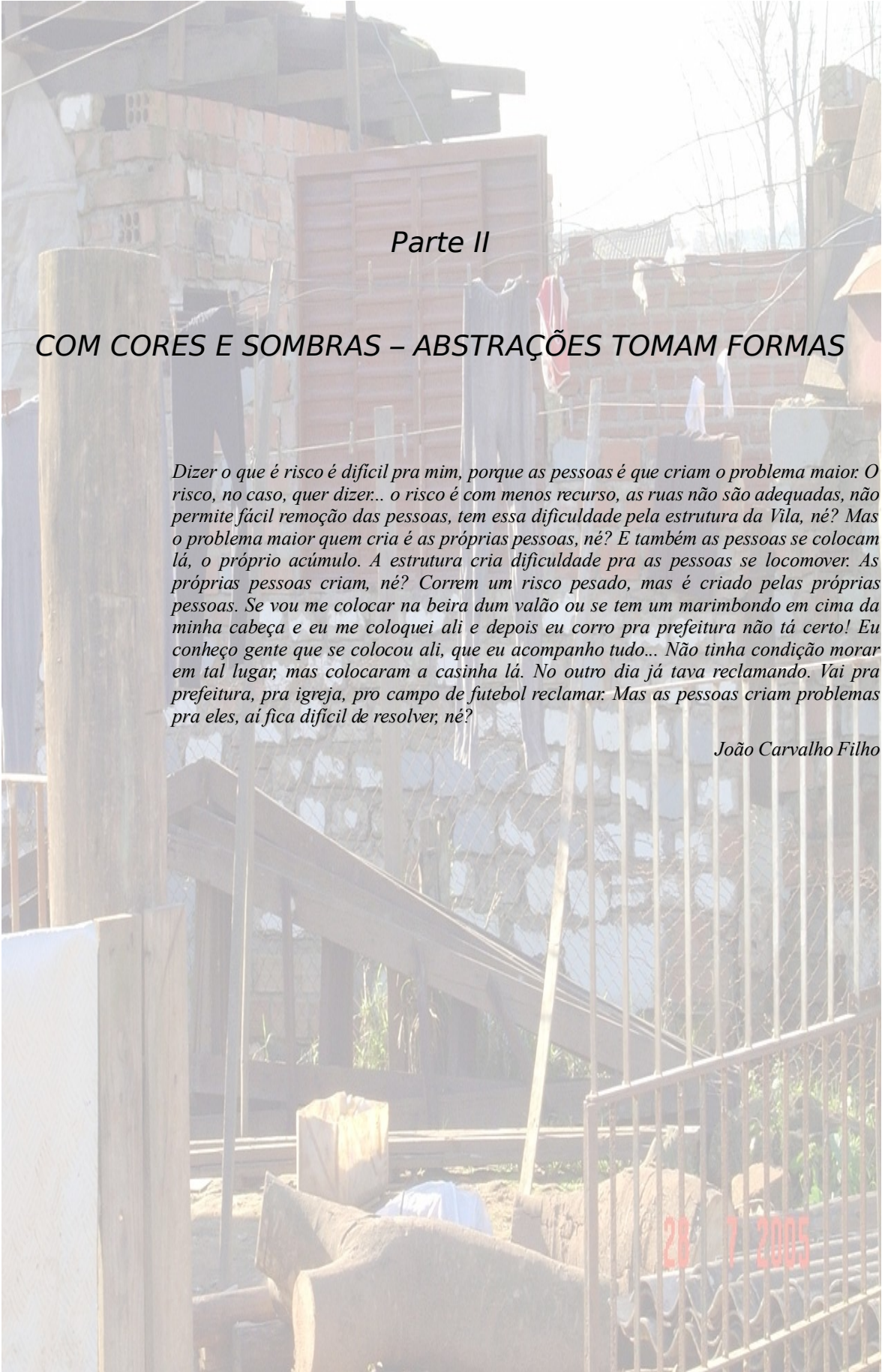
Uma preocupação que faz parte das análises é o discurso curricular sobre a construção de conhecimentos. Os enunciados dos materiais indicam uma formação curricular que mantém os conhecimentos cotidianos em lugar de menos valia que os escolares, sendo a legitimidade dos conhecimentos estabelecida pelas relações de poder. Sobre os currículos, percebo a constituição de um conjunto de verdades a respeito do que é mais ou menos válido, instituindo uma seleção do que deve e do que não deve ser parte do currículo.

Ainda que a pesquisa seja realizada fora da escola, os discursos que constituem as escolhas curriculares estão engendrados nas falas dos moradores, indicando os conhecimentos que a escola valoriza. Essa discussão assume importância principalmente quando se percebe que as classificações e escolhas acabam conformando um determinado tipo de subjetividade.

A elaboração dessas unidades de análise levou-me a entender as estratégias que envolvem a construção dos conhecimentos sem o auxílio dos saberes escolares. A noção de risco que assumiu centralidade na investigação mereceu maior dedicação à medida que os materiais de análise eram (re)mexidos por mim, conduzindo-me a novos caminhos.

Por entre esses caminhos, a noção de risco me foi interpelada. As pessoas da Vila se mostravam construtoras de conhecimentos de uma maneira muito parecida com a que inicia alguns processos de construção de conhecimentos na academia – por uma inquietação, um problema. Foi isso, pelos problemas é que percebi o movimento em torno desta construção. Desse modo, buscando conhecer estes problemas que mobilizavam a construção de conhecimentos cotidianos é que cheguei ao risco. Percebi que as situações que envolviam “fatores de risco” eram consideradas um problema pelos moradores da Vila. E como este problema normalmente colocava em risco a qualidade de vida das pessoas, soluções eram buscadas para ele, gerando, desta forma,

conhecimentos. Daí a ligação entre risco e construção de conhecimento cotidiano. No próximo capítulo, falarei sobre o conceito que risco, ferramenta utilizada na pesquisa e até então era muito nova para mim.



Parte II

COM CORES E SOMBRAS – ABSTRAÇÕES TOMAM FORMAS

Dizer o que é risco é difícil pra mim, porque as pessoas é que criam o problema maior: O risco, no caso, quer dizer... o risco é com menos recurso, as ruas não são adequadas, não permite fácil remoção das pessoas, tem essa dificuldade pela estrutura da Vila, né? Mas o problema maior quem cria é as próprias pessoas, né? E também as pessoas se colocam lá, o próprio acúmulo. A estrutura cria dificuldade pra as pessoas se locomover. As próprias pessoas criam, né? Correm um risco pesado, mas é criado pelas próprias pessoas. Se vou me colocar na beira dum valão ou se tem um marimbondo em cima da minha cabeça e eu me coloquei ali e depois eu corro pra prefeitura não tá certo! Eu conheço gente que se colocou ali, que eu acompanho tudo... Não tinha condição morar em tal lugar, mas colocaram a casinha lá. No outro dia já tava reclamando. Vai pra prefeitura, pra igreja, pro campo de futebol reclamar. Mas as pessoas criam problemas pra eles, aí fica difícil de resolver, né?

João Carvalho Filho

Capítulo 3

Risco

Ao contrário do que em geral se crê, sentido e significado nunca foram a mesma coisa, o significado fica-se logo por aí, é directo, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer; ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundo, terceiros e quartos, de direcções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista, o sentido de cada palavra parece-se com uma estrela quando se põe a projectar marés vivas pela espaço fora, ventos cósmicos, perturbações magnéticas, aflições.

José Saramago¹⁶

Os muitos sentidos que encontrei para as noções de risco e perigo nos materiais analisados me mostraram as inúmeras direcções que a investigação poderia tomar. Não pretendo fazer um estudo sociológico, menos ainda ater-me a essas duas noções apenas na ótica de aspectos físicos. O meu foco principal é a Educação, e foi investigando sobre a construção dos conhecimentos que as noções de risco e perigo ganharam espaço. A Educação de que trato aqui não se restringe aos muros escolares, preocupa-se também com os conhecimentos produzidos fora das instituições e que muitas vezes são renegados por estas. Segundo Attico Chassot (2001, p. 221), “a escola não só vira as costas para o saber popular, como o despreza ao cortejar o saber institucionalizado”.

A princípio, a ideia de risco estava vinculada às questões de EA que me envolveram por alguns anos, mas acreditando que toda educação seja ambiental, consegui ver esta de forma mais abrangente. A busca de soluções aos problemas do dia-a-dia passou a ser para mim uma forma de se fazer Educação Ambiental e que tem como produto a construção de conhecimentos. Então percebi que era importante falar de uma Educação que procura aceitar múltiplos olhares e ambiciona (des)construir algumas formas de se pensar e de se fazer educação.

As características estruturais da Vila Palmeira e as condições de qualidade

¹⁶ *Todos os nomes*. 2003. p. 134-135

de vida dos moradores relatadas nas entrevistas e nos jornais e observadas durante a pesquisa empírica levam-me a entender que a divisão do risco privilegia alguns grupos sociais quanto às formas de exposição, quanto à intensidade das conseqüências, e, ainda, quanto às possibilidades de proteção – pobres geralmente têm menos possibilidade de se proteger dos riscos. Fazer esta pesquisa numa vila tornou-se então um diferencial que mostraria certas formas de construção dos conhecimentos que, de acordo com minha hipótese primeira, o risco influencia na produção dos conhecimentos cotidianos. A afirmação de Beck (1998, p. 29), que “os riscos da modernização afetam mais cedo ou mais tarde também a quem os produz ou se beneficia deles”¹⁷, me conduziu a estudos para pensar acerca da distribuição não igualitária destes, bem como das estratégias criadas para se proteger dos riscos. Estas e outras discussões fazem parte da próxima seção deste texto.

3.1 Tecendo algumas discussões

O objetivo principal deste capítulo não é desenvolver uma teorização sobre risco, mas tecer algumas discussões acerca deste conceito que atua nesta investigação como uma ferramenta que me auxilia na busca de possíveis respostas aos questionamentos do problema de pesquisa.

Os riscos têm sido uma das principais fontes de preocupação e de mobilização política. Num mundo de incertezas fabricadas, as definições dos riscos passam a ser formuladas como estratégias de poder. A chamada de expertos na construção dessas definições cria formas de credibilidade diante dos *leigos* (BECK, 2002). De acordo com Beck (2002, p. 7), “na sociedade do risco¹⁸, áreas de intervenção e ação política que aparentemente carecem de importância, estão cobrando extraordinária relevância, e mudanças “menores” induzem transformações básicas em longo prazo no jogo de poder da política do risco”. A sociedade do risco une áreas do saber que eram ou tinham sido pensadas separadamente. Há necessidade de abertura ao processo de decisão, pois assumir várias decisões e formular várias definições não é a escolha mais sábia, num mundo onde as incertezas tomam conta de todas as esferas da vida.

17 Todas as citações de Beck são traduções do espanhol, de minha autoria. Da mesma maneira, as demais traduções indicadas ao longo do texto.

18 Expressão criada por Beck. Pode-se ver mais em *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Traducción de Jorge Navarro, Daniel Jiménez y Maria Rosa Borrás. Buenos Aires: Paidós, 1998. Nota minha.

A sociedade do risco sobressai pela capacidade reduzida de controlar os riscos que viemos criando. Sentimo-nos como numa areia movediça quando diante da necessidade de tomar decisões em condições de tantas incertezas fabricadas. Por um lado está a ausência de conhecimentos disponíveis para determinados perigos e, por outro, a “crueldade” de que os novos conhecimentos demonstram novas incertezas.

A tese principal de Beck sobre a *sociedade do risco* é que a produção de riquezas está sistematicamente caminhando junto a um processo de produção de riscos. A ele interessa saber como ocorre a distribuição dos riscos na sociedade contemporânea. Uma questão sobressai para o autor: a de que os riscos que emergem dos processos tecnológicos são globais e não individuais, podendo ameaçar todo o planeta. O risco nuclear é um exemplo. Tomando o que diz Beck (1998), estamos diante de uma contradição nesta *sociedade do risco*: os riscos cada vez mais globais são vividos cada vez mais individualmente. Os problemas estruturais (desemprego, falta de moradia, fome, etc.) têm se transformado em riscos que são assumidos pelos indivíduos, perdendo sua dimensão social e política. Com isso, esses problemas começam a ter explicações individuais, como resultado de “incapacidade” ou uma “má escolha”. “O discurso sobre o risco, especialmente quando enfatiza os estilos de vida, serve como um agente foucaultiano de vigilância e controle, difícil de ser desafiado” (LUPTON, 1993 apud GUILAM, 1996)¹⁹. Este discurso desvia a atenção das causas estruturais que colocam as pessoas em situações de risco, tornando cada um responsável por suas escolhas.

Ainda que os estilos de vida sofram rupturas, diferenciando-se dos tipos tradicionais de ordem social de maneira sem precedentes (GIDDENS, 1991), aspectos da sociedade industrial ainda prevalecem na contemporaneidade. Beck (2002), vê as épocas e culturas pré-industriais como sociedades de catástrofe, que com o curso da industrialização se tornaram ou estão se tornando uma sociedade do risco *calculável*. François Ewald é uma das fontes para discutir acerca deste tema, pois fez análises históricas sistemáticas. Para ele, nas palavras de Beck,

a sociedade do risco começa onde os princípios de cálculo da sociedade industrial se submergem e anulam a continuidade da

19 Site não oferece paginação. Disponível na Internet.
<http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/maryfim1.htm>

modernização automática e tempestuosamente triunfante. A sociedade do risco nega os princípios de sua racionalidade. Faz tempo que os deixou para trás porque opera além dos limites do assegurável (2002, p. 139).

O que teve início com a *calculabilidade* se defronta exatamente com o seu oposto, a *incalculabilidade*. A modernização se torna uma ameaça a si mesma, com novos conflitos entre os interesses que a formam. O assegurável não é mais assegurável, os estilos de vidas são flutuantes dependendo das condições sociais e do meio. Diante da imponderabilidade dos riscos, as incertezas são intensificadas, expondo as pessoas a novas facetas freqüentemente.

As discussões sobre os diversos tipos e nuances de riscos e de perigos é preocupação que ocupa cientistas, técnicos e população *leiga*, culminando em variadas interpretações sobre o assunto. A utilização das noções de risco implicou invenção de mecanismos de prevenção e controle que estão ligados a saberes peritos em várias áreas, responsáveis por identificar “zonas de risco” (LUPTON, 1999) e fatores potenciais de risco, para, a partir daí, criar medidas de administração e prevenção. Nessas “zonas de risco” percebo o enquadramento das vilas/favelas devido ao conjunto de fatores que expertos nomeiam como potenciais de risco. A estatística pode ser uma das ferramentas responsáveis pelas informações a respeito da possibilidade de ocorrência dos riscos e perigos.

Diferentes teóricos, como Beck (1998), Giddens (1991), Spink (2001), Castro (2001), têm-se ocupado em discutir sobre a origem e sentidos das palavras risco e perigo. Em geral, as discussões se aproximam bastante. As palavras *risco* e *perigo* são ambivalentes, o que nos faz admitir que sempre se possa dizer algo mais sobre determinada coisa. As duas palavras estão imbricadas de tal forma nos materiais de pesquisa que muitas vezes parecem se confundir, mesmo que não signifiquem, necessariamente, a mesma coisa. Nas acepções que aparecem em muitos dicionários da língua portuguesa, risco e perigo são colocados inclusive como sinônimos, o que demonstra esta confusão, que pode advir de sua etimologia. Segundo Susana Aneas Castro (2000)²⁰, com base em alguns lingüistas, o termo risco

20 Site não oferece paginação paginação. Disponível na Internet. <http://72.14.209.104/search?q=cache:ji9chu6Srksj:www.cepsuc.cl/apuntes/PROBLEMAS%2520PSICOSOCIALES/Jaramillo/Resumen%2520DE%2520LA%2520PELIGROSIDAD%2520AL%2520RIESGO,%2520Castel.d oc+de+la+peligrosidad+al+riego+castel&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1>

se relaciona com o castelhano antigo *resegue* (ressecar, cortar), cuja acepção, muito usada na Idade Média, é sinônimo de luta, contradição e divisão. Por isso se pensa que provavelmente todo o grupo *riesgo-risco* procede do latim *resecare*, cortar, que tem dupla acepção: por um lado divisão, discórdia e por outro, lugar quebrado e intrincado. Etimologicamente risco provém de *rísico* ou *rischio* (perigo). Acredita-se que pode ter origem comum com a palavra castelhana '*risco*': penhasco escarpado, obstáculo, pico, antigamente '*riesco*', que se aplicava também ao perigo que corria quem transitava por obstáculos ou picos escarpados (*rhizicare*)²¹.

Para Spink (2001), o risco está associado à possibilidade de eventos a acontecer, num momento histórico quando se acredita num futuro programável, controlável. Com o capitalismo, aumenta-se a estreiteza entre previsão de futuro e risco, marcado pelo cálculo dos riscos. O avanço do cálculo das probabilidades é definitivo para que o risco seja assumido como instrumento fundamental de governo. Foi neste contexto, que surgiu a gestão do risco, ancorada ao Estado de Bem-Estar Social, com as preocupações sanitárias ainda no século 19. Porém, apenas no século 20, acontece o aperfeiçoamento das técnicas de cálculo dos riscos, ocasionando o surgimento do campo do saber: *gestão de riscos* - um fenômeno da contemporaneidade, um “[...] campo que resulta do casamento entre o cálculo de probabilidades e a herança da função política da estatística, e que irá gerar os sofisticados modelos de análise de riscos” (SPINK, 2001, p. 1.280).

Na contemporaneidade tanto o termo risco como perigo sofreram alterações, dados os novos processos de constituição da sociedade. Em um dos seus possíveis sentidos, risco pode ser entendido como *a probabilidade de acontecimento de um perigo* e um perigo pode ser entendido como *um acontecimento atual*. Por exemplo, uma onça com fome é perigosa, mas somente será um risco se ela estiver perto de você; esquiador não é perigoso, mas pode ser considerado um risco, pois existe a possibilidade de uma avalanche. Para Giddens,

perigo e risco estão intimamente relacionados, mas não são a mesma coisa. A diferença não reside em se um indivíduo pesa ou não conscientemente as alternativas ao contemplar ou assumir uma linha de ação específica. O que o risco pressupõe é precisamente o perigo (não necessariamente a consciência do perigo). Uma pessoa que arrisca algo corteja o perigo, onde o perigo é compreendido como uma ameaça aos resultados desejados. Qualquer um que assume um 'risco calculado' está consciente da ameaça ou ameaças que uma linha de ação específica pode pôr em jogo. Mas é certamente possível assumir

21 Tradução do espanhol.

ações ou estar sujeito a situações que são inerentemente arriscadas sem que os indivíduos envolvidos estejam conscientes do quanto estão se arriscando. Em outras palavras, eles estão inconscientes dos perigos que correm (1991, p. 42).

Todos, e permito-me generalizar, provavelmente já experimentaram alguma forma de perigo. O que há de novo sobre os riscos é a configuração de uma nova ordem de riscos, não mais apenas local, mas global. As normas de calculabilidade que se supunha prever riscos caíram por terra, pois estes não se restringem a causa e efeito, nem mesmo os “culpados” podem mais ser facilmente encontrados.

As companhias de seguro, por exemplo, cobrem pouquíssimas coisas em comparação à quantidade de riscos existentes, até porque, conhecendo probabilidades de risco, colocam na apólice cláusulas restritivas que diminuem suas perdas. As companhias de seguro asseguram o que vai ao encontro do risco e não do perigo. Se segurassem o último, então sempre estariam pagando, porque o perigo seria garantido. Assegurando situações de risco estão trabalhando com as probabilidades. Assim, se escalar fosse perigoso, todos teriam a possibilidade de fazer somente uma escalada antes de estar morto ou seriamente ferido.

A variedade de riscos com que convivemos é tão grande que não permite ser colocada num mesmo conjunto, pois os riscos são construídos continuamente e nos afetam de formas distintas. A nossa relação com o mundo físico é muito diferente de outros tempos, principalmente nas partes mais industrializadas do planeta. Os riscos ecológicos, por exemplo, são resultado do impacto da industrialização sobre o meio ambiente material e fazem parte do que Giddens nomeia de *perfil de risco*²² iniciado com a modernidade. A princípio, pode-se pressupor que os riscos estão estritamente vinculados a uma ação humana individual, no entanto, como afirma Giddens (1991), existem “ambientes de risco” que afetam coletivamente as pessoas, no caso de uma guerra nuclear ou algum desastre ecológico, todos no planeta podem ser afetados.

O *perfil do risco*, mais que transformações, sofreu rupturas dos tempos pré-modernos à contemporaneidade. A presença de resquícios da sociedade

²² “Um elenco específico de ameaças ou perigos característicos da vida social moderna” (GIDDENS, 1991, p. 112).

industrial na contemporaneidade torna razoavelmente confusa uma distinção precisa no perfil dos riscos.

Para nomear e avaliar *perfis de risco*, não basta fazer uma análise da possível existência de riscos a que a comunidade está exposta, tomando apenas a leitura de especialistas. É preciso, aceitar a existência de várias maneiras para dar sentido a riscos e perigos, iniciando assim o processo de desconstrução do conceito do risco. Ao assumir que outras formas de nomear risco e perigo são válidas, coloca-se sob suspeita as definições dadas pelos especialistas, abrindo espaço a outros olhares.

3.2 Olhares sobre “riscos e perigos”

Os riscos sempre pressupõem decisões. A transformação das incertezas e dos perigos em decisões faz com que as pessoas assumam os resultados dos perigos que, teoricamente, deixou que se aproximassem. As ameaças incalculáveis em outros tempos (fome, desastres naturais, pestes) se tornam calculáveis, com saberes construídos sobre elas. Beck diz que

cada vez mais áreas e preocupações da sociedade que se consideravam naturais (tamanho da família, temas de educação, eleição de profissões, mobilidade, relações entre os gêneros) se fazem agora sociais e individuais, e portanto se consideram suscetíveis de exigência de responsabilidades e submetidas a decisões, e como tais são julgadas e condenadas (2002, 119).

A publicização da vida privada é utilizada para expor as decisões tomadas por todos, para que estas possam ser avaliadas por meio da predição de acidentes, estatísticas, medidas de segurança, estratégia que leva cada um a ser empresário de si. Há cobrança por parte das instituições pelas conseqüências auto-produzidas. Na sociedade do risco cobra-se a responsabilidade pelas decisões que são quase uma falta de escolha, pois estas, muitas vezes, são tomadas sem que se conheça a situação de maneira conveniente. Decide-se, ou se é obrigado a decidir, independente das conseqüências.

Os riscos resultantes do desenvolvimento industrial, como a pauperização de grande contingente de pessoas, que agitaram momentos do século 19, continuam figurando diante dos riscos de aumento da pobreza e dos riscos à saúde. Porém, uma diferença significativa chama a atenção para esses riscos:

correspondem hoje a uma nova forma de produção. Não há mais ligação restrita ao lugar de seu surgimento, suas conseqüências não são locais, podem atingir globalmente. É comum dizer que grande parte da violência, do tráfico, da pobreza está nas favelas, por exemplo. Em contrapartida, a criação das favelas pode ser entendida como uma invenção para manter distante uma parte da população que é indesejável; no entanto, esta “distância” não foi suficiente para que as conseqüências de “seus males” se alastrassem por outros lugares.

As favelas passam por “situações sociais de perigo” (Beck, 1998) que surgem devido ao incremento e repartição dos riscos. Muitos dos perigos presentes na Vila Palmeira, mesmo que produzidos lá, não são necessariamente ali originados, mas conseqüências do desenvolvimento da modernização. Os riscos da modernização “contêm um *efeito bumerangue* que faz voar pelos ares o esquema de classes” (BECK, 1998, p. 29), que retornam ao lugar de origem. Certos riscos são criados e experimentados por grupos sociais distintos, o que não isenta um grupo de sofrer as conseqüências das “escolhas” de outros grupos. Não há fronteiras para manter uma distância de “segurança”. Bauman (2005), no livro *Vidas desperdiçadas* faz uma analogia do nosso mundo com as cidades invisíveis de Ítalo Calvino, onde há uma tentativa de manter distantes os “lixos”, as coisas indesejadas, escondendo-as por trás de uma montanha. Mas qualquer vento que passe traz os odores para a área supostamente “protegida”. Nesses lugares, onde se “joga” o que não se quer mais, é onde está o que Bauman chama de refugos humanos²³. A ilusão de segurança e distanciamento do indesejado é bombardeada na sociedade do risco. Os riscos produzem novas desigualdades, sem fronteiras. A existência destes refugos, segundo Bauman é

um inescapável efeito colateral da construção da ordem [cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”] e do progresso econômico [que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência] (2005, p.12).

Recortes de jornais onde a Vila Palmeira é mencionada mostram acontecimentos que têm sua origem em lugares diversos. Nas reportagens apresentadas, a criminalidade é o centro das atenções, sendo esta forma de

23 "Seres humanos refugados (os 'excessivos' e 'redundantes', ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade" (BAUMAN, 2005, p. 12).

risco resultado de uma sociedade com muitos problemas sociais, onde a distribuição dos riscos se revela de maneira perniciosa, como representam os materiais a seguir.

Polícia
10/4/06 - 9h40

Homem é baleado no Santo Afonso

Novo Hamburgo - Na madrugada deste domingo, Valdir Silva de Borba foi atingido por um disparo de arma de fogo, **no Beco da Saudade, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo**. A vítima foi atingida por Celso Guidini que portava além do revólver, uma espingarda.

Segundo depoimento de algumas testemunhas, é desconhecido o motivo pelo qual Guidini disparou contra Borba. O acusado fugiu.

Redação Sinosnet

(Grifo meu)

Polícia
29/3/06 - 7h27

Brigada de NH flagra extorsão na rua

BANHADO - A vítima foi obrigada a levar o delinqüente na garupa da bicicleta até a Vila Palmeira, nas proximidades da empresa Jasot. Logo em seguida, se aproximou o segundo ladrão com o Marea. Enquanto acertavam a redução do valor do resgate de R\$ 6 mil para R\$ 3 mil, se aproximou um carro da Brigada Militar, que havia sido chamada ao local a fim de averiguar a presença de pessoas suspeitas ao lado de um mini-mercado. Imediatamente os dois delinqüentes fugiram em direção a um banhado. Oliveira foi alcançado e detido. Seu parceiro, que não foi identificado, conseguiu fugir. O Marea foi abandonado no local sem o equipamento de som e as placas originais.

Jornal NH(Sinosnet)

(Grifo meu)

Situações sociais que incitam riscos na Vila Palmeira podem ser encontradas numa lista, apresentada por Giddens (2002), que indica avanço na redução de riscos no período de 1907 a 1977. A não superação de alguns desses riscos mostra como remanescentes da sociedade industrial ainda estão presentes na Vila, por falta de acesso ou de informação. Alguns exemplos são rede de esgotos, água encanada, controle de insetos e roedores, atenção médica especializada, expansão hospitalar e de atendimento, métodos de

planejamento familiar, segurança no trabalho etc.

Devido à falta de emprego, muitas famílias vivem de biscates ou da reciclagem de lixo. Pela falta de lugar apropriado para a reciclagem, os pátios das casas ficam repletos de restos não recicláveis que causam mau cheiro e criam ambiente propício à proliferação de insetos e ratos. Segundo moradores, muitas pessoas terminam por contrair leptospirose, doenças de pele e respiratórias. Um perigo acaba incidindo em outro, o que dá uma sensação de impotência diante da infinidade deles. À primeira vista tem-se a impressão de uma lista de riscos e perigos característicos da sociedade industrial, mas há um diferencial: muitos dos perigos relatados como existentes na Vila Palmeira são produtos da Vila, com origem nas conseqüências da sociedade contemporânea. Muitos dos problemas que incitam tais riscos e perigos são característicos do século 19 e começo do século 20, sendo que a maioria pode ser calculada, prevista, com tomada de medidas paliativas e preventivas. Entretanto, isso nem sempre acontece, pois qualquer tomada de decisão esbarra num jogo de poder, que envolve interesses distintos, dificultando as ações.

Muitos dos riscos encontrados na Vila são de conhecimento dos que a elegem para viver. Será então que estas pessoas não gostariam de morar numa casa bem construída, num bairro com ruas pavimentadas, com saneamento básico, ter um plano de saúde privado, ter serviços de entrega em casa sem ouvir: “Aí nós não entramos!”, ter um emprego digno? Como se poderia argumentar: Seriam estas pessoas tão desprovidas de “bom gosto”? Pois, enquanto os ricos moram em lindos bairros, em casa bem construídas e bonitas, os pobres vivem em lugares feios, em casas mal construídas nada bonitas de ver. Seriam os pobres tão tolos assim? Será que eles não têm discernimento do que é melhor?

Acredito que seria ingenuidade pensarmos que as pessoas não atentam ao mínimo de segurança desejada para si e sua família. Viver num lugar onde se acorda e se dorme ao lado do perigo, conhecendo as possibilidade de uma catástrofe acontecer, certamente, não é por escolha não acertada ou ignorância da situação. Penso que as pessoas que vivem em lugares de *situação social de risco*, a exemplo da Vila Palmeira adotam a estratégia de afastar os perigos e riscos ao menos de suas falas, para evitar o constante pavor. Beck (2002) diz,

que se uma pessoa pensar nos perigos que a ameaçam o tempo todo, ficará perturbada mentalmente. Se considerar o mundo como um risco será incapaz de agir. Ele também argumenta que há conflito na distribuição dos “males” e dos “bens”.

Na sociedade do risco, os conflitos sobre a distribuição dos “males” que produz se superpõe aos conflitos sobre a distribuição dos “bens” sociais (renda, emprego, segurança social) que constituíam o conflito fundamental da sociedade industrial e conduziram aos intentos de solucioná-lo em instituições adequadas (BECK, 2002, p. 115).

Os riscos são dependentes do conhecimento, constituídos pelo sentido cultural e construção social, sendo esta a razão que o faz interpretado de diferentes formas (BECK, 2002). Não se pode negar que os sentidos dados aos riscos possuem leituras e interesses específicos. O sentido dado às coisas não significa descrever uma realidade imutável. Não é possível conhecer uma “realidade” como ela “realmente” é, o que fazemos é dar sentido com base nas práticas diárias. Giddens fala sobre a questão.

Chegar a saber o significado da palavra “mesa” é saber para que uma mesa é usada, o que implica também saber como o uso da mesa difere daquele de outros objetos funcionais, como uma cadeira ou um banco. Significados supõem conjuntos de diferenças, mas essas são diferenças aceitas como parte da realidade, e não só diferenças entre significantes no sentido estruturalista (2002, p. 45-46).

Dar sentido às situações de riscos e perigos implica diferenciá-los de situações sem riscos e sem perigos. A multiplicidade de interpretações dos riscos as coloca em relação uma com as outras diante de condições individuais. A definição científica dos riscos monopoliza a distinção entre riscos e percepção de riscos, já que os especialistas são autorizados para fazê-la. Pode-se dizer que os riscos são aqueles definidos pela autoridade experta. “A ciência ‘fixa os riscos’ e a população ‘percebe os riscos’” (BECK, 1998, p. 64). Há uma separação entre expertos e não expertos quanto à definição de riscos. Todavia os não expertos acabam por “utilizar” discursos expertos até quando usam de sua experiência cotidiana. Os conceitos de risco em seu uso institucionalizado são por vezes naturalizados, ainda que fora das instituições que o sustentam como “verdadeiro”. Como exemplo, os saberes da engenharia são por vezes assumidos pela população *leiga* na Vila Palmeira. A maneira de resolver os perigos causados pela rede de esgotos é apresentada por um morador.

Borgueti: Tinha que fazer um valo pro esgoto. Se eles tirasse o esgoto que cai ali pela rua México e que vai pra rua Eldorado, tirasse ele e levasse ele pela Pontarena até o outro

valo, que foi feito novo ali, tirasse o esgoto da rua México pra cá e colocasse o esgoto só pros moradores da rua Eldorado, colocasse do lado de cá só, porque ali tem um pessoal morando mas eles têm que tirar... Daí eles podiam até cavá pra ele ficá mais baixo, né? Deixá ele meio caído pra água da chuva. Por que é a água da chuva que tem que cai nele.

De acordo com Beck, se a população leiga superasse o que os expertos conhecem, poderia ficar tranqüila. Em muitos casos, os *leigos* não aceitam as definições dos expertos a respeito do que pode ser risco. Borgueti, em conversa comigo, “acusa” os especialistas de não executarem um trabalho que reduza ao mínimo os perigos a que a rede de esgotos os expõe. Ele afirma que conhece os problemas da Vila mais que os engenheiros da prefeitura.

A não aceitação da definição científica de risco não é algo que se possa cobrar da população como “irracionalidade”, senão que indica precisamente o contrário, que as premissas culturais de aceitação, as quais estão contidas nos enunciados técnico-científicos do risco, são falsas. Os técnicos expertos do risco se *equivocam* acerca da incerteza empírica de suas premissas implícitas de valoração, isto é, acerca de suas suposições sobre aquilo que parece aceitável e aquilo que não lhe parece. O discurso sobre a percepção “falsa, irracional” do risco na população, coroa de todas as formas, este erro com o seguinte: os cientistas extraem suas observações *protegidas* da aceitação cultural da crítica empírica as eleva ao dogma, por cima de outras observações e se erigem nesse trono bamboleante como juízes acerca da “irracionalidade” da população, cujas observações, no fundo, deveriam ser averiguadas por estes e tomadas como base de seu trabalho (BECK, 1998, p. 65).

A “noção social” do risco nem sempre coincide com a “noção científica”. O vivenciar o risco avaliado, é pouco ou nada experimentado pelos expertos, levando a cotidianidade a gritar diante da racionalidade técnico-científica. Dizer que isso ou aquilo é perigoso está basicamente relacionado a quem toma a decisão e a quem vem a ser afetado por ela. A próxima seção visa ao aprofundamento das reflexões acerca das interpretações sobre o que pode ser considerado risco.

3.3 “Para mim... não vejo problema nenhum!”

A discussão que envolve os conhecimentos de expertos e de *leigos* sobre risco e perigo é bastante complexa. Estariam as pessoas totalmente desavisadas dos perigos e riscos a que poderiam estar expostas por falta de um especialista? A estimativa do risco é mesmo indispensável à vida das pessoas? Em relação à primeira questão, penso que não é de hoje que viver é algo arriscado, que nunca houve ingenuidade ou ignorância absoluta sobre a

existência de perigos e riscos. Os especialistas em determinadas áreas já existiam na pré-modernidade, como em situações em que curandeiros e adivinhos eram consultados diante de um problema. Os riscos hoje se apresentam de forma mais abstrata, com sistemas técnicos mais avançados em relação aos conhecimentos das peculiaridades de cada um, o que não elimina a existência dos perigos. A respeito da segunda questão, nem sempre conhecer o risco o faz menos arriscado, o que não torna as estimativas indispensáveis à vida humana. Porém, com base nas estimativas alguns riscos podem ser amenizados ou até evitados. Contando apenas com conhecimento desde a experiência, nuances do risco podem ser desprezadas devido à imponderabilidade deste. De acordo com Giddens (2002, p. 34), “a diferença nas conexões entre o conhecimento técnico e o conhecimento leigo, quando comparamos sistemas pré-modernos e modernos, diz respeito à acessibilidade das habilidades e informações especializadas para os atores”. Nas culturas pré-modernas o conhecimento especializado era ainda mais restrito a um pequeno grupo, encontrando dificuldades de ser explicitado, pois poucos indivíduos “codificariam” as informações, por falta de acesso ou entendimento dos conhecimentos. Já nas sociedades modernas, o conhecimento está disponível, com ressalvas aos recursos necessários para obtê-lo. Todavia, nunca é demais enfatizar que hoje o que distingue os pobres – pessoas ou países – dos ricos não é só que os pobres possuem menos bens, mas é fato de que a grande maioria deles está excluída da criação e dos benefícios do saber científico.

A especialidade é, também, de alguma forma, cada dia mais estreitada, definindo o especialista do especialista, que restringe seu trabalho às especificidades de uma determinada área; sem falar na constante necessidade de atualizações. Se um determinado especialista é chamado para fazer uma avaliação dos possíveis riscos da Vila Palmeira, muito provavelmente elaborará um laudo sobre determinados aspectos, mas não de um todo. Segundo Castel (1987, p. 117), “o técnico aparece como um simples *expert*, quer dizer, ele estabelece o perfil sem dominar a rede. Cava-se assim uma divisão do trabalho entre os que constituem os dossiês e os que decidem, os que tratam e os que gerenciam”. Então, a comunidade não deveria participar da identificação dos riscos a que está exposta? Essa questão fragiliza a política administrativa que objetiva a prevenção dos riscos, uma prevenção moderna que se ocupa em

rastreá-los. Para as políticas de prevenção não importa o que se entende por risco na comunidade, mas que riscos podem afetar um coletivo maior. Segundo Castel,

um risco não resulta da presença de um perigo preciso, trazido por uma pessoa ou um grupo de indivíduos, mas da colocação em relação de dados gerais impessoais ou *fatores* (de riscos) que tornam mais ou menos provável o aparecimento de comportamentos indesejáveis. [...] prevenir é primeiro vigiar, quer dizer, se colocar em posição de antecipar a emergência de acontecimentos indesejáveis (doenças, anomalias, comportamentos de desvio, atos de delinquência, etc.) no seio de populações estatísticas, assinaladas como portadoras de riscos (1987, p. 117).

Em culturas pré-modernas, pensar no futuro estava muito associado a adivinhar o que poderia acontecer baseado em experiências anteriores ou em crenças divinas. Nas sociedades modernas pode haver uma mescla de tudo isso, mas valoriza-se a consulta a especialistas. Consultar um especialista usualmente tem alto custo, o que impossibilita a maioria da população de ter acesso aos diagnósticos especializados. Mesmo que a cada dia apareça uma nova especialidade, não é possível abarcar todas as nuances dos riscos; em muitos casos trabalha-se com probabilidades, sem ter precisão dos acontecimentos, pois a contingência dos riscos não permite certezas.

Os conhecimentos dos especialistas “exigem” confiabilidade. Em primeira instância, a confiança acontece entre pessoas que se conhecem bem, normalmente por um longo tempo. A confiança nos especialistas é diferente, pois não necessariamente eles fazem parte do grupo de convivência. Em alguns casos, os responsáveis por uma dada avaliação jamais são conhecidos pelos afetados; em outros, há o encontro corpo-a-corpo entre o especialista e o leigo, para que o último tome conhecimento e seja orientado a procedimentos que deve colocar em prática. Nas culturas contemporâneas, a confiança nos especialistas coloca as vidas da população nas mãos de poucos. A confiança dos leigos em situações e saberes desconhecidos ou abstratos não é o mesmo que uma obediência também cega, pois outros fatores interferem nesta relação leigo/especialista. Ainda que o especialista indique esta ou aquela ação, como melhor ou pior à qualidade de vida, nem sempre é possível levar à risca as indicações. A falta de recursos ou as questões culturais têm grande peso nas decisões e forma de vida adotada. Além do mais, experiências anteriores que indicam ausência de perigos podem entrar em contradição com os

conhecimentos técnicos.

Parafrazeando o dito popular “de médico, poeta e louco todo mundo tem um pouco”, talvez se possa também dizer que “sobre riscos e perigos todos metem o bedelho”. Os conhecimentos dos especialistas, literalmente, estão na boca do povo. Não raras vezes, nos damos conta de que nos aventuramos a falar sobre as várias áreas do conhecimento. Ouvir falar aqui e ali sobre o que é ou não perigoso e arriscado faz com que as pessoas se apropriem de vários discursos que, de alguma forma, criam “especialistas-leigos”.

Os conhecimentos expertos sobre os riscos são difundidos de forma notável pela mídia, tornando-os conhecidos do grande público. Essa difusão mostra dois lados de uma mesma moeda. De um lado, o conhecimento *leigo* dos perigos mostra ainda mais a falibilidade dos saberes, o que pode resultar na diminuição da confiança *leiga* nos sistemas peritos; de outro a ignorância dos perigos por parte dos leigos aumentaria a confiança nos peritos. Deste modo, “os peritos freqüentemente assumem riscos a serviço dos clientes leigos, embora escondam ou camuflam a verdadeira natureza desses riscos, ou mesmo o fato de existirem riscos” (GIDDENS, 1991, p. 132). Mais grave que esta ocultação, é a descoberta pelos leigos da existência de riscos e perigos não previstos pelos peritos. O que põe em xeque a própria habilidade perita. Em entrevista com o Diretor de Habitação da Prefeitura de Novo Hamburgo, ele me disse que a Vila Palmeira não apresenta mais riscos à população desde a construção do dique. Segundo ele, estudos geológicos foram realizados para garantir inclusive a construção de casas populares na área. Então me pergunto: seria o dique e os alagamentos o único risco a que está exposta aquela comunidade? Os estudos peritos não conseguem abarcar todas as formas de risco e todos os perigos que a envolve. Muitas vezes, a presença na Vila é o que possibilita ver estes riscos.

A participação da comunidade na identificação dos riscos fragiliza as definições expertas que têm por objetivo prevenir riscos sociais. Essas definições não se preocupam com os riscos unicamente pessoais ou de um grupo de pessoas, mas com o aparecimento de comportamentos indesejáveis que são averiguados pela relação de dados gerais impessoais ou de “fatores de riscos” que dão as probabilidades de acontecimento (CASTEL, 1987). A política

administrativa assume o papel da prevenção, uma prevenção moderna que é antes de tudo rastreadora dos riscos. De acordo com Castel,

prevenir é primeiro vigiar, se colocar em posição de antecipar a emergência de acontecimentos indesejáveis (doenças, anomalias, comportamentos de desvio, atos de delinquência, etc.) no seio de populações estatísticas, assinaladas como portadoras de riscos. Mas o modo de vigilância promovido por essas políticas preventivas é totalmente novo em relação ao das técnicas disciplinares tradicionais que formam particularmente analisadas nestes últimos anos, e que Michel Foucault sintetizou a partir do Panopticon²⁴ (1987, p. 125).

A vigilância de que se ocupam as políticas preventivas acontece mesmo que à distância, preocupando-se não com o indivíduo, mas com os “fatores de risco” e as estatísticas. Antecipam-se as situações de perigo, agindo preventivamente. Essas políticas tiveram dificuldade de atuação na Vila Palmeira, sobretudo no início da ocupação, pois novos “fatores de riscos” eram encontrados a cada dia. Ainda hoje, percebo que a estratégia de prevenção mais utilizada é a circulação de discursos expertos sobre os riscos encontrados na Vila. Muitos desses riscos são deixados de lado pelas autoridades, pois necessitariam de políticas preventivas de alto custo, e que possivelmente não são de interesse do governo. As vilas/favelas ainda carregam o estigma de estarem distantes da parte “limpa” da cidade. Ilusão que persistem em divulgar, mesmo que a maioria da população saiba que as conseqüências dos riscos não se restringem mais a um lugar. As estratégias de controle social não são mais de repressão ou de intervenção institucional, mas induzem os indivíduos a assumirem seus problemas. “Há novas tecnologias que permitem orientar e atribuir funções sem assistir” (CASTEL, 1986)²⁵. De acordo com as falas dos moradores, a prefeitura os considera invasores, por isso são responsáveis pelos riscos resultantes de um lugar sem infra-estrutura.

Existe para cada pessoa certo nível de risco aceitável, como por exemplo, construir uma casa sob um aterramento, o que as pessoas da Vila Palmeira chamam de cupins de aterro, como o vizinho que mora nessas condições há muito tempo, torna a situação aceitável; viajar de avião é uma atividade perigosa, mas as estatísticas indicam que os riscos de acidente são reduzidos se

24 “No caso do modelo panóptico, o vigiado, que não sabe quando é olhado, pode interiorizar a vigilância, em vez de ser reduzido a se afrontar com ela, numa relação de força. Mas o olhar implica sempre o contato, a co-presenças dos parceiros e a indivisão da pessoa observada” (nota do autor).

25 Site não indica paginação. Disponível na Internet.

<http://72.14.209.104/search?q=cache:ji9chu6SrksJ:www.cepsuc.cl/apuntes/PROBLEMAS%2520PSICOSOCIALES/Jaramillo/Resumen%2520DE%2520LA%2520PELIGROSIDAD%2520AL%2520RIESGO,%2520Castel.doc+de+la+peligrosidad+al+riego+castel&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1>

comparados, por exemplo, com uma viagem de automóvel, o que a torna uma atividade de “risco aceitável”.

O discurso perito quer que a população envolvida em determinado tipo de risco consiga identificá-lo e manter-se a salvo, auto-controlando-se. Mesmo mantendo-se a salvo, a interpretação do que pode ser risco, não será obrigatoriamente a mesma divulgada pelos diversos campos disciplinares que constituem os discursos institucionalizados. Com base nas falas dos moradores da Vila, pude perceber que, muitas vezes, eles expressam indignação diante das avaliações institucionais sobre o risco feitas, por exemplo, por técnicos da prefeitura, representantes dos discursos peritos. É interessante observar que a objeção dos moradores pela avaliação perita permanece ainda que se possa identificar a “percepção” de alguma forma de risco em suas falas, como no excerto a seguir.

Vândiner: O valo te traz algum problema?

Helenita: Quando chove aqui é um lodo só, é os mosquitos e os ratão. Não sei como é que não passou nenhum aqui dentro até agora. O que tem de ratão... Deus o livre!

Vândiner: Você acha arriscado viver aqui?

Helenita: Eles (técnicos da prefeitura) dizem que é, pra mim... se não fosse os mosquito, aqui é muito bom... Quando chove, ô cara! Não dá pra sair daqui! Ali pra baixo fica tudo cheio d'água. A água vem lá de cima (do dique), vem com força...

Vândiner: Então é tranqüilo viver aqui?

Helenita: Para mim... num vejo problema nenhum! Se não fosse o valo... se não fosse isso (aponta a sujeira do valo)... Eu já morei na S. Afonso, perto da escola, mas eu voltei.

Com frequência ouvi: “Essa Vila onde você está fazendo pesquisa é muito perigosa” ou “Você não devia entrar aqui sozinha!”. A primeira fala é de pessoas que não moram na Vila; a segunda, dos moradores. Esta contradiz a resposta: “A Vila é perigosa por algum motivo?”, que usualmente é negativa, ainda que uma lista de riscos ou perigos seja elaborada por eles. Uma observação importante: a terminologia para indicar *risco* ou *perigo* é que quase sempre é substituída pela palavra *problema*, funcionando como sinônimo.

Sem desvalorizar os especialistas, cujo trabalho é importante na prevenção de vários riscos, me preocupo com as muitas avaliações de risco que não fazem um amarrado entre as muitas áreas do saber, pois os riscos quase sempre, como no caso da Vila Palmeira, estão associados uns aos outros. Na *expertise*, neste caso, incluem-se os saberes da engenharia, da geologia, da biologia e da medicina que se preocupam com as políticas preventivas, sendo

que a participação prática “se reduz a uma simples avaliação abstrata: assinala os fatores de risco” (CASTEL, 1987, p. 131). Vistos isoladamente, os riscos podem ser diminuídos ou até descaracterizados como risco. É preciso ouvir as pessoas envolvidas nas situações, saber como estes riscos foram produzidos e quais são as noções de risco e perigo formuladas pela comunidade. Não dá para partir da idéia de riscos e perigos pré-existentes, ou apenas dos conceitos formulados fora da comunidade envolvida. Fatores de risco são contextualizados; assim, por mais que um ambiente seja semelhante a outro, não é possível “aproveitar” diagnósticos para espaços com pessoas diferentes, com construções diferentes.

A seguir, o material de pesquisa opera na apresentação de situações de vida dos moradores da Vila Palmeira, que estejam vinculadas a “fatores de riscos”.

3.4 Na Vila...

A Vila Palmeira é uma área de risco? Uma comunidade pode ser considerada de risco quando fatores de risco (CASTEL, 1986) associados a outras situações estão presentes. Dentre esses fatores e situações, podem ser encontrados na Vila Palmeira: desemprego, mortalidade infantil, alto índice de analfabetismo, pobreza, desemprego, recorrência de doenças etc. Neste conjunto de circunstâncias a Vila Palmeira pode ser entendida como uma comunidade que vive numa área de risco. Apesar de as entrevistas e excertos de jornais mostrarem que muitas situações se enquadram nas características citadas, não se pode desprezar a leitura da própria comunidade sobre o que é ou não risco.

Uma visita ao início da pesquisa foi fundamental para que eu pudesse fazer uma primeira leitura das possíveis situações de risco da Vila. Seria ingenuidade imaginar que num espaço com condições físicas tão precárias não houvesse a presença de alguma forma de risco, ainda que este não fosse avaliado como uma ameaça pela comunidade. Antes de conversar com os moradores da Vila, fiz uma avaliação com base nos fatores de risco mencionados e no que seria esperado para uma razoável qualidade de vida. Observei construções precárias, crianças descalçadas brincando nos córregos, onde o esgoto das casas corre a céu aberto, o caminhão pipa levando água para

quem não a tem encanada, muitas pessoas separando do lixo material reciclável no fundo de suas casas sem a menor proteção, os ratos que circulam pelo caminho, uma nuvem de insetos sobrevoando a cabeça, enfim, depois de uma caminhada pela Vila, identifiquei algumas situações que eu entendia como arriscadas. No decorrer do trabalho empírico fui percebendo que muito de minha leitura estava presente nas entrevistas e conversas com os moradores. Foi neste contexto, também, que vi aflorarem os muitos conhecimentos construídos pelos moradores da Vila.

As condições de vida dos moradores da Vila Palmeira evidenciam as *conseqüências da modernidade* (GIDDENS, 1991), principalmente para a população mais pobre. A observação dessas condições levou-me a perceber como cada pessoa criava estratégias para melhorar a qualidade de suas vidas. As falas dos moradores mostraram um modo de viver e entender o mundo; cada um, a seu modo narrou o cotidiano da Vila.

Leonida: Precisa vê guria, o sol se esconde e os mosquito já invade, tem que viver matando eles. Dentro de casa é incrível...

Vândiner: E rato aparece?

Leonida: Rato às vezes tem. Aqui em casa não entra, mas ali na vizinha tá roendo até a casa dela.

Olívio: Eles roem o assoalho.

Leonida: Ela tem que botá veneno pra matar..

Olívio: Quando nós morava na outra casa ali, de madeira, cê acordava de noite com os bicho roendo... parece um boi roendo as parede.

Leonida: Que acordava? Cê nem dormia... quando eles parava, cê pensava agora eu vô dormir e eles começava de novo. Não dá. Dá uma raiva... dá vontade de ir lá matar o bicho!

Olívio: Eu tenho uma reportagem, que o Mário Sérgio, secretário de saúde... o jornal veio aqui e eu levei ali na casa de uma mãe que o rato tinha mordido a criança, coisa assim... Daí o jornal saiu daqui, me ouviu eu, e foi conversar com o secretário, daí o secretário disse que rato é hábitos das pessoas.

Vândiner: Quais são os principais problemas que você vê na Vila?

Marli: O saneamento básico. As crianças brincando no esgoto. Cheios de feridas. E como é que a gente vai pedi pra mãe cuidá, se quando sai da casa, já na beirada já pisa no esgoto? Como? Não tem como. O esgoto, quando chove... essas ruas é puro esgoto. Nem todos eles têm uma bota de borracha. Precisa de uma bota pra andar lá no esgoto.

As maneiras dos moradores da Vila encararem os problemas, ou melhor, os riscos, me reportam ao que a sociedade contemporânea valoriza: o conhecimento especializado. Para esta sociedade, as noções de risco precisam

ser estruturadas e institucionalizadas para serem tomadas como válidas. Os parâmetros de risco ditos como leigos são entendidos como individuais e acidentais, não fazendo ligações coletivas. Para a comunidade exposta a riscos diariamente, talvez alguns riscos deixem de ser pensados como riscos, já que estes estão associados a acontecimentos futuros, e o futuro é sempre muito próximo. Mesmo que tente ignorar os riscos, “viver no 'piloto automático' se torna cada vez mais difícil, e se torna também mais difícil proteger qualquer estilo de vida, por mais firmemente estabelecido que seja, do clima geral de risco” (GUIDDENS, 2002, p. 119). A busca por uma “aparente normalidade” diante de riscos é uma invenção sustentada pelas pessoas como uma forma de proteção. Essa normalidade é constituída pela convivência com o risco, que o torna “normal e previsível” para um grupo de pessoas, entretanto, encarar as situações cotidianas sem sobressaltos não é tarefa fácil.

Vários dos riscos enfrentados na Vila são resultado de transformações ambientais e estas são conseqüência de estilos de vida. Os estilos de vida, por sua vez, influenciam na interpretação dos riscos.

Embora um perfil de risco em qualquer momento no tempo possa parecer objetivo, a interpretação do risco para um indivíduo ou para uma categoria de indivíduos depende de terem ou não sido feitas mudanças no estilo de vida, e de essas mudanças se basearem em suposições válidas (GIDDENS, 2002, p. 115).

Pode-se fazer distinção entre alguns tipos de risco: há aqueles que acontecem voluntariamente e aqueles que são resultado de um padrão de estilo de vida ou das limitações da vida social. A distinção entre um e outro não é clara muitas vezes, mas tentarei explicá-los a seguir.

Os riscos assumidos voluntariamente são aqueles os quais a pessoa pode escolher arriscar seus recursos ou até a própria vida – os esportes perigosos e os investimentos financeiros são exemplos. No caso de fumar ou dirigir, teoricamente são atividades voluntárias, que podem deixar de ser em alguns casos – se o fumante se vicia ou se é necessário dirigir por motivos de trabalho. Aqui entra o risco resultante de um estilo de vida, que tem nuances marcantes: uma ligada à mídia em que se supõe uma conspiração para enganar as pessoas sobre os verdadeiros riscos, induzindo-as adotar hábitos de risco; outra, em que parte dos *leigos* não é sensível à presença de riscos, ainda que reajam a desastres coletivos ou a riscos mais “visíveis” (acidentes nucleares e guerras,

por exemplo). Já o risco resultante de limitações da vida social encerra grande parte dos riscos que pude identificar na Vila Palmeira. Morar num local onde faltam os recursos mínimos para a qualidade de vida não pode ser considerado um voluntarismo, ainda que as pessoas cheguem até lá por suas próprias pernas. Mesmo que no sentido estrito da palavra voluntarismo - sem coação -, não se pode dizer que aquele lugar foi eleito para as moradias por vontade ou desejo de se estar ali. Um excerto de jornal pode ilustrar esse (in)voluntarismo. Quem optaria de bom grado por estar na situação apresentada pelo *Jornal NH*?

Invasores

24/3/04 - 8h54

Município quer desocupação da área do Santo Afonso

Um dia depois da invasão no bairro Roselândia, a prefeitura tenta retirar cerca de 20 famílias que invadiram uma área localizada nos fundos da rua Planalto, na Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. Segundo ocupantes, as famílias estão instaladas no local há nove dias e não pretendem sair. Eles exigem uma solução da prefeitura, dizendo que não podem nem matricular seus filhos na escola, por não terem residência e não saber onde estarão morando nos próximos dias. "Queremos que o prefeito venha ver a nossa situação. Todos nós estamos desempregados e não temos mais como pagar aluguel", diz o líder do movimento, Alexandre Roberto Martins Vianna, 21 anos. O secretário municipal de Assistência Social e Habitação, Jaime Conceição, diz que os invasores devem desocupar o local e que não haverá negociação.

Os invasores dizem que membros da secretaria teriam desmontado as mais de 20 barracas, levando o material de caminhão e usado de violência para tentar retirá-los da área. "Hoje (terça-feira) foi a terceira vez que eles vieram. Derrubaram as barracas com mulheres grávidas dentro e uma senhora doente de 60 anos", conta Vianna. Segundo ele, o movimento é composto por moradores dos bairros Santo Afonso, Rondônia e alguns do Rincão. O Município reforça que lei municipal proíbe invasores de participarem de programas habitacionais do Executivo.

FORÇA - Conceição destaca que, caso houver excesso nos processos de desocupação, os atingidos deverão procurar a polícia e o Poder Judiciário, pois os envolvidos deverão ser responsabilizados. "Existem casos em que o poder público realmente precisa usar a força, mas até o limite da lei", frisa. Conceição reforça que não será feito nenhum acordo com os invasores. "Eles estão invadindo uma área pública. É um desrespeito com quem está esperando pacientemente na fila por melhorias." O secretário diz ainda que, durante o ano de 2004, serão investidos aproximadamente R\$ 3 milhões na Vila Palmeira, em saneamento básico, canalização, rede elétrica e abertura de ruas. "As invasões que estão acontecendo em vários pontos da cidade representam uma queda de braço político", completa.

Jornal NH(Sinosnet)

O planejamento da vida é algo que cultivamos, que tenta planejar o futuro. Ao se fazer um planejamento organiza-se de certa forma uma estimativa de riscos, mais ou menos sistematizada, ou até inercial, o que não significa que esta sistematização será tranqüila e sem riscos, como no exemplo do jornal. “Pensar em termos de riscos se torna mais ou menos inevitável e a maioria das pessoas também está consciente dos riscos de recusa a pensar desta maneira, ainda que decidam ignorar tais riscos” (GIDDENS, 2002, p. 119). Expor-se a riscos não é afirmação de ignorância, pode sim ser a opção possível.

Na ocupação de áreas impróprias à moradia, a especulação imobiliária tem uma parcela de culpa pois “investe” na crescente miséria da população mais pobre, produzindo um crescimento exponencial dessas ocupações, como no caso da Vila Palmeira. Acontecimentos na história aceleraram o processo de crescimento urbano e a favelização no Brasil, que tem raízes nas décadas de 50 e 60 do século passado, quando pessoas tiveram de viver em locais com altos níveis de pobreza, com a mínima ou inexistente qualidade de vida. Assento meu olhar na realidade brasileira, não mais pensando nas ocupações apenas nas periferias urbanas, pois a favelização ultrapassa os antigos limites geográficos periféricos, estando cada dia mais na centralidade das cidades, desafiando inclusive a especulação imobiliária. No início de seu surgimento, as áreas ocupadas normalmente eram de menor interesse imobiliário, caracterizadas por topografia e condições geográficas menos vantajosas ou com restrições ambientais para a ocupação regular. Com o aumento expressivo do número de “áreas clandestinas”, as características de ocupação se modificaram. Nos dias atuais, as favelas não só crescem nas periferias das cidades, como também em zonas centrais e valorizadas, dividindo espaços com casas e apartamentos de luxo. A favela Rocinha no Rio de Janeiro, é exemplo de ocupação de uma das melhores vistas do Rio.

Os riscos e/ou perigos identificados pelos moradores da Vila não se diferem da maioria das vilas. Muitos deles persistem desde o início da ocupação; alguns outros surgiram ou se acentuaram por causa das mazelas da sociedade, como, por exemplo, o esgoto correndo a céu aberto próximo às casas, ausência de energia elétrica e água encanada em algumas casas, alagamentos em algumas áreas, ruas sem pavimentação impedindo o trânsito de pedestres e veículos nas temporadas de chuva, o desemprego, a criminalidade, grande

número de doenças ocasionadas pela falta de infra-estrutura básica etc. O fragmento da fala de Diná, moradora da Vila traz essa incidência de males que afetam a comunidade.

*Ano passado um monte de gente pegou hepatite aqui, saia todo mundo molhando os pés na água da chuvas. Aquela outra doença também, aquela de rato... Leptospirose. Um monte de gente pegou.*²⁶

Há um desencadeamento de riscos e perigos, que se entrelaçam dificultando a distinção entre uns e outros na Vila. Alguns exemplos dessa cadeia de riscos e perigos aclaram essa distinção. O desemprego aumentou devido ao grande número de fábricas de calçados que encerraram a produção, devido, especialmente, à entrada de sapatos produzidos na China; assim mais pessoas que antes podiam pagar aluguel em lugares mais seguros, ocuparam áreas da Vila. Com o aumento populacional da área, o acesso pelas ruas, que se transformaram em muitos becos, tornou-se ainda mais difícil. O crescente desemprego levou as pessoas a procurarem alternativas de trabalho, com subempregos ou ganhos pela marginalidade. As ruas e os becos estreitos facilitam o esconderijo de marginais, dificultando o trabalho policial. Até mesmo um suposto “código de ética” que preservaria os moradores da Vila de assaltos, já foi deixado de lado, segundo eles. Relatos dizem que o perigo de balas perdidas e assaltos é uma constante. O grande número de lixo acumulado nos pátios das casas é reflexo da busca por alternativas no trabalho informal como catadores de material reciclado. A falta de cuidado com este material aumenta a incidência de insetos, roedores e conseqüentes doenças não só para os que trabalham nestes locais, como também para a vizinhança. Estes exemplos trazidos aqui podem ser vistos com freqüência na mídia impressa e não raras vezes nas falas dos moradores.

Dessa forma, percebi que as noções de risco, tanto no uso formal quanto no informal, são apresentadas como uma imponderabilidade. No senso comum, outras palavras são também usadas para designar ganho ou perda numa perspectiva de futuro. As noções para risco e perigo são distintamente marcadas quando se trata de quem corre o risco e de quem fala de um lugar como especialista. Em certos aspectos, as situações de risco são mais citadas pelos moradores: na área de infra-estrutura básica, na política como responsável

²⁶ Nota do diário de campo de 8/7/06 durante a participação numa reunião na Associação de Moradores da Vila Palmeira.

executora de melhorias, na área ambiental devido à ocupação de uma reserva biológica e no que tange à segurança pública. A atenção ao repertório “espontâneo” da comunidade foi importante durante as conversas e entrevistas para que um novo termo não fosse incorporado, no caso, risco, pois me interessou percebê-lo ainda que sua noção fosse expressa com a utilização de outras palavras. Observei o repertório interpretativo, entendido como “o conjunto de termos, conceitos, lugares-comuns e figuras de linguagem utilizado para falar de um fenômeno específico” (SPINK, 2001, p. 1.278), neste caso o conceito de risco, que foi percebido no processo de leitura das entrevistas e conversas com os moradores da Vila e nos domínios de saberes acadêmicos, em seu uso institucionalizado ou não.

As reportagens de jornais, apresentadas ao logo do texto, também colaboram com a leitura deste repertório interpretativo. Os recortes neste material têm por objetivo reduzir os textos, mas ainda assim, continuam extensos para que possam ser mais bem explorados por mim e pelos leitores. Nos textos a seguir, os negritos (meus) evidenciam as situações de exposição a risco, sendo utilizadas ou não as palavras *risco* ou *perigo*, e também onde estão os indicativos desta exposição.

Polícia
6/3/03 - 9h29

Santo Afonso lidera em número de homicídios

É nos becos e nas vilas retiradas que se esconde a criminalidade do bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. Pessoas como a presidente da Associação de Moradores do bairro, **Dulce Corrêa, viram o Santo Afonso crescer e assumir a liderança nas estatísticas de criminalidade.** [...]

MEDO - O chimarrão de fim de tarde, as conversas entre vizinhos e a amizade atravessam a barreira do medo e tornam o Santo Afonso um bairro bom de se morar. **“O que dá ao bairro a má-fama são os becos e as ruelas onde os marginais se encontram. Fora isso é uma comunidade como outra qualquer, que tem seus problemas, mas que luta por mudanças”**, enfatiza Dulce que, à frente da associação [...].

Jornal NH(Sinosnet)

Entrevista

2/9/03 - 23h40

Vila Palmeira vai receber infra-estrutura

[...]

Antenor Freitas Martins - Na Vila Palmeira estão fazendo uma drenagem. Depois será feito o saneamento básico? Souza - A prefeitura está investindo uma verba muito grande na Vila Palmeira. Estamos abrindo uma vala lá para que se possa auxiliar na secagem. Depois da vala pronta e da retirada das pessoas que estão vivendo em locais inadequados, até para que a vala de contenção possa passar por lá, com certeza, a vila terá toda a infra-estrutura de esgoto necessária. O saneamento básico está dentro dos planos da prefeitura.

[...]

Martins - Como ficará a situação dessas pessoas que serão removidas na Palmeira? Souza - O loteamento para receber estas pessoas já está sendo projetado, com água, luz e esgoto. A pessoa vai receber o terreno. Faremos tudo o que pudermos para ajudar. Vamos disponibilizar um caminhão para que a pessoa consiga levar a sua própria casa para o terreno.

Jornal NH(Sinosnet)

Polícia

28/10/03 - 11h

Vizinhos relatam o momento de pânico

Assustados com o tiroteio em pleno meio-dia, os vizinhos ainda tentavam entender o que realmente aconteceu. Com medo de ser identificado e sofrer represália, um morador da Vila Palmeira contou que mandou os filhos deitarem no chão na hora que escutou o barulho dos tiros. "Fiquei com medo que uma bala entrasse dentro de casa. Aqui está ficando perigoso. Várias vezes já aconteceram troca de tiros", destacou o morador.

Jornal NH(Sinosnet)

Polícia

30/10/03 - 09h19

Famílias deixam Vila Palmeira

A família da estudante Divanir de Vargas dos Santos, 12 anos, morta com um tiro na cabeça na segunda-feira, não voltará mais para casa. [...] A pequena casa de madeira da família continua fechada. Na parede, as marcas dos tiros deixadas pela quadrilha. O clima de medo e tensão permanece na Vila Palmeira,

bairro Santo Afonso. [...]

"Prá lá eu não volto de jeito nenhum. Não quero mais saber daquela vila", disse o pai da vítima, Bruno Soares dos Santos, 43 anos. Ele largou até mesmo o emprego de industrial em Novo Hamburgo temendo uma nova emboscada do bando que alvejou sua casa por volta do meio-dia de segunda-feira. Segundo ele, várias situações de violência já haviam acontecido na Vila Palmeira, mas nenhuma tão grave perto de sua casa.

Jornal NH(Sinosnet)

Clima

31/8/05 - 07h31

Chuva inunda áreas ribeirinhas

Novo Hamburgo - Três e meia da manhã. A família do industrial Djalma Wanns, 45 anos, morador da rua Itati, na Vila Palmeira (bairro Santo Afonso), acordou assustada. Praticamente todos os cômodos da casa já estavam completamente tomados pela água. Em plena madrugada, a preocupação foi salvar o que havia restado e a solução foi improvisar. Os bancos seguravam um sofá e madeiras serviram de apoio para a geladeira. Além disso, os sapatos deram lugar às botas de borracha. "Cada chuva enfrento esse problema e perdemos o que nos resta. Esperamos que dessa vez isso seja resolvido", declarou ele, que levou o filho de oito anos para a casa de um parente. Já o outro de 15, faltou à escola porque não tinha como sair de casa. Situações semelhantes são enfrentadas por diversas famílias a cada chuva intensa que cai e o problema pode se agravar ainda mais já que a previsão indica mau tempo até sexta-feira.

De acordo com o subsecretário de Obras do Setor Sul, Gabriel Reinheimer, que nesta terça-feira visitou o bairro, quase 50 famílias da Vila enfrentaram problemas com alagamentos em suas residências ou na frente de casa. Os maiores problemas, além da rua Itati, foram também detectados nas ruas Carlos Cornelles e Boa Vista, todos na Vila Palmeira. A intensa precipitação associada às más condições das redes são as causas apontadas. Na Itati, explicou ele, ocorreu um problema sério. "Como a área foi invadida, formou-se uma bacia naquela região e, além disso, não há um nivelamento nos canos. Como alguns estão entupidos e com lixo acumulado, a situação piorou ainda mais, a água ficou concentrada gerando alagamentos."

Jornal NH(Sinosnet)

Segurança

29/3/06 - 08h03

Mapeadas as zonas de risco

Novo Hamburgo - A maioria dos estabelecimentos de Novo Hamburgo

que trabalha com tele entrega está traçando um novo mapa municipal. Ao invés das linhas que marcam o território dos bairros, consideram como delimitadores das fronteiras alguns muros imaginários que anunciam perigo iminente da violência. Entre essas áreas chamadas "de riscos", intransponíveis para alguns comerciantes e motoboys, eles apontam as Vilas Palmeira, no bairro Santo Afonso, e Kipling, em Canudos; Loteamento Kephas, no São José, e ruas localizadas nas imediações de áreas verdes ou muito pouco movimentadas do São Jorge, Petrópolis, Redentora e Boa Saúde.

Segundo o tenente-coronel Carlos Magno Oliveira, comandante da Brigada Militar em Novo Hamburgo, pelo menos uma vez por semana a corporação recebe pedidos de escolta, não para motocicletas mas para veículos que fazem entrega de produtos no bairro Santo Afonso. Entretanto, acrescenta que essas solicitações já foram diárias no primeiro quadrimestre de 2005. "Nos primeiros meses do ano passado tivemos muitas ocorrências de assaltos na Vila Palmeira. Mas com a prisão de vários indivíduos conseguimos reduzir drasticamente o número de assaltos e também de escoltas", observa o comandante.

Magno acrescenta que, sempre que há viatura disponível, a companhia acompanha as entregas. Ele ainda desmente boatos de que os policiais não entram em alguns bairros da cidade à noite. "Isso não existe. Vamos a todos os pontos do Município. Não somos um Rio de Janeiro onde a Polícia tem que pedir autorização para subir os morros", compara.

RESTRIÇÕES - Motoboy há 11 anos, Sandro Reis, proprietário de uma empresa de tele entrega em Novo Hamburgo, calcula que a situação tenha piorado nos últimos cinco anos.[...] Sobre as medidas de segurança, diz que evita os lugares pouco movimentados ou próximos de áreas verdes [Vila Palmeira], como as ruas depois da Punta Arenas e da Costa Rica, na Santo Afonso.

Redação

Sinosnet

Neste ponto é preciso abrir um parêntese para transcrever um excerto da fala de uma moradora que contradiz a afirmação do tenente-coronel na reportagem acima.

Eva: O que ela já viu de assalto aqui...

Vândiner: Mesmo? Onde? Na rua?

Helenita: Aqui. A gente ali trabalhando [aponta o pátio]. Acho que a última vez foi o carro da RBS TV (Rede Brasil Sul de Comunicação) que pegaram, levaram tudo dos repórter. Esses dias liguei pra Brigada [polícia] pra levar minha sobrinha (grávida), de noite. Chamei eles. - Daí onde é? Eles perguntaram. - Ahan, aí a gente não entra. Mandaram eu ligar pros bombeiro, eu liguei. Daí... -Ahan, liga pro hospital. O hospital não tem ambulância... - Liga pros guardinha. Aí ligamos pros guardinha, aí mandaram a gente levá ela lá em cima no João de Deus [hospital]. É quase uma hora... Aí metemo ela na carroça e levemo. Liguei pro 190 e eles disseram que não iam entrar lá embaixo (perto do valo).

Eva: A farmácia também não entra... o gás...

Vândiner: Mas tem tanto assalto assim?

Helenita: Não. Mas eles têm medo.

Esclareço que esta pesquisa não objetiva confrontar opiniões, mas é preciso ressaltar que a posição que os sujeitos influenciam na forma de olhar e interpretar o mundo, assim como na construção das noções de risco e perigo. Quando falo de “posições de sujeito”, entendo que se pode olhar de diferentes formas e lugares os conceitos e as interpretações sobre risco, e que muitos e outros saberes podem ser construídos sobre ele.

Como a linguagem é constitutiva das coisas de que se fala, ao falarmos o que pode ser risco, selecionamos fatores de risco, fazemos comparações e enquadramentos, produzindo um determinado quadro, pessoal, característico, indicador sobre o risco. Foco meu olhar nas múltiplas possibilidades de “produção da realidade” por meio da linguagem, entendendo que o que é dito sobre o risco não é o próprio risco. A linguagem não é capaz de esgotar o que é a coisa em si, ela é apenas um olhar colocado sobre essa coisa.

As reportagens seguintes mostram olhares colocados sobre as ameaças a que está exposta a Vila Palmeira.

Habitação
3/11/05 - 9h39

Prefeitura conclui remoção de famílias no Sto Afonso

O operário em serviços gerais Luís da Silva Santos, 50 anos, mora há um ano na Vila Capanema, que integra a Palmeira e, na terça-feira, desmanchou sua casa para começar a remoção, que foi feita nesta quarta-feira para o aterro. “Lá vai ser melhor. **Aqui a gente vivia com água dentro de casa”, disse, apontando para o banhado ao redor da antiga residência.** Cada família foi responsável pelo desmanche da sua casa. A dona de casa Rosa da Luz Quevedo, 54, enfrentou dificuldades durante o trabalho. **Ela e familiares passaram sobre um valo, usando uma ponte improvisada, para levar os móveis, madeiras e outros utensílios para o caminhão da prefeitura. “Sei que é difícil, mas iremos para um lugar melhor que esse aqui”, afirmou.**

LUZ - Nesta quarta-feira, o diretor de Habitação garantiu que as famílias terão abastecimento de energia elétrica a partir de segunda-feira. Até terça-feira, a previsão era de que todos ficassem sem luz por pelo menos um ano. “Fizemos uma reunião hoje (quarta) pela manhã e os moradores entraram em acordo.” Oliveira explicou que a rede elétrica que passa em um dos lados do loteamento será estendida para todos os removidos. “A pessoa que reside em frente à rede de luz irá colocar um poste com dois medidores e ceder a energia elétrica para outro morador,

como é feito nos terrenos que possuem duas casas”, salientou.

Jornal VS(Sinosnet)

Novo Hamburgo
13/4/06 - 10h05

Defesa Civil de NH procura voluntários

A Defesa Civil de Novo Hamburgo busca voluntários para colaborar em ações de prevenção, redução de riscos, amparo e orientação à comunidade.

Com intuito de preparar os cidadãos para situações críticas, como casos de enchentes, deslizamentos e incêndios no município, a Defesa Civil acredita que este tipo de ação, pode integrar a comunidade, possibilitando maior auxílio também aos moradores da cidade.

Segundo o coordenador da Defesa Civil, Álvaro Lucídio, as áreas de maior risco social são o loteamento Kephas, no bairro São Jorge, as vilas Getúlio Vargas e Kipling, em Canudos, e a vila Palmeira, no Santo Afonso.

Redação Sinosnet

Política
24/5/04 - 7h45

Leilão de áreas públicas já está no Legislativo

Conceição garante que 80% dos recursos serão investidos na Vila Palmeira, no bairro Santo Afonso. O secretário aponta como prioridade a urbanização do local. “Precisamos fazer uma série de obras para melhorar a qualidade de vida daquela população”, aponta Conceição. Entre as necessidades está a aplicação em habitação popular, saneamento básico e urbanização.

Jornal NH(Sinosnet)

Habitação
19/7/03 - 9h37

Invasores das margens da BR querem apelar

[...]

“Nossa prioridade são as famílias em zona de risco, como na Vila Palmeira, uma das piores situações que temos. O governo federal é quem deve tirá-los de lá”, declara.

[...]

Jornal NH(Sinosnet)

A preocupação constante em resolver os problemas da Vila, a presença de assistências várias para os moradores, as falas que indicam a presença de riscos e perigos e a baixa qualidade de vida são uma recorrência nos materiais analisados. Apresento dois exemplos de assistência prestada na Vila: a Organização Não Governamental (ONG) Guayí atuou na Vila durante o ano de 2006 com um projeto financiado pela Petrobrás, direcionado a áreas com indicativos de problemas ambientais, falta de infra-estrutura básica, altos índices de pobreza etc. Esta ONG tem como objetivo fazer um levantamento dos principais problemas da Vila, para depois construir uma *Agenda 21* local (conjunto de possíveis ações para melhoria e manutenção do local), para com o diagnóstico buscar nas instituições públicas ou privadas financiamento para as possíveis obras necessárias²⁷. Existe também na Vila um espaço que foi criado para oferecer comida gratuita às vilas do bairro Santo Afonso, nomeado de Comida Urgente. Aí também são oferecidos cursos de trabalhos manuais, como tricô, crochê etc., que podem colaborar para com aumento da renda familiar. Conforme informa a próxima reportagem.

Solidariedade
23/4/03 - 15h14

Rigotto prestigia iniciativa comunitária em NH

O governador Germano Rigotto conheceu nesta quarta-feira o restaurante Comida Urgente, resultado de uma iniciativa comunitária, responsável pelo **atendimento diário e gratuito de 800 pessoas de baixa renda**, no bairro Santo Afonso, na Vila Coobasa, em Novo Hamburgo.

Redação Sinosnet

Em entrevista com Marli, moradora e coordenadora da Pastoral da Criança²⁸ na Vila Palmeira, ela comenta que a fome é ainda o maior problema enfrentado pela comunidade. O risco à saúde e à vida ainda é gritante. As reportagens seguinte evidenciam outras ações de assistência social.

Solidariedade
3/10/03 - 8h11

Pastoral leva qualidade a crianças da Santo Afonso

No mês passado, a pequena Vitória dos Santos, então com oito

27 Nota do Diário de Campo. Reunião da ONG Guayí com os moradores da Vila.

28 É um projeto da Igreja Católica que tem como objetivo principal combater as altas taxas de mortalidade infantil no Brasil, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

meses, estava com 7,8 quilos. O peso considerado insuficiente para sua idade fez com que a mãe, Aurora dos Santos, 37, passasse a utilizar uma mistura de farelo de trigo, arroz, milho, aipim e sementes na mamadeira da filha. Passados 30 dias, a menina engordou 600 gramas e está pesando 8,4 quilos. O progresso é resultado do atendimento especial que Vitória e muitas outras crianças da Vila Palmeira, bairro Santo Afonso, estão recebendo da Pastoral da Criança.

Presentes na vila há cerca de dois meses, mais especificamente na rua Eldorado, a equipe de voluntárias da Pastoral está conseguindo levar maior qualidade de vida aos pequenos.

Jornal NH(Sinosnet)

Natal

22/12/05 - 09h38

Campanha distribui cestas a 4 comunidades

“É uma benção de Deus”, comentou a desempregada Leoni da Rocha, 33, mãe de quatro filhos e moradora da Vila Palmeira, no bairro Santo Afonso, que recebeu, como outros moradores, o kit na Capela São José Operário.

Jornal NH(Sinosnet)

Para esclarecer a informação veiculada na reportagem, a rua Eldorado, onde a equipe da Pastoral da Criança fixou seu posto de atendimento, é uma das áreas mais pobres da Vila, situada às margens do dique. As muitas ações assistencialistas atuantes na Vila mostram a necessidade de suprir carências e resolver problemas.

Para finalizar esta seção, apresento alguns excertos de fala dos moradores que ratificam, em algumas situações, as reportagens. Estas falas retratam de alguma forma a maneira como os moradores nomeiam e interpretam os riscos ou perigos. Vale destacar a tentativa dos moradores de “proteger” a Vila onde moram, afirmando que esta é um bom lugar para se viver. As situações de risco ou perigo que eles enfrentam e assumem enfrentar, em certos casos contradizem a declaração de que *tudo está bem*. Neste excerto, a mídia é “acusada” pela adjetivação de área de risco:

Diná: Porque eles [a mídia] se refere ao bairro Santo Afonso, inteiro aqui, como marginal, que aqui só mora marginal. Na Vila não mora gente trabalhadora, só mora marginal. O jornal já fez aquela manchete... colocou, fez a manchete toda, já fez a fama e depois de pegar a fama ninguém mais tira. É difícil tirá, eu acho, difícil por causa disso. Perguntar por aí, saiu uma novidade do Santo Afonso, é isso aí. Minha guria uma vez

disse: - Mãe eu nem digo que moro no bairro. E eu disse: fia cê tem que ter orgulho e mostrar que mora aqui. Vocês foro criado aqui, vocês nunca foro assaltado, nunca, nunca aconteceu nada com vocês. E vocês foro criado aqui, vocês trabalham desde de pequeno, todo mundo sabe que vocês trabalham, né?

Nas duas repostas que seguem, podemos observar uma contradição.

Vândiner: Então você não acha perigoso viver aqui na Vila?

*Diná: **Eu não acho.** Meus filho sai de noite, vem de madrugada. Tem uns colega dele que vem de Porto Alegre. Ele mora no centro de Porto Alegre, o colega do meu filho, ele cansa de liga: tô indo pra lá. Ele cansa de chegar 2, 3h da madrugada aqui em casa. Ele fala que prefere tá aqui em casa do que lá bairro dele. Diz ele que lá tem filhinho de papai fumano ali de baixo do prédio e assaltando. Filhinho de papai. E aqui nunca me aconteceu nada, diz ele. Um dia meu filho ligou dizendo ali: mataro um cara ali em cima, te cuida, né? E daí ele: num encontrei ninguém na rua! Não tinha ninguém, ninguém...*

*Vândiner: **Mas aqui já foi perigoso?***

*Diná: **Já, já, ele é perigoso...** Como é que eu vou te dizer. Digamos que você tá tua casa, tá num..ônibus e você não é aquela pessoa meia atenta... o perigo tá ali... Tem que ter cuidado pra andar, né? Eu não acho perigoso assim... Um amigo dos meus filho, lá de gente lá cheio da nota, ele diz... eu me sinto mais bem aqui do que... como é que ele diz? Do grupo social deles, lá. Eu só muito careta. Ele diz.*

Quando eu estava saindo da casa de Diná, comentei que iria conversar com umas pessoas que moram na rua Eldorado, três ruas abaixo da sua, então ela me disse para que eu deixasse o carro com minhas coisas em frente a sua casa e fosse a pé, sem levar nada, pois lá é muito perigoso e eu poderia ser assaltada.

Na próxima fala novamente o perigo é citado e ao mesmo tempo afastado.

Marli: [...] Eu quero voltar a estudar, mas é que aqui é muuuito perigoso. Pra gente vir 10, 11 horas num dá. Não tem como tu vim.

Vândiner: Mesmo para pessoa que mora aqui é perigoso?

Marli: Mesmo pra gente que mora aqui é perigoso. Uma bala perdida por aí. Não tem como.

[...]

Vândiner: Então você acha perigoso viver aqui?

Marli: Eu não acho perigo, para nós que vivemo aqui. Eu acho mais perigoso lá em cima.

[...]

Vândiner: O perigo maior é o de segurança?

Marli: Sim, sexta agora saiu ali...tiro feio né? Mas...

Essas falas motivam um comentário relevante. Quando pergunto sobre perigo, este é quase sempre associado à violência e à criminalidade. Quando pergunto sobre problemas enfrentados, vários outros riscos e formas de perigo

vêm à tona, ainda que não nomeadas assim. Assim, sobretudo, por essas formas de risco, encaradas pelos moradores como problemas e não especificamente como probabilidades de perigo, é que busco sustentar as respostas ao meu problema de pesquisa, pois com base nesses supostos problemas é que encontrei muitas formas de construção de conhecimentos. Os excertos a seguir são importantes para o estudo desenvolvido.

Marli: Aqui na nossa rua, aqui no beco, tudo alaga quando chove. O pessoal da prefeitura veio, pôs umas boca de lobo, mas não resolveu, porque pra arrumar isso aí eles tinha que arrancar todos os canos de esgoto e botá tudo do mesmo tamanho. Porque aqui cada um comprô seus cano, um mais fino um mais grosso, um botó dum jeito, otro, botó do otro, é por isso que entope. E pra arrumar tem que rancar tudo. Ano passado a prefeitura disse que era pra nós arrancar e eles vinha colocá. Mas daí, vai que a gente arranca e fica tudo aberto? E as criança?

Vândiner: Você que conhece a Vila inteira. Você acha que a área do valo é o lugar mais perigoso da Vila?

Marli: Eu acho por causa daquele valão. Daí tu depende de ponte pra passar. e as crianças? De vez em quanto tão caindo dentro daquele esgoto. Aí engole aquela sujeirama toda. O certo mesmo era tirar aquele pessoal dali.

Vândiner: Mas será que as pessoas querem sair de lá?

Marli: Querer, querem, mas pra um lugar melhor, né? Não vão tirar daqui e botar num lugar pior.

Vândiner: Você gosta de morar aqui?

Marli: Eu gosto, mas eu queria me mudar... meus filhos tão crescendo, né? Cê sai do portão pra lá e vê tudo quanto é tipo de coisa. E a gente quer evitar algum tipo de coisa, né? Pensa bem, meu filho tá com 12 anos e mais tarde ele vai ter que estudá de noite e como é que eu vou ficar até ele voltar?

Vândiner: O Diretor de Habitação da prefeitura me disse que aqui não é mais uma área de risco depois da construção do dique.

Olívio: E é. Agora deixou de ser depois que eles fizeram. Mas não tem infra-estrutura. Eles só prometem. Olha só a sacanagem deles [mostra jornal] “Município começa regularizar Vilas”. Mostra foto da vila Palmeira, como iria ficar isso aqui. Quem olha, quem de outro município tem acesso ao jornal, olha o jornal, acha que tão melhorando, mas é só no papel.

Leonida: Já caiu criança ali dentro [valo]...

Olívio: Aqui eu fiz uma reportagem meia marota [mostra jornal], bem agressiva pra eles. Eu tenho duas também de uma senhora que ... duas criança ali, foram atravessar o arroio e as duas caíram ali na água, uma tinha 5 ano e a outra tinha 13. No esgoto... [anexos 15, 15a].

Leonida: Teve uma outra que caiu e ficou doente, ali no valo, pegou aquela doença do rato.

[Mais jornais...]

Olívio: Aqui tem uma outra reportagem que eu conversei com a mãe da criança...

Essa aqui, água invade casas. Isso é tudo antigo e continua acontecendo ainda.

Olívio: Eu tenho uma reportagem que o Mário Sérgio, secretário de saúde... o jornal veio aqui e eu levei ali na casa de uma mãe que o rato tinha mordido a criança, coisa assim...

Daí o jornal saiu daqui, me ouviu eu e foi conversar com o secretário, daí o secretário disse que rato é hábitos das pessoas.

Leonida: Hábito porque daí coloca lixo em volta da casa, coisa assim, né? Ahhh... sei lá, aqui é tudo limpinho e também tem. O rato entra pra dentro.

Vândiner: Vocês acham perigoso viver aqui por algum motivo?

Leonida: Pela falta de segurança sim.

Vândiner: O que costuma acontecer de perigoso?

Leonida: Hii, matam.

Olívio: É terrível.

[...]

Vândiner: [Aqui não pergunto sobre perigo ou risco, mas sobre problemas]

Dos problemas que vocês tinham quando vocês vieram para cá, quais vocês acham que ainda continuam?

Olívio: Pra melhorá, não melhorou nada até hoje.

Leonida: A única coisa que melhorou foi a água que a gente tem, porque mosquito continua, barata continua, rato continua, esgoto aberto também, a falta de segurança também. No começo não tinha tanto, mas depois que começou essa população entrá, né? A pobreza também continua. Porque as pessoas são muito discriminada aqui. Pra procurá emprego... Ah! Você mora em tal lugar? Não tem emprego. A vaga tá lá, mas se fala onde mora...

Olívio: As pessoas aqui são discriminada pra emprego. As pessoas têm que menti. Levá um comprovante de endereço de um vizinho, que mora com um vizinho... coisa assim. Ou então as pessoas têm que trabalhá com o lixão, né? Essas coisa que traz doença, traz inseto. Vô pedi emprego, não tem. Vou pedi esmola, pior ainda... quem é que vai dar esmola todo dia, né? A vezes a pessoa tem condição de trabalhar, mas não consegue emprego. Pode até ter estudo, mas não consegue igual.

Vândiner: As construções das casas melhoraram?

Leonida: É, um pouquinho... nós levemo 15 ano pra fazer essa e ainda não tá pronta ainda.

Olívio: Esses ônibus aqui nós conseguimos no Ministério Público [...]. [anexo 16]

Leonida: A farmácia não entra. Tu faz o pedido da entrega, tu falou no bairro Santo Afonso. Não.

Olívio: Loja, a maioria das loja num entra aqui. Tu faz uma compra e tu tem que pagar um carro particular e o caminhão da loja num entra e eu dou razão pra eles. Vão colocar em risco a vida dos funcionário e tudo...

Ao longo de toda investigação, venho tentando desconstruir o conceito de risco, que usualmente é entendido como unívoco. Ao trabalhar com a noção de risco, entendo-o como uma construção social. Significando o risco dessa forma também (re)significo a construção de conhecimentos, que é entendida como um construto social. Permito-me novos e outros olhares sobre o currículo escolar, quando encontro nas atividades do cotidiano, pessoas que pouco freqüentaram a escola construindo conhecimentos. O próximo capítulo traz algumas reflexões

sobre conhecimento cotidiano e currículo, lançando a possibilidade de outras interpretações sobre o tema.

Capítulo 4

Um novo olhar sobre o currículo

Eu estudei até a quinta. Eu trabalhava na lavoura, estudava com dificuldade e, com o trabalho e a lavoura, não tinha como ficar na aula. Claro que eu aprendi muito, quando eu morava lá em Santo Ângelo, mas depois eu vim pra cá... Eu já participava de algumas atividades, mas era um pouco tímido, assim... [risos]. Eu ainda sou muito tímido, tô tentando me segurar [risos] pra ser um pouco comunicativo, né? Então, eu vim pra cá, eu tinha vergonha de falar em público, mas eu já aprendi, eu consigo, eu... me sinto bem, e é assim: o pouquinho que eu sei, eu aprendi trabalhando aqui [na Cooperativa]. Eu aprendi tudo com a vida e aqui na cooperativa.

João

Aprendi tudo com a vida! Inicio este capítulo com a fala de João, que mostra em outras palavras, que há conhecimentos também fora da escola, ou das instituições. O excerto que abre este capítulo é uma de muitas falas que mostram que pessoas que pouco ou nunca freqüentaram a sala de aula, construíram conhecimentos sem a assistência da escola. Entendo esses *conhecimentos cotidianos*, como aqueles que se constituem por um conjunto de ações realizadas por alguém ou por um grupo de pessoas no dia-a-dia e que são formados pela criação de estratégias para resolver situações que usualmente auxiliam na melhoria da qualidade de vida, muitas vezes tornando-se uma forma de sustento.

Sem banalizar, desmerecer ou tirar a importância dos conhecimentos que compõem o currículo escolar, questiono sobre as possibilidades de um "borramento" de fronteiras entre os conhecimentos institucionalizados e os conhecimentos cotidianos. Olhar os conhecimentos que são elaborados sem o auxílio da escola contribuiu para uma reflexão sobre as seleções que constituem o currículo escolar. Compartilho algumas dessas reflexões neste capítulo. Divido-o em três discussões centrais: a marginalidade ocupada pelo conhecimento cotidiano na escola, a problematização sobre a elaboração dos currículos e a trama que engendra as relações de poder-saber nas discussões anteriores.

4.1 Um conhecimento à margem do currículo

O conhecimento cotidiano provoca rupturas na escola. Será que é esse o motivo de ele ocupar no currículo uma posição marginal? Nesta pesquisa não faço um trabalho empírico a respeito da constituição do currículo escolar. Utilizo aqui minha experiência como professora e embasamentos teóricos, construídos sobretudo durante a realização desta dissertação. Como professora, pude presenciar a forma marginal como é tratado o conhecimento cotidiano na escola. Nos meus 15 anos de magistério, em escolas públicas e privadas, raras vezes vi esse conhecimento cotidiano ocupar lugar de privilégio nas atividades escolares. Os conhecimentos cotidianos são aqui denominados de marginais devido ao status, à condição dada a eles, que têm seus costumes, valores e normas desvalorizados, ocupando posição secundária e periférica em termos de importância no espaço escolar. Chassot (2001), em *Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação*, dedica-se às discussões acerca da posição da escola, dos educadores e da academia diante dos saberes populares, os que aqui opto por chamar de cotidianos. O autor diz que “os saberes populares são os muitos conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes, com muita empiria” (2001, p. 205). Foi na busca por estes saberes que acabei percebendo que muitos deles estavam relacionados à tentativa de solucionar ou tornar mínimas as situações de risco.

Estes saberes, tão recheados de experiências, se distanciam da escola que tanto valoriza a teoria. Numa tentativa de aproximação, algumas vezes, me vi incomodada com os “dias de festa²⁹” na escola, momentos em que os conhecimentos cotidianos são “convidados” a sair da periferia e dividir o mesmo espaço com os conhecimentos escolares, para serem, por alguns momentos, glorificados. Alguns exemplos são bastante usuais: a exposição de chás e unguentos medicamentosos, que se misturam às lendas e mitos sobre ervas, o que acaba desmerecendo a utilidade daquele saber para as comunidades. As diferentes formas de cálculo matemático, sem a utilização das regras escolares, são exibidas em lindos cartazes, porém dificilmente serão aceitas pela matemática escolar. A exposição de textos mostrando os diversos dialetos

²⁹ Chamo de *dias de festa* os eventos escolares que usualmente são realizados fora de sala de aula, quando a comunidade é convidada a ir para a escola, podendo, inclusive, participar de alguma atividade. Muitos desses *dias* realmente são comemorações de alguma festa do calendário ou é a culminância de atividades iniciadas em sala de aula, como, por exemplo, as Feiras de Ciências e de Cultura.

utilizados pelo Brasil afora, que também são menosprezados e descartados na escrita “oficial” de textos nas aulas de Língua Portuguesa. Sem falar nas apresentações de danças típicas, de rua e de *rap*, que são ridicularizadas em outros momentos. Muitos exemplos podem ser citados, momentos vivenciados nas escolas onde trabalhei ao longo da minha trajetória profissional.

Os saberes cotidianos raras vezes são aceitos como parte das atividades serem trabalhadas na escola, apenas são trazidos como uma forma “permitida” de presença, sem “validade” científica, portanto, de pouca importância para o currículo.

Usualmente a Escola costuma transmitir um saber que ela não produziu (e, às vezes, nem entende), mas o corteja, principalmente, porque traz o rótulo da validação acadêmica. Por outro lado, também não entende – não sabe explicar – os saberes que são da comunidade onde está inserida e por isso os rejeita, até porque estes não são reconhecidos pela academia, pois esta, em muitas situações, também não os sabe explicar (CHASSOT, 2001, p. 208).

Acredito, porém, que esses conhecimentos possam fazer parte do currículo escolar sem perder o que eles têm de fundamental, o contato permanente com a vida diária, com questões e problemas do dia-a-dia, ainda que sejam adaptados para as atividades escolares.

Ao falar da inclusão dos conhecimentos cotidianos no currículo escolar, reconheço que esbarro numa problemática: a pedagogização dos saberes cotidianos. Os processos de pedagogização dos conhecimentos, como menciona Julia Varela (1994, p. 92), “tentam exorcizar perigos, evitar que os conflitos sociais ocorram, que ocupem o lugar que lhes corresponde nas instituições acadêmicas, no campo do saber”.

Segundo Varela (1994), a pedagogização dos conhecimentos, dentre outras coisas, adquire sentido quando acontece a expropriação dos poderes dos estudantes, graças a um processo de oposição, por exemplo, entre os mestres jesuítas e os mestres das universidades medievais. Assim, os alunos perderam sua autonomia, transformando-se em escolares, passando a seguir procedimentos com objetivos definidos pelos mestres. Os efeitos dessa pedagogização que surgiu e se aperfeiçoou nos colégios jesuítas perduram, ainda, em muitas das escolas atuais: mestres como detentores do saber; alunos em posição de subordinação que adquirem conhecimentos dosados para

determinados objetivos; os saberes dos mestres são os verdadeiros e não se remetem a processos sociais; os saberes são desvinculados das urgências materiais, dos problemas sociais; as culturas de determinados grupos são marcadas pelo estigma do erro; o monopólio da verdade por uma cultura, dentre outros.

Para romper com a idéia historicamente sustentada pela instituição escolar de que uma cultura é verdadeira, de que alguns poucos são detentores do saber e que, por isso, são habilitados a estabelecer o que deve e o que não deve fazer parte do currículo escolar, assim como com a pedagogização do conhecimento, é necessário criar outras formas de estruturação e concepção do currículo.

Do modo como a maioria dos currículos está estruturada, não há espaço para conhecimentos que não se enquadrem nas normas escolares. É preciso repensar o currículo como uma construção social, em que a participação de outras maneiras de pensar e conceber o mundo sejam aceitas, afastando a tentativa de pedagogização dos conhecimentos cotidianos, que, por característica, são colaborativos. Mais que incluir o conhecimento é preciso compreender como ele é constituído e qual sua importância para os alunos e para a comunidade onde está a escola. Um currículo unificado para várias escolas também não dará espaço para o conhecimento cotidiano, pois este é constituído em espaços distintos, com experiências, interesses e necessidades diversas. Assim, não há como incluir conhecimentos cotidianos num currículo que se mantenha sem a flexibilidade necessária para a aceitação de outras verdades, senão as escolares.

Sobre essa *presença permitida* concedida aos conhecimentos cotidianos comentada antes, vale tecer algumas discussões. Tomando este conhecimento como constituído com o objetivo de encarar situações do dia-a-dia que visam à melhoria da qualidade de vida de quem o constituiu e dos que dele vão usufruir, ele mostra-se atrelado aos mais variados espaços de vivência, inclusive à escola. Como afirma Varela (1994, p. 93), “ao lado dos saberes 'oficiais', disciplinarizados, continuam se produzindo saberes que põem em questão os efeitos de poder ligados à organização institucional que os sustenta”. Esses outros conhecimentos, “não-oficiais”, colocam sob tensão as questões de ordem

organizacional e curricular, causando rupturas. Há aqui um enfrentamento entre os muitos saberes. A idéia de *presença permitida* não passa, então, de uma ilusão, pois, mesmo que a escola não valorize os conhecimentos cotidianos, mesmo como “penetras”, eles estarão sempre presentes na escola, nas falas, nas atitudes e valores das pessoas. Vale comentar que a construção de conhecimentos cotidianos não é exclusividade de pessoas que pouco ou nunca freqüentam a escola, mas de um conhecimento que está ligado a grupos sociais que precisam desses conhecimentos até mesmo como forma de sobrevivência.

Os conhecimentos que respondem a questões imediatas e do dia-a-dia tiram certezas e desestabilizam a estrutura pré-definida da escola, além de fazer circular outras verdades e outras respostas para as coisas do mundo. Talvez esses sejam bons motivos para a escola tentar manter os saberes cotidianos distantes. Se há espaço para todos, a instituição escolar coloca em risco a sua organização disciplinar. A escola está amarrada aos fatos, com respostas e verdades absolutas; já a comunidade, com os seus conhecimentos não-escolares, lida com os acontecimentos, com as incertezas, com o imprevisível. Por este motivo, a escola, instituição moderna, que acredita que o futuro é passível de controle, perde o chão sem as suas certezas, quando se pensa na possibilidade de inclusão de conhecimentos que atuam no presente, que buscam respostas para os acontecimentos da ordem do dia.

Tratar o conhecimento não-institucionalizado como exótico, não apenas no sentido de extravagante, mas principalmente na acepção de algo que é estranho e que vem de fora, é uma estratégia para manter a hierarquia entre os conhecimentos como está, de maneira que os conhecimentos escolares estejam em lugar privilegiado. Pensar os conhecimentos cotidianos como uma possibilidade de aceitação no currículo, mais do que nos “dias de festa”, e as tramas que engendram essa discussão é o assunto da próxima seção deste trabalho.

4.2 Currículo, aqui alicerces... logo podem ficar mais escondidos

Esta dissertação foi gerada na Linha de Pesquisa Currículo, Cultura e Sociedade e toda a vinculação com mesma se fez/faz, especialmente, por meio de estudos acerca do currículo e de seus enlaces com a Cultura e com a Sociedade. Não cabe, aqui e agora, retomar extensas teorizações de currículo,

até porque essas estão no fundamento deste trabalho. É fácil aceitar que os alicerces não precisam aparecer; sabemos que eles existem e como se construíram pela envergadura da obra.

Como já mencionei, o conhecimento cotidiano está presente na escola, ainda que não seja controlado por ela, e que sua presença não esteja registrada em qualquer documento, pois ele aparece na relação entre as pessoas. A desmistificação da existência de um currículo explícito e de um currículo oculto é trazida à tona diante dessa discussão. Não há nada escondido por trás do currículo; pelo contrário, as normas, valores e intencionalidades estão na superfície de sua construção. Por vezes, o conhecimento cotidiano é dito como do “lado de fora” do currículo, porém não existe um dentro e um fora, mas uma periferia, onde se localiza aquilo que não foi permitido ter prestígio. Existe, sim, um currículo em forma de registro, do qual se precisa de autorização para ser parte. É neste também que falo incluir o conhecimento cotidiano.

O currículo está diretamente relacionado às questões sobre conhecimento e verdade. Porém,

[...] ao centrar-se na questão do conhecimento ou da transmissão cognitiva, tende-se a esquecer que todo currículo “quer” modificar alguma coisa em alguém, o que supõe, por sua vez, alguma concepção do que é esse “alguém” que deve ser modificado (SILVA, 2002, p. 38).

Os conteúdos eleitos para serem trabalhados na escola não são escolhas neutras e desinteressadas. Ao elaborar-se um currículo, tem-se a intenção de criar atitudes que são consideradas melhores que outras ou que se querem difundir, como, por exemplo, é preciso tomar banho todos os dias, escovar os dentes, olhar o sinal antes de atravessar a rua, jogar o lixo na lixeira. Enfim, o currículo tem objetivos definidos quando faz a opção por determinados conteúdos e não por outros. Chassot (2001) diz que se atentarmos à história social do currículo, verifica-se que este está desvinculado da realidade local e temporal da escola, agindo como instrumento de poder. Os conteúdos eleitos carregam um falso rótulo de necessários à formação do estudante e, contraditoriamente, por seu hermetismo se tornam inacessíveis.

O que interessa na corporificação dos conhecimentos no currículo não é saber qual conhecimento é verdadeiro, mas a qual conhecimento será dado o *status* de verdadeiro, por que se ensina um determinado tipo de conhecimento e

não outro, por que se valoriza um conhecimento e não outro.

O currículo, não raro, assume nas falas um caráter antropomórfico, como se fosse uma entidade individual, pessoal e pensante. Mas o currículo é construído historicamente pelas pessoas, e não auto-construído, como muitas vezes é apresentado. Sendo assim, afasto a idéia de um “ser-curriculum”, voltando-me a quem o construiu, os seres pensantes que o tornaram de um modo e não de outro. Sandra Corazza (2001, p. 9) apresenta o currículo como uma forma de linguagem, construcionista, que nos permite identificar “significantes, significados, sons, imagens, conceitos, falas, língua, posições discursivas, representações, metáforas, metonímias, ironias, invenções, fluxos, cortes...”.

[...] Ao atribuímos essa condição “linguajeira” a um currículo, dizemos que a natureza de sua discursividade é arbitrária e ficcional, por ser histórica e socialmente construída. Que seu discurso fornece apenas uma das tantas maneiras de formular o mundo, de interpretar o mundo, e de atribuir-lhe sentidos (CORAZZA, 2001, p. 9-10).

Se o discurso que constitui o currículo é uma das várias maneiras de formular, interpretar e dar sentido ao mundo, outras possibilidades de interpretação, outros discursos podem formular distintos currículos.

Invisto na idéia de que o currículo não é construído apenas de maneira institucionalizada, acreditando que os significantes, significados, fluxos, cortes são também inventados e reconhecíveis fora da escola. O conhecimento cotidiano, não-institucionalizado, assim como o escolar e o científico, possui uma elaboração coerente quando se pensa que esse saber é elaborado para a solução de “problemas”. Permito-me dizer que o conhecimento cotidiano está muitas vezes direcionado a questões práticas, enquanto alguns saberes escolares dificilmente serão utilizados no dia-a-dia das pessoas. A disciplinarização de forma rígida dos saberes no currículo é fator que contribui para o distanciamento dos saberes cotidianos, pois estes não são compartimentados como os saberes escolares, dada a sua utilização transdisciplinar na vida cotidiana.

Acredito na existência de um currículo não escolar, sendo formado pelos “conteúdos” que constituem os saberes cotidianos. Identifico esses conteúdos nos saberes elaborados pelos moradores da Vila Palmeira ao construírem casas sobre palafitas, ou em “cupins de aterro” para se proteger dos alagamentos, no

desenvolvimento de estratégias de negociação junto aos órgãos do governo e na organização comunitária que visa à luta por melhor qualidade de vida, no “jeitinho” dado para fazer o salário render e pagar as despesas, nas muitas formas de trabalho alternativo para garantir o sustento, dentre outros. Desvincular o pensamento de um currículo sem anotações, sem uma tabela bem organizada, sem teorias e teóricos sustentando suas idéias, sem regras que o normatizem e sem escola, não é algo corriqueiro e de fácil aceitação, já que, com a instituição escolar, fomos acostumados a outras convenções. O conhecimento cotidiano que considero como uma forma possível de conhecimento para ser incluída no currículo, apresenta uma luta por sobrevivência que é pouco ou nada conhecida pela escola ou, pior ainda, ignorada intencionalmente. A construção desses conhecimentos é recheada pelo empírico e não pelo teórico, dado pela ciência acadêmica. Sua movimentação é incessante, na medida em que as adversidades da vida pedem novas formas e habilidades para resolver os “problemas”, exigindo que esses conhecimentos sejam renovados ou reformulados para assim atenderem às necessidades do meio. A escola, usualmente, trabalha com conhecimentos que vieram de outro lugar, que foram construídos fora dela. Os conhecimentos escolares são os conhecimentos científicos/acadêmicos, transformados de modo a se tornarem palatáveis aos alunos e professores. “O problema é que o saber tende a esquecer o estado de onde veio” (SILVA, 2002, p. 39-40), tende a neutralizar o movimento que o constitui. O saber, a vontade de saber busca a paralisia, a fixação, pois lidar com o que se move é realmente muito mais difícil.

Verifica-se, que usualmente professores e professoras não sabem quem selecionou determinados conteúdos nem por que estes fazem parte do currículo. Transmitem o que os selecionaram, com propósitos que às vezes desconhecem. Assim, o saber escolar é também, e acima de tudo, um saber político (CHASSOT, 2001, p. 209).

Silva apresenta algumas interrogações acerca de concepções que fazem as coisas se mexerem nas teorias do currículo, no sentido contemporâneo. Elas encaminham-me ao próximo segmento deste texto.

O que motiva o processo todo? Por que esse conhecimento e não outro, por que essa concepção de verdade e não outra? Por que queremos que alguém se transforme em uma coisa e não em outra? E por que pensamos nesse “alguém” como tendo um tipo de natureza e não outra? Trata-se de perguntas sobre o movimento; sobre o devir, se quiserem. E a resposta, da perspectiva pós-estruturalista, à pergunta sobre o que faz tudo isso se mover é: o poder, as relações de poder

(2002, p. 38).

4.3 Relações poder-saber

*E sabe que ele aprendeu mexendo nas coisa, olhando fazê, sabe? Porque tem pessoas, eu acho assim... Tem pessoas que aprende mais olhando as pessoas trabalhá do que estudando, porque não sei se estudando tem a prática, como tem tu olhando, né? Hoje ele toma conta de obra e aprendeu só olhando. Que nem costura, tricô, cortá cabelo, né?
Tem que fazê pra ver se acerta né? Bolo também, né? Tem que fazê que uma hora vai dá certo.*

Eva

Embalada pelas questões colocadas por Silva, trago como problematização um excerto de fala que coloca em xeque a valoração e os critérios utilizados para a escolha dos conhecimentos que constituirão o currículo escolar. A questão da valoração dos conhecimentos eleitos para o currículo passa por questionar de quem são os valores, para quem e para que servem. A fala de Eva põe sob suspeita os conhecimentos advindos da escola, inquirindo a respeito da contribuição destes para a resolução de “problemas”, sobretudo para as situações diárias.

As escolhas por este ou aquele saber remetem-nos à produção de verdades, que, segundo Foucault,

não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque estes mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdade, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam (2004, p. 229).

A presença do conhecimento cotidiano na escola, mesmo que à margem do currículo, faz as relações de poder instigar formas de resistência, tanto pelo conhecimento cotidiano quanto pelo escolar, pois o poder daquele que domina fará sempre o maior esforço para se manter quanto maior for a resistência (FOUCAULT, 2004). Não há uma quietude por parte dos que constroem os conhecimentos cotidianos, pelo contrário, muitas estratégias são utilizadas para

que estes apareçam. As mínimas brechas deixadas, como os “dias de festa”, para que façam parte são utilizadas como forma de resistência. Entendo os conhecimentos cotidianos como o que Varela nomeia de conhecimentos alternativos, aqueles que

enfrentam saberes e discursos que se servem de supostas categorias universais para falar de tudo sem se referir nunca a processos reais. Por isso são saberes que levam em conta as lutas e os interesses em jogo e, portanto, as lutas e os interesses que atravessam os códigos teóricos, o território mesmo dos saberes legítimos (1991, p. 93).

Essa luta dos conhecimentos não-escolares por espaço não é nada fácil. Para isso, é preciso fazer-se valer a produção de enunciados considerados verdadeiros. Porém, geralmente, os domínios científicos é que têm primazia para enunciar verdades. Como os conhecimentos escolares são os conhecimentos científicos adaptados, parece-me que essa primazia dos conhecimentos científicos é passada aos escolares como por consangüinidade, por ancestralidade. Alice Casimiro Lopes afirma que

o entendimento deste processo de seleção nos permite ver o conhecimento escolar não trabalhando apenas com conhecimentos eruditos/científicos, mas com um conjunto de conhecimentos díspares, de origens diversas, sendo transmitido como o que há de mais fundamental na cultura humana (2005, p. 5).

Essa seleção está ligada à constituição de campos de saber, que necessariamente compõe relações de poder. Para Foucault (2004), poder e saber são os lados de uma mesma moeda, com poder produzindo saber. E o que é o saber? O conhecimento? Uma invenção, assim como a verdade. “É um tablete, uma lousa, uma superfície na qual inscrevemos/escrevemos tantas versões e interpretações quantas forem as que pudemos inventar” (SILVA, 2002, p. 47).

O conhecimento dá sentido e valora as coisas, o que, por conseqüência, envolve forças. Dizer que uma “coisa é como é” não indica o que realmente seja, mas que exerce poder para enunciar: “é assim”. Os conhecimentos escolares exercem este poder de dizer “é assim”, sendo muitas vezes apresentados como verdades indiscutíveis e auto-suficientes, razão que sustenta a idéia de que conhecimentos cotidianos não são válidos. Binarismos tornam-se indispensáveis para manter as oposições entre conhecimento escolar e conhecimento não-escolar: aceitável/não-aceitável, útil/desnecessário, obrigatório/irrelevante, etc. Desse modo, segundo Silva,

as oposições, tal como todas as categorizações, não passam de

convenientes simplificações. As oposições eliminam a gradação, a continuidade, a indistinção do mundo. [...] Entre os pólos de uma oposição jazem os restos das diferenças relegadas ao estado de não-ser. A oposição radicaliza, extrema a diferença para melhor eliminá-la: um dos pólos é a sede da verdade, da essência, da presença, do original; o outro, da falsidade, da ausência, da cópia e do simulacro (2002, p. 40).

As tentativas de inclusão do conhecimento não-escolar no currículo o têm por vezes transformado-o em um simulacro que acaba sendo invalidado por sua aparência enganosa. As tentativas de “ceder” espaço a este conhecimento, mesmo que ele não necessite de autorização para estar na escola, parecem-me mais uma forma de demonstrar força de quem “permite”. Exaltam-se as características mais “folclóricas” do conhecimento cotidiano, com a intenção de apagar as características utilitárias e práticas que, por tempos e em diversas culturas, foram a única forma de conhecimento possível e conhecido.

Pensar os conhecimentos como criações, como invenções que objetivam registrar a presença das coisas, que são forçadas e induzidas (SILVA, 2002), me remetem a uma trama de saber-poder em que a criação não deixa de ser um ato de força, de atribuição de sentidos. Essas forças têm assinatura e diferencial que induzem outras forças. A constituição do saber é intencionalmente uma forma de poder, independentemente de ser um saber institucionalizado ou não. Assim, a valoração de um saber em detrimento de outro é muitas vezes a existência de diferentes interpretações sobre algo, que resulta numa correlação de forças, que mantém a constante elaboração de novos saberes. Como diz Foucault (2004), não existe uma instância suprema para se enunciarem verdades.

Meu objetivo neste capítulo foi criar espaço para repensar algumas posições e verdades e refletir sobre outras interpretações que podem dar mais abertura à constituição do currículo escolar. Se imaginarmos o currículo

como uma lousa mágica, ao levantarmos a película que a recobre, encontraremos não a verdade que a aparência escondia, mas um espaço, totalmente em branco, no qual estaremos livres para escrever, a partir do zero, novas histórias. O currículo é, então, pura escrita, pura interpretação (SILVA, 2002, p. 47).

Se é possível reinventar o currículo, é nesse viés que exalto a oportunidade de pensarmos a possibilidade de novos conhecimentos como parte dele, sem empurrões para os cantos. Não trago receitas para a elaboração de um currículo mais aberto e flexível que permita a presença de conhecimentos

cotidianos não-pedagogizados, mas levanto discussões e possibilidades. A presença desses conhecimentos de forma não-pedagogizada implica avançar na empreitada de uma reorganização curricular que permita a presença de outras formas de conhecimentos. Torna-se urgente reavaliar os interesses do currículo, as escolhas que foram feitas para sua elaboração, a quem ele atende e que objetivos pretende atingir, para a partir daí pensar, se necessário, numa reestruturação na construção e nas concepções do currículo. Campos traz discussões importantes sobre o assunto.

[...] entendo que é preciso ter um equilíbrio entre os *diferentes* tipos de conhecimentos, ao mesmo tempo em que se reconhece a importância de proteção da criação e da propriedade intelectual – normalmente produzidos na academia –, é preciso vislumbrar o horizonte da formação coletiva e comunitária do conhecimento, além da valorização dos grupos sociais que cultivaram e ampliaram conhecimentos durante milênios (2006, p. 44).

Aceitar a existência da pluralidade de conhecimentos na escola, respeitando a história, as características e a importância de cada conhecimento nos diversos contextos, permite não só a aceitação de conhecimentos não institucionalizados como válidos, mas também, principalmente, a aceitação de expressões culturais distintas.

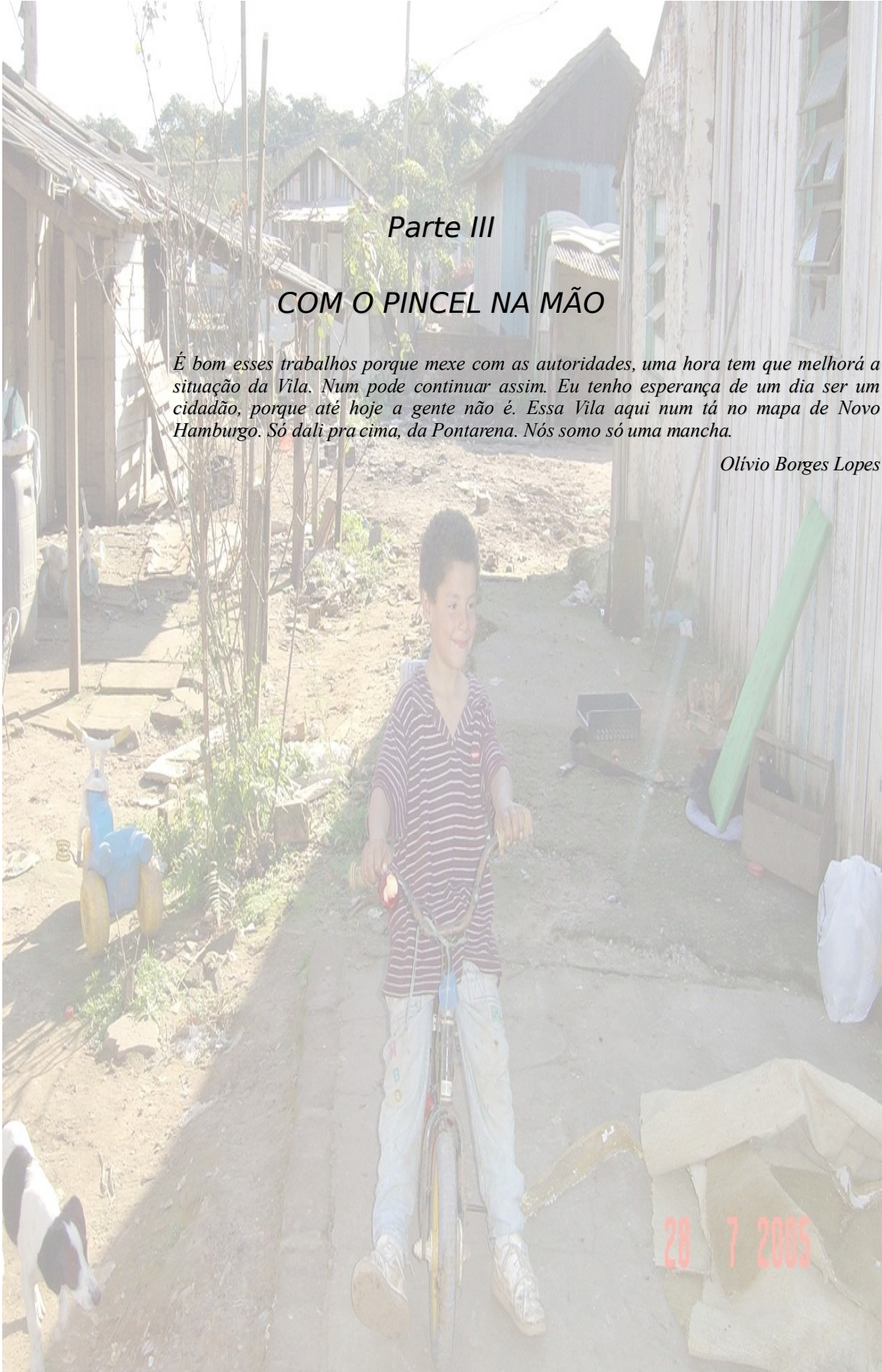
Para manter certos conhecimentos na marginalidade do currículo da escola, classificam-se sujeitos e conhecimentos. Normalmente, essas classificações costumam “ser aceitas como algo dado, como naturais, razão pela qual seu reconhecimento contribui para aprofundar sua lógica de funcionamento” (VARELA, 1994, p. 93). Essa lógica e práticas constituídas historicamente serão sacudidas com a presença de outros conhecimentos na centralidade do currículo, podendo ser criticadas e repensadas.

Assim, tomando o currículo e os conhecimentos, sejam eles escolares, cotidianos ou científicos, como uma construção social, resultado de interpretações das coisas do mundo, acredito que a (re)construção do currículo escolar permitiria a consideração dos muitos marcadores culturais existentes na escola. Para Silva,

todas as formas de conhecimento são vistas como o resultado dos aparatos – discursos, práticas, instituições, instrumentos, paradigmas – que fizeram com que fossem construídas como tais. As implicações dessa perspectiva não devem ficar restritas à análise. É possível pensar num currículo que enfatizasse precisamente o caráter construído e interpretativo do conhecimento (1999, p. 136).

O rompimento de barreiras, o "borramento" de fronteiras, enfim, um currículo que aceite lidar com os muitos saberes pode enriquecer a construção de propostas pedagógicas que se aproximam do cotidiano e das experiências dos alunos. Novos olhares, novas (re)significações culturais e novas construções podem surgir para as verdades existentes na escola.

O capítulo seguinte encerra esta dissertação, mas muito provavelmente não encerra as discussões motivadas por esta investigação. A construção do conhecimento cotidiano estimulado por situações que colocam em risco a qualidade de vida dos moradores da Vila Palmeira foi sendo trazida ao longo do texto nos excertos de fala e nas reportagens de jornal. No capítulo que segue procuro rever alguns desses excertos, localizando-os nas unidades de análise já apresentadas, e também as tramas que engendraram a busca por respostas ao problema de pesquisa.

A young girl with dark hair, wearing a purple and white striped shirt and light blue jeans, is riding a bicycle down a narrow, unpaved alleyway. The alleyway is flanked by simple, makeshift buildings made of wood and corrugated metal. The ground is dirt and littered with some debris. In the background, more buildings and trees are visible under a bright sky. A small dog is visible in the lower left corner. The overall scene depicts a typical urban favela environment.

Parte III

COM O PINCEL NA MÃO

É bom esses trabalhos porque mexe com as autoridades, uma hora tem que melhorá a situação da Vila. Num pode continuar assim. Eu tenho esperança de um dia ser um cidadão, porque até hoje a gente não é. Essa Vila aqui num tá no mapa de Novo Hamburgo. Só dali pra cima, da Pontarena. Nós somo só uma mancha.

Olívio Borges Lopes

28 7 2005

Capítulo 5

Um quebra-cabeça no qual podem faltar ou sobrar peças

Descobri com Thomas Kuhn que numa pesquisa, quando fazemos ciência, buscamos a solução de problemas, e que em geral “os problemas realmente importantes não são como quebra-cabeças (veja-se o exemplo da cura do câncer ou do estabelecimento de uma paz duradoura), em grande parte porque talvez não tenham nenhuma solução possível” (KUHN, 2003, p. 59). Assim é possível que haja falta ou sobra de peças. Na verdade, descobri também que não sei ao certo se estas faltaram ou sobraram nesta investigação, pois meu objetivo não era encontrar uma solução, mas gerar dúvidas, afrontar certezas, criar interrogações e problematizar as formas de ver as coisas do mundo.

Neste capítulo, não procuro trazer respostas absolutas sobre as questões que moveram esta investigação, nem arrematar por completo esta pesquisa, até porque, nesta dissertação e em muitas situações de vida, adoto a palavra terminar, na acepção de delimitar. Não vou fechar, ou dar por encerradas as problematizações que trouxe, dou por encerrado este trecho de caminhada, que, provavelmente, vai me conduzir a outros caminhos, alguns já imaginados, outros que ainda irão surgir.

A sensação de que poderia ter feito diferente, ter apresentado mais dados, abordado outras questões, argumentado sobre tal coisa, creio que vai me acompanhar. Mas é chegada a hora de parar. Assim sendo, utilizo este espaço para apertar alguns amarrados que possam ter ficado um pouco “frouxos” quando alinharei as análises. Na primeira seção deste capítulo há uma compilação de análises dos dados apresentadas no capítulo 2, e na segunda, uma recapitulação das discussões trazidas na investigação com algumas reflexões.

5.1 “Quem culpa suas ferramentas é mau carpinteiro”

Teoria e prática caminharam juntas durante toda a investigação, de modo que as ferramentas de análise funcionaram como parceiras da parte empírica. As escolhas feitas para as unidades de análise mostram uma unidade que não quer indicar único, uno, mas sim a coesão dos enunciados recorrentes e por isso

agrupados. O que trago aqui não indica uma única possibilidade de interpretação; os agrupamentos mostram uma leitura que tentou responder ao problema de pesquisa.

No primeiro grupo de análise – *As estratégias de construção de conhecimentos* –, reuni conhecimentos construídos pelos moradores que percebi no material de pesquisa e nas observações do meio, como técnicas para construção de casas em áreas de alagamento, reaproveitamento de materiais, aprendizado de profissões, criatividade na criação de formas alternativas de sustento, desenvolvimento da retórica por meio da observação e prática, formação de lideranças comunitárias, entre outros.

A observação dos conhecimentos construídos mostrou que quase nunca eram elaborados de maneira individual, sendo a produção coletiva umas das características principais. Apesar das exigências da sociedade contemporânea e do individualismo que viemos cultivando, alguns desses saberes são construídos em grupo e/ou transmitidos de forma solidária.

Estes conhecimentos assim construídos podem ser lidos como uma forma de resistência, pela tentativa para tornar a área ocupada habitável, mesmo com condições precárias. Não vou aprofundar a discussão sobre o conceito resistência, apenas levantar a discussão. Segundo Foucault (1995), as resistências podem funcionar como um catalisador, capaz de esclarecer relações de poder, inclusive para deixar à mostra os pontos de aplicação e métodos utilizados. “Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias” (FOUCAULT, 1995, p. 234).

O conhecimento cotidiano foi por muito tempo e ainda é para algumas pessoas e/ou comunidades quase a única forma de conhecimento possível, pois os conhecimentos científicos não se mantêm apenas esotéricos, eles nem sequer são disponibilizados à maioria das pessoas. A tradição foi para muitas culturas a sustentação na resolução de seus problemas. Muitos dos saberes utilizados, por exemplo, o uso de chás medicamentosos e a construção de casas em madeira, na Vila Palmeira, ainda têm a tradição como fundamento, sendo os conhecimentos transmitidos de uma pessoa para outra. A contemporaneidade tem criado outros “problemas”, que ocasionam novas exigências, fazendo com

que os conhecimentos tradicionais, antes suficientes, se tornem obsoletos diante dos novos cenários que vão sendo construídos. A reestruturação dos conhecimentos tradicionais ou a criação de outros, individual ou coletivamente, se tornou um processo constante na luta para se tentar viver melhor. Quando a tradição já existente não responde às questões criadas em outros tempos, outras tradições vão sendo criadas. Com estas constatações elegi a unidade *Conhecimento solidário*.

A seguir, alguns exemplos podem ser encontrados nas falas.

Adão: Eu tava trabalhando... e comecei a "mimoriar" minha vida. Chegava o dia do vale... as pessoas que fazia dez, doze anos que tava trabalhando ali e não saia vale... - Ai... e agora, como é que eu vô passá? Não saiu o vale... Eu pensei: Nossa! E agora? Eu vim aqui... Como é que pode ser uma coisa dessa! Meu Deus!... Dez, doze anos, não consegui nada na vida! Ainda tão dependendo do salário ainda? Do vale? Pra sobreviver mais quinze dia? Quê que eu tô fazendo aqui? Não é possível, que eu fiz isso? Eu falei comigo. Eu vi o guarda lá, bem vestidinho, olhando todo mundo trabalhar, só anotando as coisa, só batendo ficha. Aí eu fui lá e já me encostei no guarda. - Seu guarda, como é que é o trabalho de guarda? E ele foi me explicando... - E como é que é pra gente entrar numa firma? - Só tem que tê alguém pra te apresentar, só sabendo mais ou menos o trabalho do guarda... um cara apresenta o senhô aí numa firma..., aí, derepente só pega uma firma e vai trabalhá de guarda. - Mas diz aí que tem que fazê um curso? Eu perguntei. E ele me disse: - Não, curso é pra quem quê trabalhar.. pra quem quê tê mais..., quê ter mais categoria..., quer representar..., nós... ganhano o dinheiro já é bom. Aí, terminada as obrigação, ele ia me explicano tudo. Pedi as conta lá, me arranquei. Fiz igual ele me ensinô e arrumei um emprego de guarda.

Vândiner: Quem normalmente constrói as casas? São os donos das casas mesmo?

Eva: É eles mesmo, eles mesmo, eles não têm condição de pagar, a mão-de-obra é muito cara, daí é mais caro que comprar o material, sabe? O Borgueti faz de tudo. Até mesmo na madeireira todo mundo conhece ele. Um dia, as guria que mora de aluguel lá em casa, queimô o chuveiro, foi comprá outro... daí o chuveiro não funcionou, né? Ele viu o chuveiro - Não queimô, ele não tá prestando alguma coisa. Na madeireira... aí a mulher foi entregar e disse: - O Borgueti já falou mesmo que o chuveiro tinha qualquer problema, tá acostumado.

João me mostra fotos e comenta sobre elas.

Aqui é a construção da creche, todo o pessoal ajudando a construir, com o apoio da Cáritas, nos construímos.

Aqui a gente trabalhava em mutirões, a gente sempre trabalhava assim. Tinha pessoas que não tinha profissão nenhuma, então às vezes sobrava mão-de-obra, mas faltavam profissionais dependendo das obras que a gente ia fazer.

Aqui é o trabalho organizado. Tudo que a gente fazia. Aqui o prédio, tinha um grupo de apoio que programava o serviço da semana. Muita coisa era paga pela Cáritas e com a ajuda da UNISINOS. No final de semana, a gente tinha homens, mulheres e crianças no trabalho coletivo.

A segunda unidade de análise do primeiro grupo – *Do manual ao intelectual* – foi a que mais me proporcionou aprendizado durante a pesquisa.

Tive minhas certezas abaladas e mais, (des)construídas, me permitindo outro olhar sobre o que eu acreditava ser uma verdade. Tachei-me de preconceituosa quando percebi que buscava conhecimentos cotidianos ligados quase exclusivamente aos trabalhos manuais.

Fui surpreendida por pessoas que desenvolveram conhecimentos muitas vezes vinculados a saberes acadêmicos: a destreza no usar um vocabulário apropriado a determinadas situações, a articulação de idéias para defender interesses, a capacidade de liderança diante da comunidade, sabendo apaziguar situações para não perder a razão, a criação de estratégias coletivas que têm poder de persuasão etc. Tive, neste caso, a oportunidade de entrevistar pessoas que se mostraram construtoras de conhecimentos que auxiliaram na constituição lideranças comunitárias. Ou melhor, tive sorte, porque dentro dos critérios para escolher os entrevistados não havia algo que me conduzisse necessariamente a eles.

Escolher um nome para esta unidade foi um exercício difícil, pois tinha o propósito de mostrar o binarismo existente entre uma forma de conhecimento e outra. Aclaro que não me faço novamente preconceituosa, quando uso a palavra manual e intelectual contrapondo-se. Tomo a última para designar as atividades que estão enraizadas no conhecimento gerado da leitura livresca e/ou da formação escolar.

Tento mostrar aqui, que não há um dentro e um fora, mas uma trama que permite a construção dos conhecimentos de várias maneiras, sendo a escolar apenas uma delas. Nomeio então, o João, o Borgueti, a Marli, o Olívio, dentre outros, de intelectuais, construtores de um saber que, por meio da leitura do mundo e por necessidade do meio, se formaram líderes comunitários. Os exemplos aqui são mais difíceis de serem apresentados na forma de excertos de entrevistas, pois são mais bem notados no conjunto de falas. A seguir, alguns que são relevantes para esta investigação.

Comentários do *Jornal NH*³⁰ (25 e 26 de agosto de 1990, p. 6) sobre uma entrevista concedida por João.

30 Este jornal estava junto com os demais recortes guardados pelo presidente da Cooperativa.

Toda esta organização, desde a luta por um acordo junto, às proprietárias da área até questões de infra-estrutura, a construção da creche que já está em andamento, enfim, o conjunto de realizações deu-se, desde o início, com a participação ativa da comunidade, das famílias que estavam necessitando de ajuda, ressalta. Hoje, novas necessidades estão surgindo, como a questão da iluminação pública, já em andamento, a canalização dos esgotos, a luta pela isenção de impostos e uma série de outros problemas no dia-a-dia. Mas a nossa certeza é de que os objetivos estão sendo alcançados mediante a participação e conscientização de todos, não de um grupo em particular, salienta João ao ressaltar que já estão em condições até mesmo de assessorar outras entidades que tenham propósitos semelhantes e também adquirir experiência com eles.

Mais falas:

João: Eu não sei assentar um tijolo, com essas coisas eu não pude ajudar em nada!

Eva: Eu tô falano... Eu sempre digo: Vê meus filho, seu pai lutô tanto pra ter as coisa que tem, né? Tudo que ele faz é olhando... porque ele tem poco estudo, né? Aprendeu tudo com a vida.

Marli fala sobre o trabalho que desenvolve na Pastoral da Criança.

Marli: Bom... a gente orienta, né? Orienta as mães gestantes. Como amamentar, como preparar o peito, se tá indo no posto ou não, se já tomou a anti-tetânica, se tá fazendo os exames, e as crianças de 0 a 6 anos também, que às vezes tá com diarreia, desnutrida. Aí a gente faz xarope, faz pomada caseira... aí a gente doa pra eles porque às vezes as pessoas não têm dinheiro pra comprar remédio, né? Daí aquele xarope ajuda.

Marli: Se pelo menos se cuidasse [fala de adolescentes grávidas], né? Agora nós vamos fazer um grupo de gestantes. E daí é pra vir a assistente social do posto, pra gente entrá também... como é que se diz?... com o planejamento familiar. E daí vamo ver se a gente consegue um grupo de gurias também pra fazer o planejamento tudo direitinho, pra gente tentar né, a gente vai tentar.

As falas de Olívio mostram o seu engajamento em movimentos sociais que visam conseguir melhores condições de vida para as pessoas da Vila (anexos 17, 17a).

Olívio: Eu comecei a trabalhar no calçado. Não me acostumei, daí fui pra construção civil que tô até hoje.

*A gente que tem pouco estudo num consegue... eu fiz só até a terceira série, mal sei assiná meu nome, aí fica difícil de procurá emprego. E por causa do trabalho a gente não volta a estudar. Eu tive chance de voltar a estudar, porque eu sou **diretor do sindicato**, dava pra eu voltar. Mas... tinha que largar quize pras seis, é horário que eu largo. Começava as 7h, das 7h até as 10h; ônibus que vem pra cá é difícil que você nem imagina, só quem mora aqui pra saber.*

Olívio: Na época que eu era presidente da associação, nós fomo na justiça pra eles forçar tirá as pessoa dali, ou ligar a água pra eles, porque as pessoas até hoje não têm água ali. A Comusa traz a água de caminhão pipa ali pra eles. Desde 96 a situação

*acontece até hoje. Daí nós fomos pro ministério público pra eles tirá as pessoas dali e levar pra terreno digno pra eles morá com dignidade ou ligar a água ali. Eles não ligam porque é área de risco, eles não pode ligar a água. Daí a prefeitura intimô a habitação, o meio ambiente e o secretário de saúde porque é saúde pública. **Eu faço parte do conselho Municipal de Saúde, daí nos fizemos um termo de ajuste** que eles teriam 90 dias pra tirar as pessoas dali e um ano pra recuperar o valo de drenagem, porque este valo ali, quando eles fizeram o dique, eles fizeram o valo pra dreno do dique quando desse enchente coisa assim... Ele era um dreno, era pra correr água limpa. Mas como tinha um valo pronto começaram a largar esgoto ali. Fica a céu aberto. **É um crime ambiental que a prefeitura tá cometendo. E eu peguei tudo aquilo ali, nós descobrimo tudo aqui ali através do sindicato, falamos com os engenheiro, nós fomos até São Leopoldo, nós fizemos uma reunião com eles.** Nós tinha o apoio dos engenheiro, que eles dero uma carta pra nós, explicano como é que tinha que ser: Até ali, eles diziam que era proibido canalizar o esgoto e eles levam empurrando com a barriga, até que nós descobrimo. Já passô 5 ano. Esse documento eu tenho, vô te mostrar.*

*Olívio: **Esses ônibus aqui nós conseguimos no Ministério Público. Nós reunimos com o Sandro, o Secretário de Transporte na época. Tinha um ônibus de manhã, 6h20, que ia pro centro, e de tardezinha, 6h10 ele saia do centro. Daí na época da reeleição do Ayrton, daí eu falei com o pessoal: - Vamo lá agora que nessa época a gente consegue. Daí eu fui com meus companheiro, reunimo com Sandro, mas eles num conversava nada. Ele dava o argumento dele e eu dava o meu. (...)** Ele bateu a mão na mesa e disse: Com essa falta de respeito é nunca que nós vamo colocá o ônibus lá. **Daí nós fomos pro Ministério Público. O promotor da infância e juventude na época, Cláudio Bonet, daí eu falei com ele, ele escreveu tudo aquilo li. Disse: - Eu vou mandar o oficial de justiça fazer uma visita na Vila, e se for isso que ocês tão necessitando, cês têm 99% de chance de consegui. E conseguimos mesmo.***

*Olívio: **Que nem eu faço parte do conselho municipal de saúde... eu bato muito nesse ponto. As pessoa já nasce contaminada. As criança nasce saudável no hospital e antes de chegá em casa já se contamina***

*Vândiner: **Você falou que trabalha no Sindicato da Construção Civil?***

*Olívio: **É, eu sou diretor do sindicato. Desde... 95 mais ou menos. Tens uns dez ano.***

*Olívio: **É bom esses trabalhos porque mexe com as autoridades, uma hora tem que melhorá a situação da vila. Num pode continuar assim. Eu tenho esperança de um dia ser um cidadão, porque até hoje a gente não é. Essa Vila aqui num tá no mapa de Novo Hamburgo. Só dali pra cima, da Pontarena. Nós somos só uma mancha.***

Da mesma forma, as falas de Borgueti, mostram uma pessoa participante dos problemas da Vila, que está sempre reivindicando do poder público melhores condições para a comunidade.

*Vândiner: **Pela associação dos moradores vocês conseguiram muitos benefícios pra Vila?***

*Borgueti: **A primeira que nós conseguimos é que fizesse o valo e aterrasse a lagoa. (...)** Alguma melhoria nas rua quando tá ruim mesmo, **a gente faz reunião ou eu mesmo vou lá [na prefeitura]. Na Câmara, eu não vou mais, não se resolve nada pela Câmara. Fizemos até uma plenária na Câmara com nossa associação. Daí colocamos nossa necessidade, mas não conseguimos nada pelos vereador. Quando a gente quer alguma coisa, a gente chama a pessoa responsável pela aquela área. O secretário de habitação***

ou o de obra, mas não resolve muito, faz alguma coisinha. A gente não consegue muita coisa. O que a gente conseguiu com associação é a sede nova, né? Não tem capela mortuária, a gente usa pra velar os mortos e pra fazer festa né? De aniversário de casamento, ou uma reunião.

*Aqui na comunidade não tinha nada. Não tinha igreja... (...) Os alemão dero também essa sede que era uma igreja de crente. Os alemão compraro e dero pra associação. Daí me convidaro pra ir na missa num sábado de tarde, daí eu disse que ia, mas antes de começar a missa veio um vê se eu ia mesmo. Bah, eles queria que eu ia pra eles me colocá... O padre, lá na capela, já começou a falar: - **Vão votá primeiro pra presidente. Daí eu votei num cara e ele só teve um voto e o resto tudo votou em mim.***

(...) Mas quando a gente pressiona, faz uma reunião pra dizer que tá ruim, falta uma pedra brita, como tá agora, aí eks dão uma tapeada, bota uma pedra brita. A última vez que o Prefeito veio aí, última e única que ele veio numa reunião, nós convidamo ele e eu disse pra ele que, se no mandato dele ele fizesse quatro rua na Vila, já tava bom, né? Se cada um tivesse feito uma rua por ano a gente já não tinha os problema. Esse último asfaltô a rua da Lagoa ali, mas no esgoto só dero uma tapeada. Se der problema no esgoto, aí tem que quebrá tudo aí.

Vândiner: Desde quando você é presidente da associação?

Borgueti: Vai fazer 5 ano já.

O segundo grupo de análise, *Nomeando riscos e perigos*, foi pensado ainda no início da investigação, quando comecei a perceber que o risco é interpretado de maneira distinta pelas pessoas, podendo nem mesmo ser declarado como risco. Percebi também que às vezes as pessoas falavam de situações usualmente consideradas de risco pela maioria da população, mas, contraditoriamente, afirmavam que estas não eram de risco. Foi aí que vi a necessidade de observar o repertório interpretativo da comunidade. A grande maioria dos entrevistados nomeou de problema o que também poderia ser nomeado de risco ou perigo. Surgiu então a unidade de análise *Problemas também são riscos*. A recorrência de enunciados que indicam a ausência de riscos na Vila, pela leitura dos moradores, pode ser encontrada em todas as entrevistas. Até mesmo quando o entrevistado admite a presença de risco, logo se posiciona em defesa do lugar onde mora, falando sobre os “problemas” que ele enfrenta na Vila. Quando fazia uma pergunta utilizando a palavra perigo o entrevistado quase sempre o relacionava à criminalidade, ignorando outros fatores. Assim, a meu ver, em grande parte das entrevistas onde aparece a palavra problema, esta pode ser substituída por risco ou perigo. Para conseguir identificar esta aproximação em alguns momentos, substituí nas perguntas a palavra risco por problema. Vários exemplos foram apresentados ao longo do texto, entretanto parece-me relevante citar mais alguns.

Borgueti: Perigo é em todos os bairro, nós nunca tivemos problema com ninguém.

Quando morre alguém, quando eles se mata entre ladrão ou traficante, é gente de outros bairro. Quem mora em outros bairro acha aqui perigo, nós que moremo aqui achamo lá. Mas isso vai do morador não se envolver com nada.

Vândiner: Que tipo de problemas essas pessoas [que procuram a Pastoral da Criança] têm?

Marli: De todo tipo. De todo tipo... a principal é a necessidade... é a fome. A Pastoral não dá nada, mas... a gente ganha uma doação, né? De 80 pila [reais] de alimento, mas quanto dá 80 pila? Dá um quilo pra cada um. Mas já ajuda, né? Porque muitas vezes elas não têm um quilo de comida pra comer. Mas a gente orienta muito, mostrar os caminhos. Até agora, a gente tá fazendo um projeto, as irmãs tão fazendo um projeto pra ajudá elas. A gente vai ensinar fuxico, costura, tricô e crochê. Pra ser uma renda pra elas, aprendendo fazer pra depois fazer e vendê. A gente tá tentando, né? Mas é que elas tão tão desanimada... que elas não querem participar de nada, fazê quase nada. Tão com auto-estima lá embaixo, né? Tem que melhorá a auto-estima delas, porque tá muito baixa, muito baixa. Elas não se movimentam pra nada.

Marli: Mesmo pra gente que mora aqui é perigoso. Uma bala perdida por aí. Não tem como! E meu marido não tem condição de me buscar na parada todo dia de noite. Ele trabalha muito no pesado, como é que eu vou pedi o home pra me buscar de noite, né?

Vândiner: Você acha perigoso de viver aqui?

Marli: Eu não acho perigo, pra nós que vivemo aqui. Eu acho mais perigoso lá em cima.

Vândiner: Quais são os principais problemas que você vê na Vila?

Marli: O saneamento básico. As crianças brincando no esgoto. Cheios de feridas. E como é que a gente vai pedi pra mãe cuidá, se quando sai da casa, já na beirada já pisa no esgoto? Como? Não tem como. O esgoto, quando chove, essas ruas é puro esgoto. Nem todos eles têm uma bota de borracha. Precisa de uma bota pra andar lá no esgoto.

Marli: A gente precisa muito disso aí, né? Olha aí, daí as criança tão no esgoto, aí tem ferida, tem alguma coisa, chega no posto, daí não tem médico. Tinha só duas pediatra de manhã, e de tarde não tinha médico.

Eva: Isso aqui é perigoso, já encontraram carro depenado, sabe? Tá loco!

Adão: (...) mas quando chegava as hora da noite, menina, essas menina chorava [aponta a filha] por causas dos estudo, lá elas nunca tinha visto violência, E eu já tinha morado no Paraná num lugar violento, aí chegava à noite e era um tirotel, as gangue se provocando, tirotel pra cima. Aí, elas chorando - Pai, vamos embora...tão se matano tudo, vão matá o senhor aí também. E eu disse: - Olha, minhas filha, a gente não conhece ninguém, a gente não sabe o nome de ninguém, aqui não se vai em festa, não se vai em baile. É só do serviço pra casa e da casa pro serviço e não se dá informa de ninguém. Não sabe nada. Nós vivemo aqui, vamos vivê ao menos uns dois, três ano, se nuns três ano não melhorá aí... Nós tudo vai trabalhá e guardá o dinherinho... tudo vai nessa idéia, se melhorá, ficamos aqui, e se não melhorá, nos reunimos nosso dinherinho e iremos de volta embora. Expliquei bem pra eles, né? E começemos, não fomo em festa, não fomo em baile, em nada, nada...

Vândiner: O que costuma acontecer de perigoso?

Helenita: Hii, matam.

Olívio: É terrível.

Helenita: Agora, há pouco tempo mataram uma senhora aqui na frente. Ganhou um coronhada na cabeça. Não teve condição de se tratar. Deu câncer lá, um coágulo, não tirou e quando foi tirar, deu derrame, de certo. E acabou morrendo. Num tinha nem 50 ano.

Olívio: A brigada não tem como fazer um trabalho bom aqui. Se entra lá em cima perto da Associação onde nós tava aquele dia e desce até lá embaixo... pra achar uma travessa pra sair aqui... Como é que a brigada vai fazer um trabalho bom? Faz uma batida, entram num bequinho...

Olívio: Depois é complicado, uma pessoa que nem você entrar numa Vila que nem essa aqui é complicado. Sozinha... podem tomar o carro, o coisa assim..

Para (sobre)viver aos constantes riscos, ou problemas, as pessoas criaram/criam estratégias variadas. Estas estavam/estão relacionadas à tentativa de diminuir, afastar ou resolver os ditos problemas. Para verificar a construção dos conhecimentos cotidianos na Vila, mais que analisar os materiais onde estes aparecem, foi preciso fazer conexões entre os riscos/problemas quando identificados e a construção dos conhecimentos. Assim, trazer alguns excertos como exemplo desta construção deixará a desejar no quesito conexão. A unidade de análise *O risco mobiliza* não existiria sozinha. Peço então aos leitores que tragam à memória as ações que os moradores da Vila se dispuseram a fazer para melhorar a qualidade de suas vidas. Para isso, vale lembrar “fatores de risco” presentes naquele lugar: pobreza, desemprego, fome, doenças, falta de infra-estrutura básica (água, energia, transporte, acesso à locomoção, saneamento), discriminação, moradia inadequada etc. Para cada fator desse há, ao longo do texto, pelo menos um exemplo de fala ou recorte de jornal que mostra a mobilização coletiva ou individual em prol de mudanças para a melhor. Os moradores, desde a constituição da Vila, perceberam que era preciso agir em vez de esperar do poder público a solução de seus problemas.

Em *O sujeito e o poder*, Foucault apresenta uma relação de lutas que percebe não apenas como anti-autoritárias, mas que merecem atenção por coisas que têm em comum com a relação. Não se trata de perceber a luta diária como “a favor ou contra o 'indivíduo'”; mais que isso, são batalhas contra o 'governo da individualização’. Essas lutas “são uma oposição aos efeitos de poder relacionados ao saber, à competência e à qualificação: lutas contra os privilégios do saber. Porém, são também uma oposição ao segredo, à deformação e às representações mistificadoras impostas às pessoas” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Defendo a idéia de que muitos dos conhecimentos

construídos na Vila Palmeira sem o auxílio da escola são então uma forma de luta contra os privilégios do saber.

Desejaria trazer aos leitores uma maior quantidade dos materiais coletados, mas há limitações de diferentes ordens. Para finalizar esta apresentação, cito mais alguns excertos de fala com a finalidade de compartilhar com os leitores um pouco mais desse universo de informações.

João: Todo mundo é do interior; né? Todo mundo vem em busca do emprego. Chega aqui, às vezes não consegue, aí se coloca de qualquer jeito. Faz biscate: pedreiro, construtor, juntador de papel.

João: Chegou a acontecer 284 despejos decretado; chegaram a tirar uma família. Aí o pessoal se revoltou com aquilo. Foi nesse sentido que o pessoal começou a se reunir força. Houve violência, houve paulada, facada. Antes cada um ia trabalhar; voltava pra sua casinha, ninguém conhecia ninguém. Depois disso aí que o pessoal começou a se conhecer. Conseguimos assessoria técnica e jurídica pra criar a cooperativa. [anexos 18, 18a, 18b]

Eva: Não, eles invadiram, eles até não tinham nem água nem luz aqui. Eles puxavam [gato]. Agora tem esse poste, tanto é que os agentes de saúde não cuidam desse lado [às margens do dique], tem o agente que visita, sabe? Mas é eles [da prefeitura] que não deixa sabe? A prefeitura não queria... aqui é tudo invadido, então a prefeitura não dá assistência nenhuma, só porque não tá ...

Vândiner: Regularizado?

Eva: É.

Eva: Foram melhorando, tinha umas casinhas mais simples, aqui tinha era mais barraquinho, sabe? Tinha uns barraquinho aqui, guria, tudo coberto com aquela lona preta. Muita casa pegou fogo... Ai!... As casinha era muito encostada uma na outra, com fogão à lenha. Queimou muitas casa, muitas vezes. Eu vinha trazer ajuda, ajuda da igreja, daí, os padre ajuda muito, as irmãs também, sabe?

Vândiner: Lá pra cima as casas também foram mudando? [área mais antiga da Vila]

Eva: Foram. Era tudo casa mais comum, agora fizeram de tijolo.

Vândiner: A primeira casa que o Borgueti fez foi de madeira, né?

Eva: Aham. E depois ele começou a fazer de material, mas demoliu, fez melhor, né? Foi melhorando...

Eva: Ajuda, ajuda [construir as casas]. Tem uns vizinho bom que ajuda, tem uns que não sabe fazer, mas uma mão lava a outra, um ajuda o outro.

Vândiner: Quando vocês começaram a mexer com reciclagem?

Helenita: É assim ó, lá em Tramandaí, aqui antes eu trabalhava na fábrica de calçado, né? Ele [marido] lá em Tramandaí... daí era pedreiro, ele tinha uma carroça e trazia algum material que sobrava, daí vinha juntando, daí tinha um amigo nosso na prefeitura, ele trazia material, né? Aí vinha... papelão, papel branco, aí a gente foi juntando... no depósito na frente de casa... daí o que saía no bar a gente guardava, o que as criança trazia na vinda do colégio a gente ia juntando e, no fim, o preço era bom, daí continuamos e fomos tocando pra frente....

Vândiner: E ele aprendeu a trabalhar como pedreiro com quem?

Helenita: eu acho que no mundo da lua, como diz o outro... Ele era sozinho, não parava, né? Daí... tomô o gostinho e foi embora pra praia fazê bico.

Eva: Os agentes de saúde tão vindo visitar vocês aqui?

Helenita: Eles num atravessa a ponte [em um dos lados do valo, os lotes são regulamentados]. Eu pedi à vizinha [agente de saúde do posto que mora em frente a casa de Helenita] pra tirar minha pressão, ela veio sem querer... Eu boto minha boca... eu mando logo (...) não quero saber.

Helenita: Minha guria chegô braba em casa. _A guria disse que eu sô pobre! Eu disse: _ Todos nós semo pobre... - É porque meu pai tem uma carroça [disse a menina]. Aí eu fui lá e falei com professora: - Olha, o que tão falando com a guria? A guria já é ruizinha... daí com isso na cabeça... - Daí eu vô conversar com a guria [disse a professora]. Põe isso na cabeça da criança, só porque tem uma carroça, por quê? E juntar material, isso é vergonhoso? Aqui tem um guri, a mulherzinha dele... onde tem uma lixeira vai ela não quer nem saber... e anda toda bonitinha...

Vândiner: Sempre trabalhou como pedreiro?

Paulo: Não, nem sempre... comecei como ajudante. Aí pegando o jeito, pegando o jeito. eu pego hoje uma planta baixa, uma planta alta e entrego a chave na mão.

Vândiner: Helenita estava me falando que você é pedreiro também, e com quem você aprendeu a ser pedreiro?

Paulo: Com vida... a vida me ensinou, a gente tem que aprender...

Olívio: Tudo que a gente conseguiu aqui na Vila, foi tudo na marra. Através do ministério público, coisas assim, porque o governo só tem vontade na época de eleição.

Olívio: Aqui eu fiz uma reportagem meia marôta [mostra jornal], bem agressiva pra eles. Eu tenho duas também de uma senhora que ... duas criança ali, foram atravessar o arroio e as duas caíram ali na água, uma tinha 5 ano e a outra tinha 13, no esgoto.

Leonida: Teve uma outra que caiu e ficou doente ali no valo, pegou aquela doença do rato.

Borgueti: Foi eu que construí as peça. Eu já tinha o terreno, aí construí duas pra morá e duas já aluguei. Fiz quatro, duas pra alugar; duas pra morar. Eu ia fazeno, né? Ia recebendo e eu mesmo ia fazeno.

Borgueti: Lá fora eu antes de eu vir, eu trabalhei uns seis mês com um primo meu, que ele sabia construí, aí eu comecei com ele lá e peguei o jeito e, vino pra cá, eu fui construino, né? Fui pegano, praticano. Se faz errado hoje, fica melhor amanhã, né?

As unidades de análise apresentadas foram uma forma de sistematizar a investigação, permitindo fazer agrupamentos e seleções, que constituíram esta pesquisa. Na última seção, trago algumas reflexões que mais se assemelham a problematizações do que a uma conclusão. Termino esta dissertação acreditando que as discussões levantadas continuarão povoando as minhas

indagações – e futuras ações profissionais e pessoais – nas tessituras entre currículo, cultura e sociedade.

5.2 Para finalizar, ao menos por ora

Trata-se de uma coisa mais alta, trata-se de uma experiência científica. Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha idéia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante.

Machado de Assis³¹

Compactuo com o que diz Machado de Assis, ou melhor, com Dr. Simão Bacamarte: a ciência é uma investigação constante. Chego a esta última seção com grata experiência de ter me feito ao menos aprendiz de pesquisadora. Ao longo desta investigação preocupei-me, em mostrar que a construção de conhecimentos pode acontecer fora do meio acadêmico, sendo os conhecimentos que nomeio de cotidianos tão válidos quanto os conhecimentos científicos e escolares, cada qual com seu papel de importância. Enfatizei a análise da construção de conhecimentos fora escola como sendo também uma estratégia para resolver problemas e, conseqüentemente, uma busca por melhor qualidade de vida. Partindo dessa premissa, demonstrei que a conexão entre essa construção e a busca por melhores condições de vida estava estreitamente vinculada à exposição das pessoas a situações risco e à presença de “fatores de risco”. Assim sendo, o risco foi interpretado como impulsionador da construção de conhecimentos.

Preocupei-me em entender o que pode ser considerado risco, sobretudo na contemporaneidade. Nos meus estudos, percebi que a silenciosidade dos riscos se contrapõe aos estrondos das conseqüências de uma sociedade, onde os riscos são cada dia mais imponderáveis, onde os perigos são vividos até mesmo antes de se identificar os riscos. O sonho de um futuro previsível mostrou que pode evaporar diante do inimaginável. Ter de abandonar nossas certezas – marcas da Ciências na virada do século 19 para o 20, para conviver, nessa aurora trimilenar, com as incertezas, não é algo trivial. Uso a expressão

³¹ *O Alienista*. 22. ed. 1992. p. 17.

cunhada por Beck, *sociedade do risco*, para atribuir ao momento que vivemos a característica de dividir não mais os bens, mas, sobretudo, os riscos. Afirmei que esta divisão não é igualitária, sendo, predominantemente, seletiva dentro dos grupos sociais. Os pobres, para não fugir à regra, têm sofrido com as conseqüências mais árduas dessa divisão. A Vila Palmeira caracterizou bem esta minha afirmação.

Desenvolvi uma discussão na qual defendi que a presença de determinados fatores pode caracterizar uma comunidade como de risco. Dentro do grupo de fatores comumente caracterizados como de risco, muitos estão presentes na Vila Palmeira. A avaliação de especialistas gera um processo de constituição dos dados que fazem o perfil dos riscos. De modo geral, as avaliações estão subordinadas às decisões da gerência. Assim, aquilo que configura risco passa a ser prevenido, resolvido ou ignorado de acordo com uma gama de interesses. A intervenção não está ligada estritamente ao diagnóstico de um lugar ou grupos de pessoas, sendo as conveniências para a gestão destes riscos o fator predominante.

Ao se traçar perfiz de risco, não interessa pura e simplesmente coibir determinadas atitudes e situações de risco, ou controlá-las. Compreendi que se almeja uma “gestão autonomizada” (CASTEL, 1986). Daí também se aproveita a idéia de que os riscos são construídos socialmente, sendo resultado de escolhas pessoais. Nessa perspectiva, as pessoas devem se auto-controlar e se auto-prevenir, mantendo-se distante dos riscos. Porém, argumentei que as escolhas não dependem unicamente de vontade própria, uma vez que grande parte das “situações sociais de perigo” é resultado das mazelas sociais. Viver numa vila, por exemplo, não pode ser considerada uma escolha mais ou menos acertada, mas uma restrição diante das escolhas possíveis. A especulação imobiliária, dentre outros fatores, não permite aos grupos sociais mais pobres adquirirem um lugar mais bem estruturado para viver.

Por meio de reportagens de jornais, mostrei como a mídia veicula, com freqüência, os riscos a que a Vila Palmeira está exposta, o que me permitiu deduzir que os moradores da Vila não estão totalmente ignorantes das situações lá vivenciadas. Além da restrita opção para escolha de um lugar para se viver, destaquei que a percepção social se difere bastante da percepção dita científica.

Comentei que vivenciar as situações no cotidiano faz com que os riscos sejam vistos de maneira mais branda ou que sejam menosprezados. Li também que os moradores criam um mecanismo de proteção pessoal, dizendo que a Vila não é perigosa - como pode ser constatado em vários excertos de falas -, mesmo que em contradição façam uma lista de riscos e perigos vivenciados. O pavor mobilizaria, impedindo a ação, e, definitivamente, os moradores da Vila Palmeira se mostraram numa busca constante por melhores condições de vida.

O que representa situações de risco para a comunidade nem sempre está relacionado ao entendimento experto, mas muito mais às experiências cotidianas de quem vive a situação. Diante dessa constatação, entendi que a interpretação das condições de possíveis riscos envolve não apenas saberes acadêmicos, pois a *expertise* não tem uma visão do todo. Os saberes especialistas vêm se dividindo em subáreas que impedem que esta interpretação seja mais abrangente. As correlações de fatores de risco, que podem ser independentes (CASTEL, 1987), dificultam ainda mais as avaliações. O morador acaba, por meio da convivência, conhecendo as muitas facetas dos riscos, enquanto expertos utilizam seus saberes acadêmicos, criando mecanismos diversos para dizer o que é ou não risco, não raras vezes, sem ao menos conhecer fisicamente o lugar. As estatísticas são predominantes nessas avaliações peritas.

Ainda que os moradores possuam conhecimento do que é arriscado para suas vidas, estes não são convidados a participar da elaboração das avaliações sobre os riscos que assolam a comunidade. É neste sentido que concluí que não há interesse, por parte de quem solicita os laudos de periculosidade da Vila Palmeira, de incluir as interpretações dos moradores nas avaliações. Quanto mais a população participar, menos as políticas preventivas serão funcionais, pois estas têm um caráter de gestão administrativa, separando intervenção de prevenção. “Elas desconstroem também o sujeito concreto da intervenção para recompô-lo, a partir de uma configuração de elementos heterogêneos” (CASTEL, 1987, p. 126). Não basta, então, morar na Vila Palmeira para ser considerado em risco, mas ter vários outros fatores associados, como, por exemplo, estar desempregado, doente, mãe solteira, órfão etc.

Concluí que a falta de relação com o imediatismo que estas políticas de

prevenção trabalham, não coincide com os anseios da comunidade que por viverem o risco, sempre terão interesses não só na prevenção, como também na resolução imediata da situação. Tendo em vista as condições do meio em que vivem os moradores da Vila Palmeira, os objetivos das políticas de vigilância do risco - “tratar menos de afrontar uma situação já perigosa do que de antecipar todas as figuras possíveis de irrupção do perigo” (CASTEL, 1987, p. 126), não respondem às necessidades dos moradores, já que eles vivem num meio onde a imponderabilidade do risco é uma constante. Mesmo que se previnam algumas formas de risco, as condições do meio incitam novos riscos com uma frequência que a vigilância não consegue acompanhar. Outro problema, talvez ainda maior, é a falta de “manutenção” dessa política preventiva. Para prevenir é preciso resolver as situações em tempo hábil do não acontecimento dos perigos. Isso não é a realidade da Vila Palmeira. Muitas situações de risco vivenciadas durante a ocupação da Vila podem ser vistas na pauta do dia.

Argumentei sob esta constatação que a contingência dos riscos e a falta de apoio governamental para a resolução de problemas fazem com que os moradores da Vila Palmeira não esperem de braços cruzados que as coisas se resolvam. Assim, vão criando estratégias, ou melhor, conhecimentos que possam auxiliar na solução ou redução das situações que possam gerar perigos. Desenvolvi, então, a idéia de que os conhecimentos cotidianos observados nesta pesquisa estavam sim, estreitamente relacionados à presença de situações de risco. Interpretei as estratégias criadas pelos moradores da Vila como uma forma de construção de conhecimentos que independe de se ter estudado numa escola, ainda que discursos acadêmicos façam parte do vocabulário utilizado.

Preocupe-me em entender como os moradores da Vila Palmeira interpretam as situações cotidianas, que para expertos seriam consideradas de risco. Compreender o repertório interpretativo utilizado na Vila foi fundamental para que eu não levasse em consideração apenas as minhas interpretações sobre o que é risco, e menos ainda, utilizasse somente as definições da *expertise*. Foi nessa minha empreitada de análise do vocabulário utilizado por meus colaboradores que compreendi que ainda que houvesse fatores de risco na Vila, estes só seriam evitados quando reconhecidos como tal. Assim sendo, para identificar os conhecimentos produzidos, tive antes de identificar nas falas

e atitudes dos moradores o que era considerado risco.

Parece que se pode aceitar que os conhecimentos cotidianos são construídos com o objetivo principal de contribuir com a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Pude constatar que as estratégias para esta construção são as mais variadas possíveis – vale recordar o trecho da entrevista do Sr. Adão Schmidt (p. 96), que buscou no colega de trabalho o apoio para aprender a ser vigia. Nesta mesma entrevista, e em outras, percebi que a escola era ligada mais *status* e menos às necessidades impostas pela vida.

Com base neste contexto, tezi argumentações acerca de como os conhecimentos cotidianos são tratados na escola. A inquietação foi instigada já no primeiro encontro com o Borgueti e a Eva, onde ambos falam da desvalorização deste conhecimento e se mostraram entusiasmados por alguém que acredita na importância do que se aprende fora da escola.

As falas de Eva evidenciam o interesse em mostrar o quanto o marido conseguiu melhorar de vida, mesmo tendo freqüentado pouco a escola. Salienta várias vezes, que ele aprendeu tudo com a (escola da) vida, enunciado recorrente em diferentes entrevistas. A fala da referida entrevistada que utilizo como epígrafe do capítulo 4, põe a escola como instituição que tem objetivos definidos, e, que estes objetivos não estão direcionados às coisas da vida.

Problematizei a questão da constituição do currículo escolar, refletindo sobre a presença dos conhecimentos cotidianos na escola. A pesquisa empírica me permitiu fazer correlações com minha experiência como professora, quando vi o conhecimento cotidiano ser “jogado” à margem das atividades escolares, e com os estudos teóricos sobre currículo que desenvolvi, sobretudo durante o desenvolvimento da pesquisa.

A constituição do currículo é recheada de seleções que envolvem relações de poder-saber. Nessas seleções, o conhecimento cotidiano não é incluído por ser considerado de menor valor. Os conhecimentos instituem “determinadas verdades” que são reproduzidas pela escola, entretanto o que interessa não é qual escolha é mais verdadeira, e sim, a qual será dada o valor de verdadeira. Os conhecimentos escolares são valorizados por terem como alicerce os conhecimentos científicos. Pelas entrevistas, pude perceber que a escola é reconhecida como instituição que permite *status*, não sendo indispensável, ou

até mesmo não dando conta de colaborar com a resolução de “problemas” criados fora dela. Os moradores da Vila argumentaram que vivenciar as coisas da vida pode capacitar mais para as atividades de que eles necessitam. Reitero que a discussão sobre as questões curriculares priorizaram formulações teóricas com o objetivo de marcar um certo olhar e a possibilidade de múltiplas interpretações da constituição deste, refletindo sobre as eleições dos conteúdos, valores e interesses que envolvem a formulação dos currículos escolares. As reflexões expostas não têm a pretensão de esgotar a temática, criando, sim, problematizações acerca do assunto.

Na análise de situações observadas na Vila e de entrevistas, entendi que o conhecimento cotidiano é uma forma de resistência nas relações de força dentro e fora da escola. Fazer com que o conhecimento produzido sem o auxílio da escola seja reconhecido, não deixa de ser uma maneira de dizer que este conhecimento também é válido. O saber, institucionalizado ou não, é constituído como uma forma de poder. Neste sentido, sustento a idéia de que o conhecimento cotidiano provoca rupturas na escola, movimentando a ordem das coisas. Acredito na possibilidade de retirar estes conhecimentos da marginalidade. É preciso repensar a estrutura e a constituição do currículo, atentando para a forma como está estruturado, com uma disciplinarização rígida, que mantêm a concepção dos saberes dos mestres como os únicos verdadeiros, monopolizando uma dita verdade e não ensejando espaço para a flexibilidade do conhecimento cotidiano.

Nesta dissertação, não tive a preocupação de desenvolver um estudo que se reportasse continuamente às questões da Educação Ambiental que chamei atenção no início deste texto. Minha intenção, reitero, foi refletir sobre como cada ação do dia-a-dia está envolvida com as questões ambientais, como, a cada conhecimento construído, as pessoas da Vila Palmeira estavam trabalhando para a melhor ou pior qualidade do meio. No contexto da Vila, compreendo que há um limite possível aos moradores para agir de maneira a não degradar ou conservar o meio. A presença deles na área já pode ser considerada uma forma de agressão ambiental, mas não tenho a pretensão de imaginar toda aquela área desocupada, para benefício da Reserva e da área de banhado, pois questões sociais mais abrangentes envolvem esta possibilidade. Uma observação é importante: se pensasse que apenas a degradação do meio

não humano seria prejudicial, estaria ratificando afirmações de quem percebe apenas “matas e bichos” urgentes de socorro. Se cada morador luta quase todos os dias para a melhoria da qualidade de suas vidas, está melhorando objetivamente o meio ambiente. Não falo aqui de uma melhoria ambiciosa como a dos latifundiários de criação de gado ou do plantio de soja, que destroem o meio não humano, e também o humano com a expulsão de homens e mulheres para as cidades, apenas em benefício próprio, por luxo, egoísmo e até por vaidade, mas de uma melhoria que procura as condições mínimas de dignidade para os seres humanos. Como diz Sato (2003)³², “Uma linha de dignidade deve ser arquitetada, como um espaço de confluência e suficiência para todos os seres vivos, que permita o exercício de direitos e da satisfação das necessidades humanas, limitando os níveis excessivos da riqueza e de consumo”.

Concluo que a maioria dos moradores que colaboraram com esta pesquisa pode ser considerada como envolvida num fazer Educação Ambiental. Suas ações cotidianas buscaram, em grande parte, melhorar a qualidade de vida, atrelada às melhorias do meio material. Não descarto a idéia de que seria necessário um trabalho sistematizado de Educação Ambiental na Vila Palmeira, para levar informações que muitas vezes seus moradores ignoram. No entanto, seria preciso assumir que muitos dos problemas encontrados na Vila poderiam ser resolvidos com a parceria do poder público.

Admito que alguns conceitos citados e discussões levantadas não foram desenvolvidos ou aprofundados durante este trabalho, mas fazer pesquisa é também fazer escolhas. Optei por fazer uma seleção que me pareceu mais cara para este momento.

As escolhas que fiz, os caminhos que segui, muitas vezes sendo escolhida por eles, me proporcionaram investigar as minhas insatisfações, descobrir outras que me desafiaram e me permitiram iniciar minha caminhada como pesquisadora. Sei que acabei dando um espaço significativo às histórias da constituição da Vila Palmeira, com o objetivo de problematizar a elaboração também dos conhecimentos cotidianos que foram constituindo os sujeitos daquele lugar. As verdades que circulam nessas histórias não foram apresentadas para serem colocadas à prova, ou para daí criar uma Verdade.

32 Site oferece paginação. Disponível na Internet. <http://www.repea.org.br/2encontro/2003/conf05.htm>

Essas verdades foram trazidas para que pudessem levantar dúvidas sobre o *status* que damos a elas. A discussão a respeito do valor dado aos conhecimentos construídos sem o auxílio da escola não terminam aqui, mesmo porque meu intuito não foi instituir uma Verdade, mas permitir que essa discussão continue ativa.

Referências

ANÔNIMO. "Comando de resistência" ficou em vigília para impedir as expulsões. *Jornal NH*. Novo Hamburgo, 22 nov. 1983.

_____. Bairro Santo Afonso tem uma cooperativa de consumo e de terra. *Jornal NH*. Novo Hamburgo, 12 jul. 1985.

_____. Coobasa, união de esforços visando o bem comum. *Jornal NH*. Novo Hamburgo, 25 e 26 ago. 1990.

_____. Entrevista: Olívio Borges, presidente da associação de moradores da vila, quer a regularização dos terrenos dos moradores e afirma que: "Hoje não tem governo na Vila Palmeira". *Folha de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo, 02 nov. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 171 p.

BECK, Ulrich. *La sociedad del riesgo global*. Trad. Jesús Alborés Rey. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 2002. 290p.

_____. *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Trad. Jorge Navarro, Daniel Jiménez y Maria Rosa Borrás. Buenos Aires: Paidós, 1998. 304p.

CAMPOS, Antônio Valmor. *O reconhecimento de agricultores do município e Anchieta-SC, que cultivam sementes de milho crioulo, como pesquisadores e detentores de direito da propriedade intelectual sobre a melhoria dessas sementes*. São Leopoldo: PPG Educação/UNISINOS, 2006. 97p. Dissertação de Mestrado.

CASTEL, Robert. *A gestão dos riscos: da antipsiquiatria à pós-psicanálise*. Trad. de Celina Luz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. 198p.

CASTRO, Suzana Aneas. Riesgo y peligro: una visión desde la Geografía. *Scripta Nova*. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, n. 60, 15 de marzo. 2000.

CHASSOT, Attico. *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação*. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2001. 438p.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós críticas em Educação. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 250p.

_____. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *Caminhos investigativos: novos olhares da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

COSTA, Marisa Vorraber. Introdução - Novos olhares na pesquisa em educação. In: _____. *Caminhos investigativos: novos olhares da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 11-22.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Cadernos de Pesquisa, n.114, p. 197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295p.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel*

Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. Poder e saber. In: MOTTA, Manuel Barros da. (org.). *Estratégia, poder-saber.* Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. Ditos e Escritos IV, p. 223-240.

_____. *Arqueologia do saber.* 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. 239p.

_____. *A ordem do discurso.* Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005a. 79p.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade.* Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991. 177p.

_____. *Modernidade e identidade.* Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 233p.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas.* 8.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. 260p.

LUPTON, Deborah. *Risk.* London and New York: Routledge, 1999. 184p.

REICHERT, Inês Caroline. *Buscando criar raízes: preservação dos saberes das famílias de migrantes rurais em uma prática de educação ambiental.* São Leopoldo: PPG Educação/UNISINOS, 1998. 181p. Dissertação de Mestrado.

SATO, Michèle.; CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Educação ambiental: pesquisa e desafios.* Porto Alegre: Artmed, 2005. 232p.

SILVA, Denilson da. *A roda d'água termina com o apagão nos currículos e transforma o ensino da conservação da energia.* São Leopoldo: PPG Educação/UNISINOS, 1998. 119p. Dissertação de Mestrado.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 153p.

_____. Dr. Nietzsche curricularista – com uma pequena ajuda do professor Deleuze. In: MOREIRA, Antônio Flávio.; MACÊDO, Elizabeth. (org.). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades.* Porto: Porto Editora, 2002. p. 35- 52

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.* Rio de Janeiro. DP&A, 2002. p. 119-141.

SPINK, Mary Jane. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n.6, v.17, p. 1277-1288, nov./dez. 2001.

_____. (org). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.* 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004. 296p.

_____. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a. 87p.

VARELA, Julia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org). *O*

sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 87-96

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e educação: há algo sob o sol. In: _____. *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995. p. 9-56.

_____. *A ordem das disciplinas*. Porto Alegre: PPG Educação/UFGRS, 1996. 322p. Tese de Doutorado.

_____. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org). *Caminhos investigativos: novos olhares da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro. DP&A, 2002. p. 23-38.

Referências da Web

ALMEIDA FILHO, Naomar. *O homem dos riscos*. Disponível na Internet. http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc_epid.html. 04 junho. 2005.

_____. *Anotações sobre o conceito epidemiológico de risco*. Disponível na Internet. http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/risc_epid.html. 04 junho. 2005.

CASTEL. Robert. *De la peligrosidad al riesgo*. 1986. Disponível na Internet. <http://72.14.209.104/search?q=cache:ji9chu6Srksj:www.cepsuc.cl/apuntes/PROBLEMAS%2520PSICOSOCIALES/Jaramillo/Resumen%2520DE%2520LA%2520PELIGROSIDAD%2520AL%2520RIESGO,%2520Castel.doc+de+la+peligrosidad+al+rie go+castel&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1>. 19 dezembro. 2006.

ESTERISCO – Estudos sobre tecnobiociências e risco na sociedade contemporânea. Disponível na Internet. <http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/>. 10-28 julho. 2006.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar processos de seleção cultural e mediação didática*. Disponível na Internet. http://www.educacaoonline.pro.br/conhecimento_escolar.asp. 05 julho. 2005.

LUPTON, Deborah. Risk as moral danger: the social and political functions of risk discourse in public health, *International Journal of Health Services*, Vol. 23, nº 3, p. 425-435. 1993. In: GUILAM, Maria Cristina Rodrigues. *O conceito de risco: sua utilização pela epidemiologia, engenharia e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996. Disponível na Internet. <http://manguinhos.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/maryfim1.htm>. 11 setembro. 2006.

REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental - Mestrado em Educação Ambiental - Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Disponível na Internet. <http://www.remea.furg.br/index.php>. 05 julho a 20 agosto. 2006.

SINOSNET. Disponível na Internet. <http://www.sinos.net>. 05-30 julho.2006.

SATO. Michèle. *Mas o que é educação ambiental mesmo?* Mesa-redonda do II EEEA. Rio Claro: Rede Paulista de Educação Ambiental, 2003. Disponível na Internet. <http://www.repea.org.br/2encontro/2003/conf05.htm>. 08 fevereiro. 2006.

_____. *Identidade da Educação Ambiental como rebeldia contra a hegemonia do desenvolvimento sustentável*. Disponível na Internet. <http://repea.org.br/2encontro/2003/conf05.htm>. 03 maio. 2005.

ANEXOS